

CAPÍTULO II
ENTRE TRAJETÓRIAS E EXPECTATIVAS:
MUITAS MEMÓRIAS DE UM LUGAR.

As entrevistas abrem caminhos para pensarmos e trabalharmos, por exemplo, a noção de fato histórico. Se cada pessoa traz em sua experiência e em suas narrativas elementos de sua cultura, impregnados de seu próprio ponto de vista, forjado em convívio e em conflito na dinâmica social, não só dizemos que, na narrativa, dispomos menos de fatos reconhecidos como tais, do que de textos, de enredos, como também que estes, a seu modo, são também fatos, ou seja, dados de algum modo objetivos, que podem ser analisados e estudados. Nesse sentido, tendemos a tratar sonhos, expectativas, propostas, projetos, fabulações, trazidos por nossos interlocutores, como fatos, passíveis de reflexão objetiva, oferecendo indícios de possibilidades alternativas na realidade social.

*Yara Aun Khoury,
Narrativas orais na investigação
da História Social, 2001.*

No capítulo anterior, procurei abordar um pouco da memória construída na esfera pública de Santa Helena, a qual não se encerra apenas no local, mas conecta-se a determinadas memórias construídas sobre a região Oeste do Paraná. Para tanto, recorri a diferentes suportes, como livros de história publicados no município, monumentos e materiais jornalísticos.

Para o presente capítulo, pretendo estudar as *muitas memórias* do lugar, recorrendo a narrativas orais de trabalhadores, abordados na pesquisa, no intuito de perceber os olhares que lançam sobre suas trajetórias de vida. O objetivo, assim, é abordar as formas como as pessoas vão constituindo suas recordações, a partir de seu lugar social, de uma cultura de classe e das relações que vão sendo estabelecidas com as versões do passado difundidas na esfera pública.

Os depoimentos orais constituíram-se, portanto, em uma fonte muito rica, enquanto registros vivos e lugar privilegiado a partir de onde foi possível captar parte do movimento dinâmico no qual estão inseridas as muitas memórias em disputa no local estudado. Não apresentam, portanto, uma *outra memória*, homogênea, que seja oposta àquela da esfera

pública, mas trazem o intercruzamento de diferentes versões do passado, ordenadas, porém, a partir dos sentidos a elas conferidas por tais sujeitos. Pude notar, então, nesse processo, algumas das características apontadas por Khoury, sobre a cultura popular:

*Na compreensão de culturas populares, entendidas como espaços da diferença na experiência social vivida, a questão da censura é significativa, pela própria natureza das relações sociais e culturais vividas. Práticas e memórias populares obscurecidas à sombra de outras hegemônicas sofrem um processo de censura que se constitui, habitualmente, na impossibilidade de se reconhecerem ante a presença de outras mais poderosas. Descortinar modos de vida específicos requer, então, de nossa parte, o exercício constante de sondar como se forjam em relação com instituições, forças sociais e expressões culturais dominantes, com as quais estão intimamente imbricados.*¹³²

As memórias desses sujeitos estão em constante movimento, assim como o seu *fazer-se* enquanto classe. Não possuindo contornos definidos a partir de conceitos “objetivos”, a cultura popular constantemente refaz-se, inclusive incorporando e reelaborando elementos dominantes. Assim, foi possível notar que não existia nessa sociedade uma memória popular que fosse organizada em um “bloco”, oposto àquelas versões do passado divulgadas pelos setores hegemônicos.

É justamente nessa disputa entre as muitas memórias, percebi, que os sujeitos forjam seu aprendizado, elaboram expectativas e sentidos de pertencimento, bem como reivindicam espaços e participação. É nessa arena que elas constituem sua vida em sociedade e aprendem a política.

Durante o processo de pesquisa, tratei as trajetórias das pessoas entrevistadas como parte das questões levantadas, por constatar um quadro diverso de trabalhadores, vindos de diferentes locais em diversos períodos, com quem tomava contato em meu dia-a-dia em Santa Helena. A presença, na região, de sujeitos diversos àqueles considerados “pioneiros” e, portanto, vindos em períodos posteriores à “colonização” já havia conquistado, recentemente, espaço entre os temas de interesse para a realização de trabalhos acadêmicos.¹³³ Percebia, assim, as limitações de certos modelos homogeneizadores que foram construídos pela memória pública do Oeste do Paraná frente à intensa mobilidade de pessoas que ingressavam e deixavam a região e o município todos os dias.

No trabalho com as fontes orais, ficou patente a importância representada pelo olhar lançado por esses sujeitos sobre suas trajetórias de vida. Nesse momento, foi possível notar

¹³² KHOURY, Yara Aun. “Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história.” In: FENELON Déa Ribeiro et al. (orgs.). op. cit. p. 137.

¹³³ Nesse, há que se notar, em termos de pesquisa histórica, o trabalho de Laverdi, que toma essa diversidade como ponto central de sua discussão. Ver: LAVERDI. op. cit.

formas como eles significavam a si mesmos e aquilo que almejavam ou acreditavam ser,¹³⁴ sendo que a carga subjetiva dessas narrativas permitiu-me perceber maneiras como esses sujeitos utilizam suas memórias para sua própria afirmação perante a sociedade.

Trazem, assim, narrativas e sentidos diferenciados para o passado, embora tenham feito parte de um mesmo processo, de conquista do Oeste do Paraná, pela sociedade nacional. De maneira semelhante, também apresentam noções de tempo diversificadas entre si, apesar de terem vivido em um mesmo período, uma cronologia que vai por volta de 1950 a 2005, recorte escolhido por mim para tratar neste trabalho.

É importante, assim, para a presente discussão, a trajetória de Ernesto Vazzatta,¹³⁵ 71 anos, agricultor aposentado, natural da região de Erechim, noroeste do Rio Grande do Sul. Ele mudou-se para o Oeste Paranaense duas vezes: a primeira na década de 50, a fim de trabalhar na fabricação de erva-mate em Porto Britânia, atual município de Pato Bragado e outra, na década de 60, ainda durante o período da “colonização planejada”, quando comprou uma pequena propriedade rural. Sobre sua vida na região de Erechim, Ernesto a apresentou nos seguintes termos:

(...) Eu sô natural de Erechim. Nasci, na barra do rio Azul [distante sessenta quilômetros de Erechim, a principal cidade da região]. (...) Mas lá nós moremo depois foi na costa do [Rio] Uruguai, [inaudível] trabalhá com cana, né. Eu trabalhei... desde criança, com carroça puxá lenha. Lá se ga, ganhava algum vintém assim, puxá lenha se vendia nos colo, no, nos, na comerciante: alfaiate, celeiro, a... sapateiro, né, lá na... assim se vendia [inaudível] de... lenha inteira, comprei assim, nem cortada, só eu cortava os, pedaço comprido. É, e, na carrocinha de mula, e era quase todos os dias porque era só nós que tinha a carrocinha de mula. Lá quase ninguém tinha. Então... ia toda a semana lá aquela carroçada de lenha, que ninguém [onde ele morava] lá precisava, e daí lá í fazê lenha, eu quantas vez ia, ia carregá a carroça sozinho tchó! [expressão típica de gaúcho com ascendência italiana]. E eu era um piá [menino] de sete, oito ano, carregá a carroça sozinho. Quantas vez eu carreguei a carroça de, oito, nove ano por ali, sozinho, tchó! Põe à mão pau [lenha] em cima, primeiro, depois ia pra levantá ponhava outro dentro, assim, um ponhava em cima e empurrava, né. Eu sofri, olha, eu tenho setenta e um ano. Mas pelo que eu sofri, até me admiro que ainda tá vivo, ainda, né. [aproximado: “Até que”] tá vivo. Carreguei muito peso. Por isso que me falta fôlego assim né. Abala os pulmão assim, não funciona mais direito, né. Tá cansado. É. Foi trabalhado.¹³⁶

¹³⁴ De acordo com Thomson, faz parte do ato de narrar não somente aquilo que a pessoa acredita ser, mas também que almeja ser. Sobre essa questão ver: THOMSON, Alistair. “Recompondo a memória...” op cit. p. 57.

¹³⁵ Ernesto Vazzatta. 71 anos. Agricultor aposentado. Migrou para o oeste do Paraná duas vezes: a primeira em 1954 e a segunda em 1961. Entrevista realizada em 14/07/2004, quarta-feira à tarde, na residência do entrevistado no Centro de Santa Helena.

¹³⁶ Idem. p. 5. Acréscimos meus. Em resposta à questão: “O senhor veio, então, lá de Erechim?”.

Ernesto ressalta em seu depoimento, a importância de Erechim para a região em que vivia, mas, logo apresenta os significados que aquela cidade teve em sua vida, a partir de seu trabalho de vender lenha, quando ainda era um garoto. Sua vida no Rio Grande do Sul é apresentada por meio do trabalho e das dificuldades vividas, as quais tornam-se o enredo de sua narrativa.

Quando concedeu seu depoimento, Ernesto reclamava das dificuldades causadas pela sua doença: insuficiência pulmonar, ocasionada segundo ele pelos trabalhos pesados que havia realizado no decorrer de sua vida. Tal problema também o dificultava de proceder à própria entrevista. Estava, portanto, muito presente naquele momento, o que possivelmente influenciou-o a lembrar do trabalho braçal realizado a partir da venda de lenha.

A partir do sofrimento, Ernesto percebe também as transformações ocorridas na sociedade, desde sua infância até o momento de sua entrevista. Conforme aponta em outras passagens de sua narrativa, acredita que nos períodos mais recentes a vida das pessoas tornou-se muito mais fácil, quando comparada com aquela que levou. Vê um melhoramento nas condições de vida, principalmente quando a compara com o que viveu ainda no Rio Grande do Sul e nos seus “primeiros tempos”, como fala, referindo-se possivelmente à década de 60, no Oeste do Paraná.

Ernesto também relembra a estada de sua família no Rio Grande do Sul, embora seja preciso notar que muitas dessas lembranças não se referem a fatos vividos diretamente por ele, constituindo-se em memórias de família. Lembra-se de seu pai, como homem trabalhador, e das dificuldades que ele (seu pai) também viveu nas terras de relevo acidentado daquela região, difíceis de serem trabalhadas manualmente, forma como era realizada aquela agricultura. A sociedade em que viveu seu pai e ele mesmo, quando jovem, é apresentada conferindo destaque às suas diferenças para com a vida “moderna”, ressaltando a “falta de conforto” e as dificuldades que eram enfrentadas diariamente.

Sobre seu pai, Ernesto também frisa que ele chegou àquele lugar ainda na década de 1920. Como marco para a lembrança aponta a “Revolta”, que segundo ele, foi vista por seu progenitor: *“Falecido pai eu não me lembro mais de que época chegô lá. Tempo do vinte e dois meu... meu pai tava lá trabalhando. Tempo da revolta. Ele enfrentô a revolta lá, ele enfrentô”*.¹³⁷ Tais lembranças referem-se, conforme indaguei-o posteriormente, no que seria a passagem das tropas de Luís Carlos Prestes por aquela região. Esse fato quebra com a aparente harmonia, apresentada por Ernesto, sobre aquela localidade em que viveu sua

¹³⁷ Idem. p. 6. Fragmento da resposta à questão: “E... o seu pai também, ele tinha uma pequena área de terra lá no Rio Grade do Sul?”.

família. Contudo, tal conflito não se dá entre os moradores locais, mas com “estranhos”, os homens da “revolta”.

O ato de o entrevistado trazer esse evento à cena do depoimento, todavia, parece-me ligado à ênfase conferida à “Coluna Prestes” na memória pública de Santa Helena.¹³⁸ Ele mesmo foi uma das pessoas consultadas pelo “Projeto Memória de Santa Helena”, como fiquei sabendo após entrevistá-lo, que por meio da obra de Colodel deu uma grande atenção ao episódio. Ernesto narra, assim, os fatos vivenciados pelo seu pai, bem como as histórias ouvidas em Porto Britânia sobre a passagem dos “revoltosos” por aquela localidade.

Traça um quadro, contudo, em que as tropas de Prestes são assemelhadas a um grupo de malfeitores e criminosos, o que difere da imagem heróica construída localmente sobre esse movimento. Isso provavelmente porque a rebeldia e certas práticas, como o confisco de animais e forçar camponeses a prestar-lhe alguns serviços compulsórios vão contra certos valores seus, como a mansidão e o respeito à propriedade e ao trabalho alheio, mediante pagamento.

O fato de ele lembrar do acontecimento, por sua vez, pode ser resultado da ênfase conferida a esse movimento pela memória pública local e da prática de Ernesto integrar sua trajetória aos grandes marcos do que seria “a história” de Santa Helena. A maneira como produz suas recordações, entretanto, indica que ele estabelece uma relação com as versões dominantes a partir de uma cultura e tradição de classe, dos valores que fazem sentido para si, como trabalhador, não reproduzindo, meramente, aquilo que é propagado na esfera pública local.

Prosseguindo em seu depoimento, Ernesto relata que sua família mudou-se em fins da década de 40 para a região do Rio Uruguai, na divisa com o Estado de Santa Catarina, mas ainda próximo a Erechim (RS). Essas lembranças emergiram de suas narrativas do trabalho em alambique, iniciada pela família nessa região e que o entrevistado continuou desenvolvendo no Paraná.

Essa mudança, por sua vez, esteve relacionada com a possibilidade de seu pai comprar mais terras, conseguindo assim obter uma área muito maior, uma vez que essa é uma região de relevo acidentado, o que diminui o valor das propriedades. Possuir uma grande área de terras (para os padrões desses pequenos proprietários rurais), nesse período,

¹³⁸ Afirma-se que Santa Helena teria sido o local onde teria surgido a “Coluna Prestes”, com a fusão de dois grupos revolucionários, um vindo do Rio Grande do Sul e outro de São Paulo e onde, também, Luís Carlos Prestes teria assumido o comando do movimento.

era muito importante, pois isso possibilitava sua partilha com os filhos quando esses atingissem a vida adulta.

Uma das grandes atividades nessa região, era a produção de agüardente caseira para fins comerciais, ofício tão comum que a concorrência dificultava a sua venda, conforme aponta Ernesto, novamente lembrando-se das dificuldades vividas pela família, naquele lugar. Junto a essas memórias, lembra-se de “Albertinho” Allegretti, cuja família morava naquela região e possuía um caminhão, usado no transporte com fins comerciais para outras regiões de diversos produtos, entre eles aquela bebida produzida na região.

Trata-se, todavia, de uma família com quem Ernesto ainda mantém laços de amizade e que também se mudou para Santa Helena, atingindo um grande sucesso financeiro e um *status* local muito grande. Allegretti havia sido candidato a prefeito municipal em 1968 e no momento em que o depoimento estava sendo produzido era um dos candidatos a vice-prefeito do município. Tal caráter pode ter influenciado as memórias de Ernesto, que, conforme aponte, tem a característica de enquadrar sua narrativa nos marcos da memória pública local, conferindo atenção a certos personagens de “destaque”, principalmente do período da chamada “colonização”, embora não cite esse termo.

Na região do Rio Uruguai, de onde vieram muitos outros trabalhadores para o Oeste do Paraná, o entrevistado cresceu, casou-se e adquiriu sua primeira propriedade rural. Algum tempo depois de unir-se em matrimônio, conforme o costume local, seu pai forneceu uma área de terras para que ele e sua esposa cultivassem. Nesse momento, o tom de sofrimento com que narra sua vida, muda, passando a enfatizar as lembranças de fartura que possuía já nos poucos meses em que foi viver nas próprias terras.

Essa mudança no tom de sua narrativa provavelmente ocorre em função da maneira como Ernesto lembra de sua primeira experiência de mudança para o Oeste do Paraná, em 1954. Naquela oportunidade rumou para Porto Britânia, hoje distrito de Pato Bragado,¹³⁹ não para ser proprietário rural, mas para trabalhar na fabricação de erva-mate. Essa experiência é lembrada a partir de seu arrependimento, frisando mais as tensões e aspectos negativos da vida que levou ali:

O senhor poderia comentá um pouco sobre... essa... a decisão do senhor deixá o Rio Grande do Sul e vim pra cá. É o primeiro o senhor veio, trabalhá aqui no Porto Britânia, depois o senhor veio morá pra cá, né? Queria sabê... assim quais são os motivos, como é que era lá, quando o senhor chegou, [inaudível]

¹³⁹ O Município de Pato Bragado também se localiza na fronteira com a República do Paraguai, há aproximadamente 30 quilômetros ao norte de Santa Helena. Consta, também, no “Anexo II – Mapa da Mesorregião Oeste do Paraná”, na página 271.

Viu, aquela vez que eu saí de lá pra vim morá aqui em Porto Britânia, eu fui iludido. Que nem eu falei antes. Que... ele [o capataz da propriedade, responsável por sua contratação] pagava, cento e cinqüenta, cento e cinqüenta mil réis por mês. E... as hora que eu sobrava, eu era, [inaudível] soque de erva. E as hora que eu sobrava eu fazia roça pra mim. Em roda do soque, [o capataz] dizia: “lá já foi derrubado um capoeirão, pode plantá lá o que tu colhê é tudo teu. Eu tenho porco, lá te dô os porco pra tu criá, vaca pra tirá leite pras criança. Lá” diz: “Vocês vão morá tudo em fileira”, dizia ele, né. “Vô ponhá nome Novo Erechim”. Pura bucha! E nada disso ali. Descarreguemo a mudança, num terrero, na frente dum barbaquá [uma espécie de moinho, onde se processava erva-mate] de erva. Descarreguemo a mudança. Foi uma vergonha o que... o que, que esse homem fez pra nós. E... vai por aqui, mexe dali até que arrumei uma, [inaudível] morá dentro de uma escola. Eu e outro morador. Dentro duma escola e a metade era cheio de erva-ma, erva canchada [erva-mate ainda não moída, usada no chimarrão argentino e mais recentemente no tererê brasileiro]. (...) E a metade nós ocupava em dois, tchó! Ele [outro trabalhador] entrava num quarto aqui, com as criança e eu, aquele quarto aqui também com as criança. Fazia comida num fogão só porque não tinha condições. Frio. Foi... fim de agosto, era frio ainda. Frio, garoava. [inaudível]. Até que de tanto dá em cima, dá em cima e, foi avisado o patrão, o, o, o chefe da firma, era, era um de Porto Alegre. Aí foi até que, ele ficô sabendo daquilo lá. Que tinha umas família boa que ele [o capataz] trouxe do sul, e ele [o capataz] não tava arrumando moradia pra eles. E ele [o proprietário] veio de lá. E afinal arrumemo umas... uma casa. (...) Em dois numa casa só. Dali [pausa] fiquei oito mês lá trabalhando. Mas nós era obrigado trabalhá três mês por mês. Pra ele. Não podia trabalhá pros outros. Pra ele. Depois que tu pagô [pausa] que tu completô os três mês, tu podia trabalhá por conta. Tu podia picá erva, podia picá lenha. Faz o serviço pro barbaquá. Tá. Tratemo assim. Então eu cumpri os, três mês, lá daí eu peguei, caí fora. Trabalhava [inaudível] empreitada. Desde cortá erva, dava muito mais, dava o dobro. Aí ele fazia os carreio, no chão, grudava e com as mão, botava dentro, fazia os carreiro, amarrava e depois com a carroça vinha buscá. Mas aqueles, três mês. Ele me fez, em vez de cuidá o soque, que ele me prometeu, me fazia ã... me fazia a... tocá aquele tambor, de sapecá erva, até, até na beira da noite às vez. Até na beira da noite. Aquilo é o trato que ele fez com nós. Dali... [inaudível] depois abriu o soque, daí eu fui cuidá o soque. Mas assim mesmo, me fazia cuidá o soque (...). O homem era bandido, era bandido. Cadê os porco que ele deu pra mim? Me deu nada. Que nem as vaca, não tinha nem pra ele.¹⁴⁰

Em vários momentos do depoimento, Ernesto fala sobre sua passagem por Porto Britânia, e em todos frisa que fora enganado. Conforme aponta, rumar para o Paraná nesse momento foi uma decisão que não teve aprovação de seus pais. Além das frustrações vividas no lugar, a presença insistente da temática do arrependimento e da afirmação de que havia sido “iludido” pelo capataz pode estar relacionado, também, com o fato de que ao deixar seu estado de origem, Ernesto acabou por romper com certos valores daquela sociedade, como a obediência.

Sobre suas frustrações em Porto Britânia, o entrevistado apresenta como centro de sua narrativa os conflitos com o capataz responsável pela fábrica de erva-mate, afirmando

¹⁴⁰ Ernesto Vazzatta. Apresentado anteriormente. Idem. p. 17. Acréscimos meus.

que ele não havia cumprido o que prometera no momento da contratação. Mesmo sem solucionar totalmente o problema, Fábio, o proprietário da fábrica que vivia em Porto Alegre (RS), aparece na narrativa de Ernesto como alguém em quem ele pôde confiar, um benfeitor que aliviou parte de suas dificuldades, fornecendo-lhe uma casa e até passagens aéreas (da linha Foz do Iguaçu-Erechim) para que pudesse passar o Natal com seus pais.

Sendo assim, pode-se notar que Ernesto faz toda uma leitura das relações de dominação e subordinação, vividas por ele e que conformavam o processo de conquista do Oeste do Paraná. Em sua narrativa, porém, ele localiza os conflitos vivenciados no trabalho, na pessoa do capataz, sem direcionar a tensão para com o proprietário da fábrica de erva-mate, que enfim, lucrava com a exploração de seu serviço. Tal fator pode estar relacionado com o contato mais próximo, mantido com o capataz, que, afinal, era quem exercia, de maneira direta, o controle sobre os empregados. No exercício de suas funções de mando, esse encarregado fazia uso de meios, como “não cumprir com a palavra dada”, que entravam em choque com certos valores de trabalhadores como Ernesto.

Esse caráter conflitoso, projetado sobre o período de oito meses em que viveu naquele local, permanece nas memórias de Ernesto. A ênfase nos atritos com o capataz se amplia ainda mais quando relata que eles tomaram dimensões mais pessoais. Assim, relata um episódio em que uma plantação que havia cultivado foi destruída pelos porcos do capataz, criados soltos, ao contrário da prática existente no Rio Grande do Sul, de criá-los em chiqueiros. Isso aponta, também, para atritos existentes em termos de hábitos e costumes e para a dificuldade de conseguir-se conviver, não apenas com a desigualdade existente nas relações sociais, mas também com a diversidade de maneiras de viver que compunham a sociedade que se formava na região.

Ao narrar tal conflito, o faz no tempo presente, como se o estivesse vivendo naquele momento. Tal fator indica que esses acontecimentos estão vivos em suas memórias e ainda possuem sentido para ele no presente, chegando até a perturbá-lo. Quanto ao atrito com o capataz, a solução que se seguiu contou com o apoio de Ezequiel, o policial local. Essa autoridade também possuía uma rixa com o capataz, enquanto que Ernesto havia se tornado seu amigo, a quem fazia alguns agrados, como quando deu-lhe “umas espigas de milho” e a quem utilizou em proveito próprio, na resolução de seus problemas com o capataz.

O policial orientou-lhe a cobrar os prejuízos, inclusive sugerindo o valor da indenização, pago pelos filhos do capataz, que nesse momento já havia viajado para Erechim, segundo Ernesto, na espera de que tais tensões se abrandassem. Ao final,

Ezequiel ainda lhe forneceu uma “carta de boa conduta”, a qual o livraria de qualquer acusação, por parte do capataz, quando chegasse ao Rio Grande do Sul, para onde estava voltando. Afirma que deixou Porto Britânia aproveitando um caminhão que havia trazido a mudança de um outro morador e que, portanto, tinha que realizar a viagem de volta para a região de Erechim. No momento da entrevista, Ernesto afirmou que ainda possuía essa carta, mas não sabia onde estava. Percebo, então, que ele a toma, ainda no presente, como um atestado de sua idoneidade e da honestidade com que viveu no Paraná naqueles tempos.

Apesar da simpatia que possuía para com Fábio, o proprietário, e de suas insistências para que ficasse em Porto Britânia, essa relação não foi suficiente para impedir Ernesto de voltar para seu lugar de origem. Em todo esse processo, ele apresentou-se como sujeito, dentro das limitações então existentes, como por exemplo, procurando escolher os melhores trabalhos, embora deixe claro que todos eram ruins, por serem prejudiciais à sua saúde. Retomando mais uma vez o tema de seu estado de saúde, aponta que desde então possuía problemas em seus pulmões. Como solução, tomou a decisão de voltar para seu estado de origem, cobrando a conta dos familiares do capataz, parecendo com isso não querer deixá-lo passar ileso, depois de tê-lo enganado.

Embora relate mais as tensões, Ernesto também se lembra dos “atrativos” do lugar, como a caça e a pesca. Apresenta algumas situações curiosas, como o dia em que porcos-do-mato “invadiram” o povoado e foi realizada uma grande caçada. Tais atividades são mencionadas como uma promessa cumprida pelo capataz, mas que, no entanto, não eram suficientes para que ele continuasse vivendo no Paraná, em tais condições.

Após viver mais sete anos no Rio Grande do Sul, Ernesto e um de seus cunhados decidiram migrar para o Paraná, em seu caso, pela segunda vez. Afirma ele que nunca esqueceu a terra plana do Oeste do Paraná, enquanto lá morava em “pirambeira”. Tratam-se, como destaquei antes, de terras com relevo acidentado, mais difíceis de cultivar a partir do trabalho manual, comumente realizado até a década de 70 em todo o Sul do Brasil e que após a mecanização da agricultura passaram a não servir para o cultivo com técnicas “modernas”. Uma espécie de associação, então, entre as “terras planas” e “modernidade” parece permear as memórias de Ernesto, sobre a vida que levava na região do Rio Uruguai e a decisão de mudar-se para o Paraná.

Dessa vez, todavia, o entrevistado havia decidido mudar-se para continuar sendo proprietário rural no novo lugar. Uma vez vendida a propriedade que tinha no Rio Grande do Sul, fizeram a mudança para o Paraná:

Ah, eu cheguei no Paraná foi em sessenta e um. Dia dezenove de, de janeiro do sessenta e um eu vim pro Paraná. E... da... tá quarenta e quatro ano já que eu tô morando aqui. Sempre foi... colono e... ta, mas eu trabalhei com cana, trinta ano trabalhei de alambiqueiro. Com cana. Desde lá onde eu nasci e aqui, né. Mas quando viemo aqui no Paraná em sessenta e um aqui era... era quase puro mato, era puro mato. Moremo... descarreguemo mudança em... em Sol de Maio [Localidade ao sul de Santa Helena, inundada em 1982 para a construção de Itaipu], primeiro de tudo. Sol de Maio que nós viemo com uns dono de umas terra lá, e... diz que as terra era dele e tal e quando, chegemo ali já não era mais a terra deles. Já veio o guarda atrás dizê que não era pra nós... derrubá mato, e nem, e nem, e nem fazê... assim, construí, construção de casa, né, nós podia morá mas não podia construí. Então... digo: “Vamo fazê o quê aqui?”. Fiquemo um mês lá em Sol de Maio. Dali, nós tava com o dinheiro no bolso, né. Nós não tinha comprado, nós iaf, tô fechá negócio aqui. Daí... daí não deu certo viemo morá aqui. Peguemo a... terra da firma [colonizadora], Madalozzo. Terra legal, bem legítima. E lá não era dono, era um... paulista. E... dali nós, compremo aqui, comecemos construí aqui. Aqui tinha uma sete, oito casa só aquela época ali. E era difícil aqueles ano lá, tchê! Difícil. Porque... desde começô, já entremo nas casa das firma, ali, a firma tinha lá umas dez, doze casa, eles vendiam as terra, então, proprietário das terra já eles, dava a casa pra morá sessenta dia. Aqueles sessenta dias ali então deu tempo pra construí a casa. Na, na, na, na colônia. Mas pra construí tivemo que roçá as taquara, tirá as taquara fora pra podê, pra podê construí porque o tempo não, não deixava, chuva de mais. Depois, então, que quando nós fizemo os buraco já então sol demais.¹⁴¹

Essa segunda mudança para o Paraná é lembrada por Ernesto em detalhes: dia, mês e ano, apresentando essa data logo no início de seu depoimento, como se fosse a única, uma espécie de “data oficial” de sua chegada ao estado. Isso também pode estar relacionado com a identificação que ele constrói com essa memória pública do lugar. No intuito de colocar-se perante o depoimento como “pioneiro”, parece querer silenciar sobre a passagem anterior por Porto Britânia. Tal caráter ficou patente no momento da entrevista, pois ele parecia não gostar de lembrar-se dessa primeira experiência no Paraná, que no entanto, atraía-me muito. Noto, assim, que a dificuldade de recordar-se desse período não apenas está relacionada com as frustrações e conflitos vividos naquele lugar, mas com uma postura política adotada por ele, que tem sua sustentação na forma como elabora suas memórias.

Prosseguindo em seu depoimento, Ernesto apresenta um pouco das relações complexas que eram tecidas, na região, com relação à propriedade da terra, e que acabavam por interferir em seu processo de compra. Incertezas cercavam a mudança para o estado, que nem sempre era organizada por entidades preocupadas com o bem-estar dos

¹⁴¹ Idem. p. 1. Acréscimo meu. Parte inicial do depoimento, em que o entrevistado apresenta sua trajetória, inexistindo uma pergunta em específico.

pequenos proprietários rurais, e de garantir a posse legal das áreas por eles adquiridas. Existia, portanto, a preocupação e o medo de ser enganado no negócio, perdendo todos os valores investidos, que, em casos como o do entrevistado, era todo o capital de que dispunha. Diante de situações como essas, esses trabalhadores fizeram-se como sujeitos, atuando decisivamente nos rumos das negociações e no processo de transferência para a região.

O entrevistado aponta, então, o episódio em que quase acaba sendo enganado pelo suposto proprietário das terras. Aqui, novamente, Ernesto faz uma leitura das relações de subordinação montadas durante a conquista da região. Percebe-se como alguém que estaria numa posição mais frágil que o vendedor de terras, podendo ser enganado e perder todo o dinheiro que possuía. Mas, logo chama a atenção para sua ação, que, agindo com prudência e contando com o acaso, ou seja, o aviso recebido do guarda da propriedade, pode evitar que isso se sucedesse.

Ao lembrar do vendedor, Ernesto o faz a partir de seu estado de origem, tratando-o como “paulista”. O aponta como uma espécie de “suspeito”, ao contrário das “famílias boas do sul”, entre elas a sua, que viviam em Porto Britânia e cujo valor o patrão, também gaúcho (ao contrário do capataz da fábrica de erva-mate), soube reconhecer. Novamente, o entrevistado parece estar trazendo as dificuldades de conviver com a diversidade que compunha o local, para além das dificuldades vividas nas relações de poder então existentes. Expressa, ainda, que, simpatias e preconceitos, também faziam parte do processo de transferência para o novo lugar onde iam morar. Tais questões noto, ainda fazem parte de sua vida, evidenciada, principalmente, na necessidade dele afirmar-se como “desbravador”.

Elementos dessa memória da “colonização”, com ênfase sobre o sofrimento vivido nos “primeiros tempos” e o seu caráter de “desbravador”, acompanham o desenrolar de seu depoimento. Enfatizando tais elementos, ele passa a narrar o ambiente encontrado no Oeste do Paraná, inicialmente projetando sobre as condições físicas do terreno as dificuldades vividas, como tendo que “roçar as taquaras” e trabalhar sob o “sol escaldante” do clima subtropical. A partir desse enredo, o entrevistado relata outros problemas, como a falta de infra-estrutura, encontrados quando chegou em Santa Helena:

Então entrá com a, (...) com as madeira, da, da casa, tivemo que fazê as ponte de madeira roliça, jogá dentro da sanga pra podê passá, porque ponte não tinha. Tinha, não tinha, não tinha nada, não tinha prefeito, não tinha nada aquela época ali, né. É. E assim, fomo lutando, lutando, derrubando mato já e, é... [inaudível] um pé de mandioca, tinha que pegá comprá. Milho, o milho eles vendia a... assim,

*sessenta e quatro espiga, bem dizê era uma mão [unidade de medida]. Dá uma lata de milho debulhada. Mandioca, se comprava os pé, porque ninguém, ninguém dava. Tinha que comprá. Mas que dava graças a Deus onde, tu achá de comprá. Porque o, o primeiro ano, de maneira não tem, né. E quando viemo, já, pro Paraná, aqui não existia essa estrada, ainda, de Medianeria a Foz, a... Santa Helena [a Medianeira]. Tinha que í pra Foz. Ia por Foz do Iguaçu, que fomo pará em Sol de Maio, aqui dá quarenta quilômetro. Daí descarreguemo a mudança lá, então, fiquemo aquele mês ali. E até que naquela... naquele ano que nós tivemo aqui já eles abriram a estrada pra Medianeira. E vinha até Missal [município vizinho ao sul de Santa Helena], né. Aquele, é uma reta. Daqui a Medianeira dá... sessenta quilômetro, e por lá dava cento e, cento e sessenta quilômetro lá, lá. Então, [inaudível] abri estrada ficô mais fácil pra gente í no comércio e tal. E aqui já tinha um comercinho pequeno. Você comprava banha a trezentas grama, duzentas grama, né e, comércio pequeno.*¹⁴²

Como é possível observar, o entrevistado destaca a mata nativa encontrada no lugar, conferindo um caráter de “ambiente inóspito” para o local encontrado, que teve de ser “desbravado”, ou seja, submetido à ação humana. Com relação à infra-estrutura fornecida pela colonizadora “Madalozzo” no processo de “colonização” de Santa Helena, mesmo Colodel destaca que era precária:

*A maioria das reclamações expostas pelos colonos diz respeito à falta de infraestrutura encontrada quando da sua chegada na área de colonização vendida pela Madalozzo. Devemos convir que as queixas dos colonos não eram de maneira alguma infundadas, já que a Madalozzo não havia cumprido boa parte das promessas que havia feito quando começou a realizar a propaganda das suas glebas em Santa Helena. Praticamente não existia assistência médico-hospitalar, não havia dentista, as estradas eram intransitáveis e os transportes eram precários.*¹⁴³

As críticas de Ernesto, então, mais uma vez compõem-se com elementos compartilhados daquela memória pública de Santa Helena. É necessário ressaltar, no entanto, que o tom de suas reclamações não é de cobrança para com a empresa. Apresenta tais problemas, mas ao mesmo tempo enfatiza as maneiras como eles próprios, os “pioneiros”, iam improvisando sua superação. Percebo, assim, que sua intenção é construir uma imagem de si enquanto “desbravador”, colocando-se como um dos “fundadores” do município. Para tanto, utiliza-se das lembranças de dificuldades vividas naquilo que denomina de “os primeiros anos” em Santa Helena.

Em dois momentos, porém, as memórias de Ernesto parecem destoar das versões produzidas na esfera pública de Santa Helena e do Oeste do Paraná. Um deles foi exposto anteriormente, quando relatou as incertezas do processo de compra de terras, o que traz à

¹⁴² Idem. pp. 1-2. Acréscimos meus.

¹⁴³ COLODEL, José Augusto. *Obrages e Companhias Colonizadoras...* op. cit. p. 228.

tona diferentes formas de negociação, nem sempre realizadas diretamente com empresas colonizadoras e contando com uma certa margem de segurança. Um segundo momento está relacionado com os tons críticos com que o entrevistado fala dos moradores que encontrou em Santa Helena, logo que se mudou:

Você falou, então, que fazia... é... conseguiu, então, comprá, é, dos primeiros que estavam aqui, então, essas mercadorias elas não vinham de fora?

Não. Que nem a mandioca, milho se comprava dos, primeiro morador que entrô aqui, né. [inaudível] morador, de dois ano. Que já tavam aqui, tinha gente que ajudô até, com carroça, puxá as telha pra dentro, porque não passava caminhão. E... mas era difícil até carroça, boi aquela época ali, né. Imagina pra nós, tê os boi pra puxá as a... as madeira pra construí a casa, tivemo que trabalhá, pro serrador, í serrá madeira no mato. Serrá torra, pinheiro, í serrá as torra, né, tinha que primeiro dá o tempo pra ele, pra ele vim com os boi lá [inaudível]. Se conseguia nada de graça. Quase nada. Tudo tinha que, e vê hoje você vê um ajuda o outro, aqueles ano lá não era bem a, era cada um pra s, era cada um pra si, né. Lá é quem, quem podia, quem pode mais chora menos, se diz né.¹⁴⁴

Ernesto apresenta, então, uma outra memória da vida e das relações existentes entre os moradores de Santa Helena. As noções de harmonia e solidariedade dão lugar aos interesses individuais e econômicos, sintetizada nos ditados populares: “era cada um pra si” e “quem pode mais chora menos”. Apresenta, assim, como tensão, a prática dos moradores mais antigos que aproveitavam a vinda de novos agricultores para vender gêneros alimentícios, já que o comércio local era muito restrito e a distância para ir até outros centros, como Foz do Iguaçu, era muito grande, prática essa também adotada, posteriormente, pelo entrevistado.

É possível notar, todavia, que a partir desses relatos ele não tem a intencionalidade apenas de “denunciar” a pouca solidariedade dos moradores de Santa Helena. Mais uma vez, Ernesto parece querer reforçar a imagem construída sobre si, de “colonizador”, a partir do empenho em vencer as dificuldades existentes no novo lugar. É a partir desses marcos de memória, principalmente da “colonização”, que ele constitui-se socialmente e afirma sua importância em termos locais.

Aspectos semelhantes também compõem outros depoimentos, como o de Olga,¹⁴⁵ 68 anos, funcionária pública aposentada. Nascida em Itá, Estado de Santa Catarina, mudou-se para Santa Helena na década de 1970. Narra em detalhes sua vida naquele lugar, sendo a pessoa entrevistada que mais se prolongou em descrever seu local de origem. Em muitos

¹⁴⁴ Ernesto Vazzatta. Apresentado anteriormente. p. 2. Acréscimos meus.

¹⁴⁵ Olga, 68 anos, funcionária pública aposentada. Chegou em Santa Helena no ano de 1971. Entrevista realizada em sua residência, no centro de Santa Helena, em 22/07/2004, uma quinta-feira à noite.

momentos de sua narrativa, chega a associar sua trajetória de vida ao trabalho, conferindo a ele, portanto, muito peso:

(...) só que aquele tempo ainda era município de Concórdia [Estado de Santa Catarina], foi [fui] registrada como... que fosse município de Concórdia, mas depois, foi... passado, pra sê município... a no, no Itá, mesmo. E... e daí o meu pai, trabalhava na roça, e... e nós era em, em onze irmão, final eles que se, eles nasceram depois, né, mas, nós moça mais velha era moça, só, e depois veio, os filho, né, que era, que era os rapaz. Então como nós era moça tinha que ajudá na roça, desde pequeninha. Minha mãe cheia de, de filho, cada ano e meio tinha... um filho, e... e daí uma ficava em casa ajudá a mãe, aquelas mais velha, que era a Maria e a Dileta e eu, então, porque eu era a mais reforçada era o peãozinho do pai [risos]. Tinha que ajudá então: tratá os porco, tratá as vaca, í na roça, buscá pasto, junto com ele, e assim fomo... se criando e quando era mais, grandinho então nós tinha que pegá os boi e cangá os boi, eu mesmo e, ia com a carroça, com as outras... a... minhas irmãs mais nova e irmãozinho, e ia pra roça e... tinha que enchê de pasto, levá pra casa. Cortava a viça, enchia de abóbora, às vez, quando não ia com a carroça que o pai ia, lavrá.¹⁴⁶

Olga apresenta, em seu relato, a sociedade daquele período, a partir da vida e cultura das pessoas de sua classe social, ressaltando a necessidade de dividir as tarefas entre os membros da família e de trabalhar na agricultura, na pequena propriedade que seu pai tinha em Santa Catarina. As atividades que desenvolvia são caracterizadas como mais masculinas, já que explica sua atuação junto do pai pelo fato de não ter homens entre os filhos mais velhos do casal.

É importante perceber aqui, como o trabalho compõe as memórias da vida que levava naquele momento. Apesar de insinuar uma queixa, por ter sido o “peãozinho do pai”, o ato de trabalhar na “roça”, “como um homem” e “desde pequeninha” é motivo de orgulho e risos. Confere ênfase, assim, nas atividades que desenvolvia, relatando-as em detalhes e enfatizando a inexistência de equipamentos mecanizados, a fim de construir uma imagem de si enquanto “mulher batalhadora”, que “venceu”, como afirma em determinado momento de seu depoimento. O trabalho e a luta para enfrentar as dificuldades encontradas por ela no decorrer de toda a sua vida formam o enredo de sua entrevista, e aos poucos vai ganhando corpo em sua narrativa.

Olga também compõe suas memórias de infância relatando um pouco dos momentos de lazer, geralmente realizado nos fins de semana, e certos aspectos da cultura em que vivia, como a segregação entre o espaço de lazer adulto e das crianças e os tabus relacionados à maturação sexual feminina. Tais elementos, entretanto, são apresentados a partir de uma imagem de harmonia, tal como “as coisas eram assim”. As possíveis tensões

¹⁴⁶ Idem. p. 1. Acréscimos meus. Parte inicial do depoimento, não existindo uma questão específica.

daqueles tempos não compõem o depoimento de Olga. Ela parece, assim, querer contar alguns aspectos de sua vida daquele período como curiosidades, enfatizando aquilo que compreende não mais existir no presente. Tal caráter pode ter sido ampliado na medida em que eu também era um jovem historiador e não havia vivido aqueles tempos.

Tais fatores dão pistas do trabalho da memória que ela realiza, escolhendo o que dar visibilidade e sobre o que silenciar, portanto, daquilo que acredita ser historicamente relevante. Algumas dessas “curiosidades”, porém, acabam por ser associadas à dimensão política que aos poucos vai sendo expressa em seu depoimento. Isso está presente quando menciona o trabalho desenvolvido numa cooperativa, na localidade rural em que vivia:

E... mas uns quinhentos metros longe tinha que levá [água] pra cima. Frio e chuva, daí tu tinha porão, só que esses ano era, nós tinha lá: mercado, tinha loja, tinha, bar, tudo junto. E não tinha luz. Era só no lampião, que naquelas velinha. (...) Longe, tarde, eu sofri. No final, parece que mais que a gente trabalha mais saúde d, Deus me deu, porque se eu fosse de olhá o trabalho eu tinha morrido, se era que, que matasse o trabalho. Assim fui vencendo, fiquei lá até... casá. Daí, e, e ainda de domingo quando tinha uma folga eu ia pra casa, no sábado de noite, correndo, porque... eu tinha que ficá lá, tinha bar, às vez ia pra casa uma hora da madrugada de sábado, ia pra casa, no, domingo de manhã nós, ele [provavelmente se refere ao pai] me fazia í na... no terço, que nós tinha que í no terço, e depois, então, ia pra casa, vinha as vizinhança, nós se combinava quando tinha colheita, ia ajudá ainda, cortá trigo, tempo da, da colheita, trigo... ou feijão. Se trocava os dia com os vizinho. E nós trabalhava de sábado e domingo direto, eu não tinha, sossego. Lá nós moça nós não tinha férias, que nem agora, trabalho o ano tem férias. Eu agora que me aposentei, que tenho férias, se não antes não. (...) Tava lá no, no mercado, aquele, cooperativa, mas eu... ajudava a carregá, o caminhão de, de, de produto. Sacos, co mo, eu e o motorista que não, eu trabalhei que nem um homem porque nã, não tinha lá, empregado assim... de homem. Só eu. Eu que tinha que fazê tudo. E ia no chiqueiro, pesá o porco, com o freguês, que vinha o homem, que vinha com o porco e ajudava a pesá com aquelas balança de varo e assim... eu trabalhei. Trabalhei mesmo.¹⁴⁷

A partir da atuação de Olga na cooperativa, é possível observar que nessas comunidades rurais não só o campo se apresentava como lugar de trabalho. Em seu caso, a entrevistada relata as atividades desenvolvidas naquele estabelecimento comercial, ressaltando os esforços empreendidos e destacando-os como algo não menos árduo que o serviço nas lavouras. Destaca então, novamente, as dificuldades vividas e sua força de vontade, trabalhando inclusive nos finais de semana na propriedade da família. Ela também acaba por fazer uma ponte com o período mais recente de sua vida, no momento em que menciona as férias, associando-as à sua aposentadoria, como se apenas pudesse ter parado de trabalhar após cumprir com seu “dever”.

¹⁴⁷ Idem. Ibidem.

A entrevistada prossegue relatando o seu empenho com relação ao trabalho, bem como as dificuldades enfrentadas no decorrer de sua vida. Aponta o período em que se casou com seu esposo, Emílio, hoje falecido, quando então deixou o trabalho na cooperativa e foi viver com a família dele, em uma propriedade rural. Destaca que a situação ali também era difícil, pois, a família de seu marido passava por momentos difíceis. Anos antes, haviam atuado na construção de balsas e um dos sócios, tio de seu esposo, conforme aponta, os enganou, deixando-os em uma situação financeira complicada. Além disso, seu marido acabou ficando com a saúde prejudicada, segundo ela, por ter trabalhado durante seis anos na extração da madeira pra a construção das balsas, sendo que os esforços excessivos lhe ocasionaram algumas hérnias.

Após algum tempo, o pai de Olga os ajudou a comprar uma área de terra na beira do Rio Uruguai, divisa entre os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, região de Erechim. Ali, trabalhavam basicamente na agricultura de subsistência e na produção de agüardente de alambique.

Pode-se perceber, então, que mesmo nessa sociedade rural, as pessoas estavam em movimento, trocando de lugar, pois nem sempre existiam terras suficientes para cultivar nos locais em que viviam seus pais, que por sua vez tinham o hábito de ter famílias numerosas. Esse período é lembrado quando questionei Olga acerca da alimentação, em que mencionou as muitas frutas – principalmente melancias –, legumes e cereais que cultivava. Lembra-se do lugar, portanto, a partir da fartura lá existente.

Apesar do ambiente de abundância, ainda no final da década de 60, novamente Olga e seu esposo mudaram-se, rumando para Erechim, cidade próxima de onde viviam mas, já pertencente ao Estado do Rio Grande do Sul. Sobre essa decisão, aponta que: *“Depois de três ano paguemo [as terras] e, não deu certo, trabalhava, trabalhava e... não tinha mais saúde nós, pensemo, vamo... vendê aqui, vamo numa cidade pra... botá os filho estudá. E daí fomo... vendemo, até mais ou menos bem, fomo lá em Erechim, compre, é... comprei um, um restaurante e um hotel. Aluguemo, aluguemo, compremo só o direito dentro.”*¹⁴⁸

Sob o argumento de colocar os filhos para estudar e mudar de profissão por motivos de saúde, a entrevistada explica o desejo de ir para a cidade. Tais argumentos provavelmente sejam apresentados por ela no intuito de apresentar essa decisão, que depois mostrou-se malograda, como única ou a melhor a ser tomada naquele momento.

¹⁴⁸ Idem. p. 3. Acréscimo meu.

É importante perceber, também, que nesse momento existe uma diferença na postura adotada por Olga em seu depoimento. Nas memórias de quando vivia com seu pai, ela não costumava apresentar-se como sujeito na tomada de decisões. Isso fica visível no momento em que narra que “me botaram” trabalhar na cooperativa. Ao se casar, antes de ir viver em Erechim, suas atitudes são apresentadas como decididas por “nós”, dando a entender que eram tomadas de comum acordo com o marido. A partir do momento que o casal e filhos vão para Erechim, Olga assume em quase todos os momentos narrados a condição de sujeito único das decisões, colocando o marido em um plano secundário.

Tal característica pode demonstrar não apenas uma conquista imediata de espaço junto aos negócios do casal, mas algo que foi sendo processado aos poucos, inclusive em momentos posteriores. Desde o relato de seu casamento, Olga apresenta-se como atuante, relatando inclusive que havia ajudado a comprar móveis para a casa, com o dinheiro que ganhou com seu trabalho na cooperativa. Posteriormente, quando se mudou para Santa Helena, atuou por alguns anos sozinha como comerciante, enquanto que seu marido trabalhava em outras atividades. Quando ele ficou mais doente e não pôde trabalhar em serviços pesados, ela teve que assumir a responsabilidade de prover o sustento dos dois, passando ele a tomar conta mais de serviços domésticos. Assumir tais responsabilidades pode ter influenciado suas memórias, de forma que as decisões tomadas pelo casal ao longo de toda sua trajetória fossem apresentadas como exclusivamente suas.

Outra mudança ocorre na narrativa de Olga a partir das memórias do período posterior ao casamento. Em certos momentos, junto com a ênfase no trabalho e nas dificuldades, ela também começa a expressar uma série de tensões experimentadas em sua trajetória de vida. Tais conflitos geralmente giram em torno de pessoas que tentam passar ela e o marido para trás, nos negócios que realizavam ou eventos que procuram desestabilizar sua vida financeira, principalmente.

Em Erechim, esse clima de tensão fica mais explícito e contrasta com a aparente harmonia com que apresenta o lugar em que vivia junto dos pais. Ganham espaço, assim, os atritos existentes com o proprietário do imóvel em que instalaram um hotel (que também exercia um cargo político local), o advogado do proprietário e uma série de autoridades compreendidas por ela como ligadas a ele (o proprietário). Em um dos momentos em que relata o conflito, Olga destaca:

Nós tava indo mais ou menos bem e depois, o dono lá ele, ele quis me aumentá o aluguel e queria que, a...arrumasse o prédio. [inaudível] Não deu certo lá, ele queria me cobrá o aluguel e não queria descontá que nós arrumasse o prédio.

Mandô o fiscal de higiene, tinha que botá azulejo na cozinha onde que nós fazia comida e na sala, nos banheiro e ele não queria descontá. Digo então: “Não vai dá, que nem nós [inaudível] tinha que trabalhá só pra... arrumá a casa dele, né”. [inaudível] não paguemo, daí veio fiscal de... de higiene lá e, interditô tudo lá e nós perdemo tudo o nosso direito. (...) E disse [o fiscal]: “você pode ficá aqui dez ano aqui que o dono não pode tirá você porque foi ele que, mandô interditá”, só que, agora a higiene, também oficial de higiene me disse: “podem ficá tranqüilo porque... ele não vai abri também, você também não precisa saí daqui se você querem, você podem ficá aqui, trabalhando em outros lugar, que eles não podem botá você na rua, e ele não vai, abri as porta aqui também até que não arruma como nós queremos também. Ele exigiu, ele agora tem que fazê”. E daí o meu marido, ele [o proprietário do imóvel] vinha sempre querê cobrá o aluguel, e... o juiz disse que não precisava nós pagá, que podia ficá morando. Meu marido se incomodô, ele disse: “Nós, não vamo aí se incomodá a vida inteira ali, por causa disso”.¹⁴⁹

Olga destaca o enfrentamento com o proprietário do imóvel alugado, onde funcionava seu hotel. Em sua defesa, ela também apresenta o amparo recebido de certas autoridades, como o juiz e até o mesmo “fiscal de higiene” que interditou o estabelecimento. Procura, assim, beneficiar-se, utilizando em proveito próprio, o poder e influência que esses sujeitos possuíam. Em outro momento de seu depoimento, relata, ainda, que recebeu apoio de um deputado local, que a ajudaria a abrir uma churrascaria e assim poderiam (ela e a família) permanecer em Erechim. Contudo, seu marido decidiu deixar aquela cidade, uma das poucas decisões que a entrevistada não atribui a si. Ela e a família, então, chegaram em Santa Helena em 1971.

No novo lugar, o casal possuía conhecidos, como Paludo, cunhado de seu marido e proprietário de uma churrascaria. Afirmou Olga, que ela e seu pai já possuíam terrenos na sede do município, tendo, assim, um certo vínculo com a nova terra. Recém chegados, novamente abriram as portas de um estabelecimento comercial, administrado por ela, enquanto o marido e filhos iam trabalhar como empregados. Inicialmente Emílio atuou junto à churrascaria do cunhado, indo posteriormente trabalhar como diarista, “bóia-fria”, nas palavras da entrevistada, nas matas, novamente na extração de torras. Segundo Olga, essa atividade lhe trouxe ainda mais problemas de saúde, com as hérnias que acabaram sendo responsáveis por seu falecimento, o que pode dar pistas sobre a importância dela lembrar-se das enfermidades do marido.

O relato das dificuldades prossegue, quando Olga trata de sua vida em Santa Helena. Aponta, então, as dificuldades vividas em sua inserção no novo lugar: “*E assim nós chegemo aí, todo mundo não me conhecia até achava que nós era foragido de lá, digo:*

¹⁴⁹ Idem. p. 3-4. Acréscimos meus. Parte inicial do depoimento, não existindo uma questão específica.

*‘podem ligá pra lá, graças à Deus, nosso nome tá limpo que, não tem nada que... isso aí’ e fomo tocando desse jeito, ali. (...)’.*¹⁵⁰ Apresenta, assim, a desconfiança, por parte dos demais moradores, quanto aos motivos pelos quais ela e o marido deixaram o Rio Grande do Sul. Esse processo de inserção na sociedade local era tenso, como fica visível, existindo dúvidas sobre a boa índole dos recém-chegados. A entrevistada traz, dessa maneira, memórias que diferem muito do sentido comunitário e da pretensa harmonia que existiria localmente, fora do ambiente das disputas político-eleitorais. Aponta, assim, para uma sociedade tensa, em que a desconfiança para com as pretensões de quem se submetia a mudar-se para o local fazia parte de seu dia-a-dia. Procurando afirmar-se em um lugar onde era desconhecida pela maioria das pessoas e nele inserir-se de maneira mais satisfatória, Olga coloca sua honestidade à prova, declarando que poderiam telefonar para Erechim a fim de obter maiores informações.

Sobre o novo local, a imagem que constitui confere mais ênfase aos aspectos que considera negativos, do lugar. Destaca, assim, novamente as dificuldades vividas no processo de mudança, apresentando Santa Helena como um lugar nada atrativo:

Dona Olga, eu queria perguntá ainda mais uma coisa pra senhora, só. É... a senhora quando veio aqui pra Santa Helena, a senhora estranhô alguma coisa [inaudível] pra cá?

*(...) Mas... e depois, aqui em Santa Helena, quando chegemo aí. Eu notava aí os primeiro tempo, porque... era tudo estranho. E tinha a zona [prostíbulo], ali onde que era a praia, agora, e ali então eu abri o barzinho, fiquei com medo que cada, semana ou duas tinha um morto por aqui, na, na, na, na avenida aí na estrada, era tudo estrada de chão, toco, não, quando que chovia aqui, o [nome omitido pelo autor] tinha, a... comércio, loja, mercado ali, aquela sujeira, aquele lixo vinha lá pra baixo, lá no meu bar, chegô... entrá dentro na minha casa, lá, que a casa de madeira, que tive que botá tábuas longe assim, tipo uma escada pros freguês chegá e de tanta água, sujeira que veio aqui de cima, ali pra baixo. Não, não é que nem hoje, né, era tudo suja, não tinha lixeiro, não tinha nada sabe. Lá na frente onde nós compremo tinha ainda uns copão grande de, da, da, de mata que eles tinham derrubado, nós que queimemo, arranquemo lá, que era tudo toco ainda em roda de casa de, de terra, a... roça, sabe, quando começô fazê a cidade aqui. Não tinha bem dizê nada, tinha só umas casinha velha ali. Não, não era quem nem agora. (...)*¹⁵¹

Aponta, então, para a localização de sua casa e comércio, próxima ao prostíbulo, local que no campo dos valores e da moral vivida por ela era ilícito, por desaprovar as

¹⁵⁰ Idem. p. 12. Fragmento da resposta à questão: “Dona Olga, a senhora podia falá um pouquinho mais sobre a vinda aqui pra Santa Helena, como é que foi é... que vocês decidiram vir, o porque que vocês vieram pra Santa Helena”.

¹⁵¹ Idem. p. 18. Acréscimos meus.

condutas sexuais mantidas ali. Prossegue destacando o medo sentido em virtude dos assassinatos freqüentes que ocorriam na sede municipal.¹⁵²

Junto das questões destacadas, é preciso notar a forma como ela apresenta a Santa Helena encontrada no momento em que chegou. Também a caracteriza como um lugar inóspito, enfatizando as matas ainda existentes. Aponta para sua casa, construída onde recém havia ocorrido a derrubada da mata e onde ainda existiam tocos e copas de árvores. Sua narrativa, assim, num gesto político de constituir um sentido de pertencimento local e a partir dele reivindicar-se como parte do município, incorpora elementos do pioneirismo, apresentando-se, também, de certa forma, como uma “desbravadora”. Disputa, dessa forma, a condição de “pioneiro”, afirmando que quando chegou não existia ainda praticamente “nada”. Ao final, compara aquela Santa Helena, entre outras coisas suja e sem saneamento, com a atual, deixando clara sua satisfação para com as mudanças ocorridas na sede municipal, ao longo dessas três décadas e meia em que nela vive. Isso demonstra a relação positiva que acabou por construir com o lugar, no decorrer de sua vida ali.

A partir de suas lembranças, posso notar que Olga confere visibilidade a situações silenciadas por essa memória pública do município. Porém, mais do que isso, ela traça um quadro que não expressa somente dificuldades vividas no novo lugar, mas que, também, corrobora para a imagem de mulher batalhadora, que superou muitas situações difíceis, de “desbravadora”, que ela procura passar a todo momento em seu depoimento e por meio da qual ela afirma-se, inclusive, no momento presente, em Santa Helena. Portanto, mais que simples dados, sua narrativa apresenta toda uma riqueza de significados, que expressam sua relação com essa sociedade.

Apesar de apresentarem traços comuns, existe uma certa diversidade de trajetórias e de formas como trabalhadores locais compõem suas memórias. Nesse sentido, torna-se importante refletir sobre as lembranças de Ernesto Albuquerque,¹⁵³ 70 anos, agricultor aposentado. Ele inicia relatando como tomou a decisão de deixar o Estado de Pernambuco, quando tinha 16 anos de idade, no início da década de 50:

¹⁵² Nesse sentido, Radaelli chama a atenção para o fato de que durante a década de 1970 existiam sérios conflitos pela posse da terra nas regiões próximas ao município. É possível notar, por meio da leitura de seu trabalho, que algumas vezes tais tensões acabavam por ocorrer também na sede municipal de Santa Helena. Esse poderia ser um dos aspectos da violência que chocou Olga, naquele período. In: RADAELLI. op. cit. p. 34.

¹⁵³ Ernesto Albuquerque. 70 anos. Agricultor aposentado. Chegou em Santa Helena por volta de 1974. Entrevista realizada na residência do entrevistado, na Linha Santo Antônio, Santa Helena (PR), em 26/07/2004, segunda-feira à noite.

*Pois, é agora... o tempo que nós nascemos e se criamos lá no norte, nossa vida era, era meia braba, sabe, era pobrezinho, não tinha nada, morando nas terra dos outros. Hoje mora, a, passava dois anos, três anos na terra de um, mudava pra terra dum outro. E foi indo, e aqueles anos, aquela época ainda... ainda, ainda, da, na minha época que eu vim pra cá ainda, tinha ano bom, chovia, dava muita lavoura e tudo. Mas depois de... sessenta, de cinqüenta, de quarenta e nove pra cá aí começou a fazer seca, quando eu vi que eu ia passar fome, naquele Nordeste eu caí no mundo, vim embora pra... pra aqui pro Estado de São Paulo, né. Aí... peguei um pau-de-arara lá, como se diz, né. Que nem ônibus não tinha quase naquela época. Aí ajustamos lá um caminhão lá e viemos aqui pro Estado de São Paulo.*¹⁵⁴

Ernesto inicia seu depoimento tratando sua trajetória dentro do modelo típico do “retirante”, que sai do “Nordeste” em “pau-de-arara”, “fugindo da seca”. A seca, no entanto, não se fazia muito presente, pois, como aponta, “ainda chovia” naqueles anos. Os períodos de estiagem continuada, que duram muitos anos e que o levariam à fome, aparece como uma previsão que ele teria feito. Trata-se, conforme posso notar, da maneira como o entrevistado explica a decisão de deixar Intaíba, no interior de Pernambuco, também apresentando essa decisão como a melhor a ser tomada naquele momento. Ernesto constitui-se na narrativa como sujeito onisciente, conhecedor do desfecho trágico que se abateria sobre o local: a seca, forma pela qual constrói a imagem do “Nordeste” afirmando-se enquanto morador do “Sul”.

É possível perceber, no entanto, que emergem outros elementos da narrativa de Ernesto, junto dessa imagem do “Nordeste seco”. Ele apresenta, assim, as dificuldades vividas em Pernambuco, onde tinham que trabalhar em terras pertencentes a outras pessoas, pois sua família não possuía uma propriedade rural. É nas relações sociais, na desigualdade existente naquela sociedade e na pobreza – e a partir daí o temor de passar fome – que inicialmente marcam seu depoimento. Noto, assim, que sua insatisfação com o lugar constitui-se a partir da constatação de que suas expectativas de obter uma vida melhor não seriam possíveis de se realizar lá, sendo a mudança para o Estado de São Paulo compreendida como uma alternativa para essa situação.

O tema das tensões sociais vividas no campo, bem como da expectativa de conseguir uma área de terra, por sua vez, é recorrente em toda sua narrativa, não se restringindo apenas ao período em que viveu no Estado de Pernambuco. Tal fator aponta não apenas para as situações vividas por ele, mas também para a forma como ele constituiu-se como trabalhador rural em meio às lutas por sobrevivência e pela terra. Tais elementos, mesmo no momento em que prestou seu depoimento oral, quando já se encontrava aposentado,

¹⁵⁴ Idem. p. 1. Parte inicial do depoimento, não houve uma pergunta em específico.

ainda faziam sentido para ele. Esse caráter ficou muito visível, pois tais conflitos acabaram por se tornar o enredo de sua narrativa, obscurecendo uma série de outras questões que eu procurava trabalhar no momento da entrevista.

Sobre sua vida no Estado de São Paulo, Ernesto e seus irmãos, com quem viajou, viveram em diferentes lugares. Ali trabalhavam em atividades rurais, conforme aponta, também em terras de outras pessoas, ao que tudo indica no roçado de áreas para criação de gado. Do Estado de São Paulo, Ernesto mudou-se para o Norte do Paraná, região onde se localizam as cidades de Londrina e Maringá, destacadas no “Anexo I – Mapa do Estado do Paraná”, na página 270. É possível notar que durante seu depoimento, ele apresentou sua trajetória de vida em uma seqüência linear, saindo de Pernambuco, passando pelo Estado de São Paulo e rumando para o Paraná. Ele ignora, assim, as experiências vividas no Estado de Minas Gerais, lugar por onde afirma ter passado, em outro momento de sua entrevista, quando mencionou ter pego um tipo de doença que prejudicou-o posteriormente. Sendo assim, percebe-se que o entrevistado mudou-se várias vezes de lugar, até chegar ao Oeste do Paraná, sendo que sua trajetória não se limita simplesmente a uma vida de “retirante” que sai do Nordeste e vai para São Paulo tentar vida nova.

Sobre sua estada no Norte do Paraná, novamente os conflitos envolvendo a terra são destacados por Ernesto, como na passagem a seguir:

Aí viemos aqui pro... Paraná, entramos aqui... Taguagé, aqui... na divisa de São Paulo com o Paraná, né, uma cidade de nome Taguagé. Aí f, fomos derrubar mato, formar café e... plantar lavoura branca, arroz, feijão, milho. E... batalhamos, batalhamos e batalhamos e depois de lá [tosse] eu, [pausa] aí meu irmão, veio outro irmão meu mais novo entrou aqui no Paraná, no... Nova Esperança. E na... naquela época deu uma geada no mil novecentos e cinqüenta e cinco. Mas matou café dessa, dessa grossura a madeira. Deixou na terra. Aí o meu irmão vai e pega pra reformar [pausa] quebrar aquela madeira toda, amontoar e queimar e reformar, que o broto saía debaixo da terra. Pegamos uma lavoura de café lá e [pausa] e metemos a cara. E trabalhando, trabalhando e aquela lavoura foi se formando. Quando era o... quatro anos a lavoura estava dando uma carga que era uma maravilha, né. Aí o patrão começou implicar. Para querer tomar a lavoura de nossa, né. (...) É. E nós batemos o pé firma lá e era uma turma tudo pernambucano, virado em [riso] uma droga lá, né. Batemos o pé firme lá. [tosse] E aí, eu tinha um parente que ele... ele já era um, um homem que [pausa] gostava de pistolar qualquer um que fizesse raiva pra ele, à toa ele matava ninguém, não, mas [pausa] fize, pisasse no calo dele ele matava. Aí ele bateu o pé firme lá e, “e vamos firmar aqui, esse filha da puta tem de pagar... toda lá, todo trabalho que nós tivemos esse, durante esses três, quatro anos”. Aí ch, mandou chamar ele, ele veio, entraram em acordo, ele pagou a lavoura ... aquele trabalho da lavoura de café, nós formar tudo, né. Aí nós viemos, aqui para... Cidade Barbosa Ferraz, na[não] sei se você... ouviu falar, de Campo Mourão pra lá.¹⁵⁵

¹⁵⁵ Idem. p. 1-2. Acréscimos meus. Parte inicial da entrevista, inexistindo uma pergunta em específico.

Ernesto relata, então, uma situação de enfrentamento com o patrão, o proprietário das terras em que plantava. Enfatiza a iniciativa de se organizarem em grupo para resistir às pressões dele, para que deixassem as terras após o trabalho mais pesado ter sido realizado. Explica tal organização de maneira humorada, a partir de características que não estariam relacionadas a um sentido de classe ou categoria profissional, mas em uma origem comum: o Estado de Pernambuco e àquilo que ele interpreta como um “jeito de ser” pernambucano. Ressalta também o papel do parente violento na resolução do conflito, porém, deixa claro que não tomava parte em tais atitudes. Isso, provavelmente, no intuito de construir sobre si uma imagem de homem “íntegro” e “ordeiro”.

Mesmo assim, depois de um certo tempo, Ernesto deixou a região de Nova Esperança, passando por outros lugares, como Nova Aurora, já no Oeste do Paraná, de onde então rumou para Santa Helena:

Depois de lá [Nova Aurora], a lavoura de hortelã acabou tudo. E eu me lasquei de lá pra cá e vim aqui. Peguei um, um cara que era... empreitava os mato para derrubar pra... formar [plantação de] hortelã, né. Aí pegamos esse cara lá, ele trouxe nós aqui [em Santa Helena]. Aí nós entramos nesse Matão, bruto, daí, desmatar e... formar hortelã e tudo aí, né. E estamos hoje até aqui, já vai para trinta anos.¹⁵⁶

No Oeste do Paraná, Ernesto deixou de trabalhar com café, passando a atuar no plantio de hortelã. Essa cultura foi comum na região, empregando bastante trabalho manual, o que exigia o serviço de muitos trabalhadores. A hortelã, de acordo com Laverdi,¹⁵⁷ deixou de ser cultivada no Oeste do Paraná em um curto espaço de tempo, ainda na década de 1970. Tal fator deveu-se ao rápido esgotamento das terras aliado ao clima que também não era muito propício ao seu cultivo.

A escolha por novamente mudar-se, agora para Santa Helena, deu-se pela oferta de trabalho nesse local, onde continuaria trabalhando com hortelã. A partir de 1974, então, passou a morar em Linha Santo Antônio, Distrito de Sub-Sede São Francisco. Sobre a forma como apresenta o município naquele momento, novamente é possível perceber a ênfase na existência de mata abundante, que o caracterizaria como um lugar “virgem”, a ser “desbravado”. Ao longo de sua narrativa, Ernesto também vai enfatizando os esforços empreendidos durante sua vida e no trabalho desenvolvido em Santa Helena, para tornar agricultáveis as terras encontradas.

¹⁵⁶ Idem. p. 2. Acréscimos meus. Parte inicial da entrevista, inexistindo uma pergunta em específico.

¹⁵⁷ LAVERDI. op. cit. pp. 181-6.

Prosseguindo, relata um pouco das dificuldades encontradas em sua inserção na sociedade local, principalmente pelo fato de não conhecer ninguém, uma vez que se mudou em função de uma oportunidade de trabalho:

O senhor podia me falar um pouquinho, assim, é como que... o senhor chegou, assim, a ter conhecimento de Santa Helena, tipo, como o senhor chegou a vir morar aqui, se tinha amigos, alguma coisa assim?

Nada, nada, de conhecimento não tinha nada. Chegamos aqui na [pausa] como se diz o outro sem, conhecer ninguém, estranho de tudo. Aí depois... fomos trabalhando, fomos pegando conhecimento com um colono [agricultor], aqui, outro lá, outro lá e, e fomos, crescendo, amizade pra tudo [pausa] tsic! como... o Natálio [meu pai, que me levou até a casa de Ernesto e acompanhou a entrevista] mais ou menos sabe mais ou menos como é que nosso sistema, né. E fomos pegando conhecimento, conhecimento, hoje, Deus ô livre e guarde, eu tenho amizade, completamente aqui dentro de Sub-Sede, dentro de Santa Helena. É a, mas é amizade mesmo, é com, gringo [localmente o termo é sinônimo de descendente de italiano, sem ter possuir um conteúdo pejorativo] é... italiano, é.... é de tudo quanto é nação. Tudo o que chega, às vezes gente estranha que vem de fora, às vezes vem ficar vizinho da gente, às vezes fica na vila [sede do Distrito Municipal de Sub-Sede São Francisco], aí. Eu só procuro, amizade. Taí o Natálio que diga, nu, eu acho que tu nunca soube bagunça minha Nunca. Nunca briguei, nunca dei tapa em ninguém, nunca [risos] recebi tapa de ninguém. Eu sou uma pessoa honesto. Minhas conta, eu vou te contar. É legal tudo que eu compro, tudo, tudo, tudo. Eu compro, vamos supor: eu comprei essa televisão. [tosse] Paguei, as prestações tudinho, depois que é pago aquela pro, aquela aparelho que eu comprei, depois eu compro mais outro, aí depois vou e pago tudo, só, não vou comprar o, compro um, dois três, quatro. Para me complicar lá na loja, né. Então eu compro um, pago aquilo, e depois compro outro, pago aquilo e vou assim. Não devo nada pra mercado... tenho confiança completamente aqui dentro de Sub-Sede, desde Santa Helena, quase toda loja lá eu tenho minhas fichas limpinhas [faz gestos com as mãos], tranqüilo. Vivo tranqüilo. Nunca recebi cobrança na minha porta, nunca, por causa de conta minha, não. Já mexi com banco, já mexi com Cooperativa.¹⁵⁸

Inicialmente, minha pergunta referia-se a como ele tomou conhecimento do Município de Santa Helena. Na região, no entanto, é comum as pessoas utilizarem a palavra “conhecimento” para referirem-se a laços de amizade, “ser conhecido” das pessoas. É a partir de sua própria cultura que ele entende minha pergunta e responde a partir de sua compreensão. Como é possível notar, “não ser conhecido” foi um problema que ele destaca ter enfrentado, porém, logo superado. A partir de certos valores, como a honestidade e mansidão, Ernesto procura construir uma imagem positiva de si, afirmando-se, a partir deles, nessa sociedade, mesmo no momento em que prestou seu depoimento oral.

¹⁵⁸ Ernesto Albuquerque. Apresentado anteriormente. pp. 9-10. Acréscimos meus.

Procura, percebo, afastar-se do estereótipo de “pernambucano” ou “nordestino” violento, que ele mesmo apresentou em outro momento de seu depoimento. Possivelmente, ele pode estar dialogando aqui com os preconceitos de uma sociedade que se funda em uma memória pública construída a partir da presença de migrantes gaúchos e catarinenses e não na diversidade. É importante notar, também, que em diversos momentos ele aponta Natálio, meu pai e um antigo conhecido dele, como uma espécie de “testemunha” dessa harmonia cuja existência havia ajudado a viabilizar, como se o seu depoimento por si somente não bastasse.

Apresenta, ainda, como algo importante, ter amizade com pessoas de “tudo quanto é tipo de nação”, citando os “gringos” que no Oeste do Paraná é sinônimo de descendente de italiano, sem possuir um conteúdo pejorativo. A alteridade, o contato com o “outro” fazia parte, portanto, do processo de produção de seu depoimento oral.

No momento em que realizava a pesquisa, entre as minhas preocupações estava perceber aquilo que designei de “estranhamentos”, ou seja, tensões que porventura haviam sido enfrentadas por esses trabalhadores em sua inserção na região. Queria saber se existia uma certa diversidade populacional no município, composta de trabalhadores vindos de diferentes regiões do país e as possíveis tensões, que poderiam ter existido entre os diferentes grupos, também compreendidas por mim como “estranhamentos”.

Questionei Ernesto acerca desses assuntos. Como resposta à minha pergunta sobre se ele havia “estranhado” algo ao mudar-se para Santa Helena, ele apenas reiterou que dificuldades foram vividas logo que chegou, em virtude de não conhecer ninguém no município. Reafirmou mais uma vez a idéia de um convívio harmonioso e para comprová-lo, apontou os laços de amizade e de parentesco que sua família passou a constituir, ao longo dos anos, com a de meu pai, falando que: “*Agora é pernambucano misturado com gringo [risos]*”.¹⁵⁹

Contudo, é possível notar aqui que mesmo quando fala de união, ressalta as divisões, como “pernambucano” e “gringo”. Tal questão aponta para o fato de que, lidar com o diverso, com a alteridade, foi uma experiência vivida por esses trabalhadores nesse processo de constituição da sociedade do Oeste do Paraná. Chama a atenção, também, para as diferentes maneiras como tais sujeitos enfrentaram essa situação.

Com relação ao meu questionamento, sobre a composição social do lugar em que vivia, quando chegou em Santa Helena, meu objetivo era saber se existiam muitas pessoas

¹⁵⁹ Idem. p. 11. Acréscimo meu.

vindas de outras regiões, que não do Sul do Brasil, do “norte”, termo que ele mesmo havia empregado ao longo de sua narrativa. Suas respostas, no entanto, foram bastante intrigantes para mim:

É... eu queria perguntar para o senhor, também, né, aqui quando o senhor veio, tinha muita gente do norte também, morando aqui na, nessa região?

Tinha pouco.

Pouco?

Agora, esses que veio de fora, era paulista, era mineiro, era pernambucano. Era... alagoano, sergipano, umas porção de, mas esses aí antes de, chegar o tempo de coisar... foram... acabando a lavoura e foram vendendo os direitos dele e foram embora tudo.

Eles foram embora?

Foram embora tudo. Tinha uma turma de paulista, aí, foram tudo para Toledo, estão tudo para o lado de Toledo.

Ah, eles foram embora.

É. Aqui mesmo só ficou... de vinte e cinco famílias que tocava isso aqui... só tem duas famílias que está agüentando as pontas até agora. Só eu aqui e o Osvaldo. Só. E o resto tudo já entrou depois que o mato estava desmatado. Foram comprando os direitinho... fazendo uma casa, uma coisa e outra. Mas aqui mesmo tudo, do começo só tem dois, só.

Uhum. Esse pessoal foi indo embora, então?

É, foram embora é... roça foi se acabando e... e a co, a preguiça também mais preguiça do que coragem. [Risos].¹⁶⁰

Segundo aponta, a maioria das pessoas que viviam (e vivem) na Linha Santo Antônio, descendem ou são gaúchos e catarinenses. Os poucos vindos no Nordeste e Sudeste, foram embora, com a exceção dele e de outro morador, Osvaldo. É importante perceber aqui a forma como Ernesto caracteriza esses migrantes. Primeiramente aponta que eles vieram de “fora”, não os reconhecendo como portadores dos mesmos direitos à região Sul do Brasil, que os demais. Ao que parece, ele confere um estatuto de pertencimento inferior a essas pessoas, na localidade, reforçando tal idéia ao afirmar que muitos desses trabalhadores mudaram-se quando o “mato já estava derrubado”, isto é, quando o serviço pior, o “desbravamento”, já havia sido realizado. Os trata, ainda, de maneira até preconceituosa, ao apontar que lhes faltava “coragem” e possuíam “preguiça”, generalizando esses elementos para todos os do “norte”, tratando tais fatores como o motivo da saída dessas pessoas de Santa Helena.

É evidente, pois, que existia uma série de outras dificuldades para a permanência desses trabalhadores no campo. Para além das expectativas pessoais, eles possuíam “direitos”, segundo o entrevistado, isto é, suas terras não estavam legalizadas, com escritura e registro de imóvel. As áreas também eram muito pequenas, geralmente, o que

¹⁶⁰ Idem. pp. 11-12. Acréscimo meu.

os dificultava de prover o sustento da família. Tais adversidades compunham o universo possível do horizonte desses trabalhadores e permeiam também a narrativa de Ernesto, principalmente quando afirma que apenas duas famílias estavam “*agüentando as pontas até agora*”, evidenciando que a possibilidade de ter que deixar o campo ainda fazia parte de suas vidas.

Tais fatores, no entanto, demonstram que os “nortistas”, como falam alguns dos entrevistados, não formam um grupo coeso e muito menos homogêneo. Mais do que isso é importante perceber como Ernesto também utiliza-se de elementos dessa memória pública, principalmente do pioneirismo para compor suas lembranças. Tenta colocar-se como um dos “pioneiros” do lugar, ressaltando a sua atuação como um “desbravador”, na derrubada da mata, em detrimento de outras pessoas, chegadas em períodos posteriores. Além disso, interpreta sua realidade a partir da ótica “do Sul”, incorporando certos preconceitos sobre as pessoas vindas do Nordeste e Sudeste, bem como conferindo a eles um estatuto de pertencimento local inferior.

Tal questão deixou-me muito intrigado, no decorrer da pesquisa. Como afirmei antes, uma das minhas grandes preocupações era trabalhar as tensões vividas pelas pessoas na região. Ernesto, na minha compreensão, era pernambucano e havia se mudado para a Linha Santo Antônio na condição de arrendatário, acabando posteriormente por reivindicar judicialmente a posse das terras em que trabalhava. Por meio desse ato, acreditava, ele feriu um dos grandes valores existentes entre os pequenos agricultores do Oeste do Paraná: o seu profundo respeito à propriedade privada. Não entendia como ele não falava sobre possíveis conflitos vividos com os demais moradores.

Sem me conformar com as respostas anteriores, questioneei-o novamente, sobre a existência de conflitos, esclarecendo agora, que poderiam ser em virtude dele ser pernambucano, num lugar em que a maioria das pessoas era originária dos demais estados do Sul. Ele, no entanto, novamente reiterou o clima de harmonia em que viveu no lugar. Afirma, assim, que fez muitas amizades e construiu uma série de relações, como ele destaca: “*Uh... acostumei que eu não acho mais jeito de sair para outro município. Né. Não acho jeito, mais. [tosse]*”.¹⁶¹

As possíveis tensões, mesmo que existissem, foram silenciadas por Ernesto, em função até da necessidade dele constituir um bom relacionamento com as pessoas próximas de si. Além disso, o depoimento oral foi produzido por mim, acompanhado por meu pai,

¹⁶¹ Idem. p. 13. Acréscimo meu.

que é gaúcho de ascendência italiana, tendo rumado para o município, com sua família, ainda no período da chamada “colonização planejada”. O entrevistado sabia disso, e a partir das fronteiras que nos separavam fomos constituindo um diálogo.¹⁶²

O silenciamento de tensões, bem como esse afastamento que ele mantém para com as demais pessoas rotuladas como “nortistas”, pode ter uma série de significados. Apresentar no depoimento um ponto de vista semelhante àquele que seria de um trabalhador gaúcho ou catarinense e, portanto, colocar-se ao seu lado, produzindo assim um olhar negativo sobre os trabalhadores vindos do Nordeste e Sudeste, pode estar expressando uma das formas pelas quais Ernesto procurou inserir-se e fazer-se aceito naquela sociedade, demonstrando partilhar um sentido de pertencimento sulino e dos valores projetados sobre a cultura das pessoas dessa região do país. Nesse sentido, Ernesto possivelmente utilizou seu depoimento oral, em um diálogo com “gringos”, como ele mesmo fala, para reafirmar essas intenções.

Mesmo assim, durante o processo de pesquisa, a busca pelas tensões foi constante. Procurei, dessa forma, tratar de tais questões com Antônio,¹⁶³ 51 anos, funcionário público municipal (serviços gerais). Natural de Joaçaba, Estado de Santa Catarina, o trabalhador entrevistado mudou-se com a família para Ampére, Sudoeste do Paraná, região das cidades de Francisco Beltrão e Pato Branco, também apontadas no “Anexo I – Mapa do Estado do Paraná”, na página 270. Depois de um certo tempo, ainda com sua mãe e irmãos, transferiu-se para o Município de Medianeira, já no Oeste do Paraná, de onde finalmente rumaram para Santa Helena, no ano de 1979.

Também questionado sobre os “estranhamentos” vividos ao chegar em Santa Helena, Antônio aponta a presença de pessoas vindas de diferentes estados, inclusive das Regiões Nordeste e Sudeste do Brasil, o que diferia de sua vida nos outros lugares em que morou:

Quando o senhor veio pra Santa Helena, seu Antônio, o senhor estranhou alguma coisa... como é que foi, assim, sua adaptação aqui na cidade até?

Hã... chegando aqui a gente, e... estranhou... assim o... o estilo, o jeito das pessoas falar. Porque... lá pra... banda de, de Ampére, Santo Antônio [do Sudoeste], para aqueles lados lá [pausa] a che, é, tinha muito pouco mineiro, né, [pausa] assim, baiano, mineiro, capixaba. A gente chegava aqui em Santa Helena pra esses lados pra cá a gente encontrou esses tipo de gente, né [riso]. A gente é... estranhou, a gente achava até engraçado, né, que a... aqui... Medianeira, ali, quando nós

¹⁶² Sobre essa noção, do depoimento oral como um diálogo produzido a partir de fronteiras, ver: KHOURY, Yara Aun. “Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história.” In: FENELON, Déa Ribeiro et al. (orgs.) op. cit. p. 127.

¹⁶³ Antônio. 51 anos. Funcionário público municipal (serviços gerais). Chegou no Oeste do Paraná na década de 70. Entrevista realizada em 31/07/2004, sábado de manhã, na residência do entrevistado, Conjunto Padre Martinho.

moramos ali. Nós fomos morar... bem... vizinho de um baiano, né. E esse baiano falava bem... baiano, mesmo, sa [risos]. A gente [pausa] achava muita graça dele, né. Porque a gente... é, lá pra aqueles lados pra lá... a língua era... assim é português, né, mas é... bem diferente, mais é... gaúcho, né. Não... não convivia com esses tipo de gente lá. E chegando mais aqui pra esses lados por aqui pra Medianeira, Santa Helena pra cá já tinha bastante mineiro, né, baiano, capixaba, né. A gente passou a conviver com esses tipo de gente, aí. A gente estranhou... o... o estilo da, das pessoas falar, né [pausa] e outras coisas também, né, que... um pouco diferente, né.¹⁶⁴

É necessário notar que o conceito de “estranhamento” não é, propriamente, de Antônio, mas meu, sendo tomado por ele, em seu depoimento. Portanto, mesmo ele respondendo afirmativamente, é necessário refletir-se sobre isso. Para mim, como apontei anteriormente, “estranhamento” tem o sentido de tensão. Tal significado, entretanto, não é compartilhado pelo entrevistado, mesmo utilizando-se ele dessa mesma noção.

O contato com a diferença é tratado por ele como algo peculiar que encontrou em Santa Helena, o que não havia ocorrido nos outros locais em que viveu, anteriormente. Tal fator, porém, não é apontado como origem de um problema, sendo que a forma bem-humorada como produz sua resposta denota um pouco disso.

Mesmo não apresentando essa dimensão da sociedade local como conflituosa, posso perceber que Antônio, ao apontar para a própria diversidade cultural, existente em Santa Helena nas décadas de 70 e início de 80, acaba por conferir visibilidade a uma memória diferente sobre o lugar. Dessa forma, acaba por colocar limites às versões que afirmam a homogeneidade local, representada pela sociedade que descenderia do pioneirismo gaúcho e catarinense.

As narrativas de Antônio apontam para uma possível identificação entre migrantes vindos do Sul, em contraposição aos demais, tendo como laços certos costumes, como o chimarrão e o sotaque. Fica visível na pesquisa, porém, que tanto “nortistas”, quanto “sulinos”, não formam dois grupos coesos, em oposição permanente, pois seria ilusório pensar que todas as divisões e solidariedades que existiam nessa sociedade podem ser reduzidas a uma oposição entre “norte” e “sul”, como o próprio depoimento de Ernesto Albuquerque demonstra.

Tais questões apresentadas por Antônio foram importantes para a realização do presente trabalho. Quando o contatei, pensava que por ser negro, suas memórias poderiam diferenciar-se daquelas versões constituídas na esfera pública. Preocupava-me, também, porque muitas das pessoas que havia entrevistado até então eram gaúchos, catarinenses ou

¹⁶⁴ Idem. p. 15. Acréscimos meus.

filhos de pessoas vindas daqueles estados. Foi uma surpresa para mim saber que ele também era oriundo do Estado de Santa Catarina, pois eu compartilhava uma imagem cristalizada da população daquele estado, que tanto ressalta sua composição européia.

Foi importante perceber como Antônio constituiu-se socialmente e identificou-se como sulino, frente a diversidade encontrada no novo lugar. Isso me fez notar, mais uma vez, como os grupos sociais também são produzidos pelos sujeitos. Pude perceber, ainda, que, ao menos nas décadas de 70 e 80, a identificação como grupo nem sempre podia dar-se a partir da ascendência étnica, como por exemplo de descendentes de italianos, alemães ou negros. Além disso, acabei por dar-me conta de que mesmo existindo diferenças e desigualdades, elas nem sempre significavam barreiras intransponíveis para o convívio.

Mesmo assim, uma das minhas preocupações, no momento da entrevista, foi saber se Antônio havia vivido algum tipo de preconceito em Santa Helena, pelo fato de ser negro. Buscava com isso novamente trabalhar as tensões existentes na inserção desses trabalhadores no lugar:

E... assim, como é que era a... aqui, é... o senhor se lembra, assim, se existia algum tipo de preconceito, assim, aqui na cidade. Porque tinha gente de bastante lugares diferentes, o senhor falou, né?

Uhum.

Então tinha né... tipo os gaúchos, tinha os baianos, tinha... [inaudível parece ser: “o senhor sabe”]

Assim é... preconceito, já não, quando nós chegamos aqui já não... não existia muito mais não. Porque o preconceito existiu, né. Mas a... já quando nós viemos pra cá essa parte aí já não... o povo já estava tudo meio misturado, aí, né. (...) Estava tudo meio misturado.

O senhor no seu caso nunca viveu alguma situação, assim, por qualquer motivo? Às vezes [inaudível].

Não, de preconceito, assim, não.

Não?

Eu té... a primeira, namorada que eu tive aqui era... de origem alemão, né. (...) Até meu irmão é casado com... tem o meu irmão, meus sobrinhos são todos casados com de origem alemão. Minha esposa também é meia... mestiça. Nessa parte aqui a gente sempre se deu bem, né, com... as pessoas, nunca... fui discriminado, assim é... por causa de cor, por causa de rala [raça], assim, não. (...) Nessa parte aí a gente [pausa] pode tirar o chapéu que a gente sempre foi [pausa] bem acolhido por... toda... nação de pessoa, né. Não sei porque, te, te, tem... causo de pessoas que até... reclamaram sobre isso, mas nó, da nossa família [pausa] a gente sempre foi bem acolhido por toda... assim a... descendência de pessoa, assim, a gente nunca teve problema com... por causa de... desses tipo de coisa, não.¹⁶⁵

As respostas de Antônio foram intrigantes para mim. Imaginava que elealaria sobre racismo, relataria em detalhes algum episódio que lhe envolvesse. Apesar disso, ele é

¹⁶⁵ Idem. pp. 15-16. Acréscimos meus.

enfático em falar que nunca foi alvo de preconceito, nem ele, nem seus familiares, embora já tenha ouvido falar de pessoas que haviam se queixado de terem sido discriminadas.

Em seu relato, o preconceito é apontado como um processo findo, algo terminado em período anterior à sua chegada à Santa Helena. Somente algumas reminiscências ainda existiriam, sendo tais episódios apresentados como “causo”, palavra que na linguagem local é sinônimo de boatos. Como prova disso, aponta os casamentos de membros de sua família com pessoas de “origem alemão”.

De qualquer forma, até o presente momento, o preconceito racial contra os negros é uma realidade na sociedade brasileira. É difícil pensar que Antônio nunca tenha vivido ou tomado um maior conhecimento de uma situação em que tal fator tornou-se manifesto. Acredito que Antônio também pode estar relegando o preconceito ao silêncio em nome de um convívio mais harmônico com a sociedade local. A entrevista pode ter se tornado um momento privilegiado para que ele expressasse tal desejo, pois eu, o pesquisador, também sou branco. Talvez, o contato que estabeleci com ele não foi o bastante ainda para criar uma relação de confiança suficiente para que ele pudesse falar sobre o assunto.

É importante ter em mente, ainda, que Antônio também é funcionário público municipal, trabalhando na limpeza de vias públicas. Seu contato com o município, bem como com aquela memória pública do lugar é muito íntimo. Vale a pena lembrar que ele também, em certos momentos, principalmente quando relata sobre as transformações ocorridas em Santa Helena, lembra da falta de infra-estrutura que aqui existia e do papel desempenhado pelas autoridades locais, na década de 70, em efetuar melhorias. Portanto, apresenta também algumas memórias que se enquadram em certos marcos da esfera pública.

Suas lembranças, nesse sentido, vão muito além do silêncio a respeito dos preconceitos que possivelmente tenha vivido. Antônio também volta seu olhar sobre sua trajetória familiar e de vida. No início de seu depoimento, pouco falou sobre o período anterior à mudança para Santa Helena. Questionei-o, então sobre alguns aspectos da vida que levava em Santa Catarina, junto de sua família:

É... seu Antônio, é, sua família lá em Santa Catarina, é, eles trabalhavam... é na, viviam no caso, assim, era na roça?

Nós começamos trabalhando na roça,

Na roça.

nós tinha assim... ali no Quinze Grande, onde que nós moramos, município de Ampére [Sudoeste do Paraná], nós tinha ali aproximadamente oitenta, alqueires de terra, né, era pra hoje a gente ter uma vida bem melhor, não, ficar nessa vida que... hoje eu vim parar [pausa] aqui, morando em... casa de [riso], de BNH,

*essas coisas, né, porque a gente acabou perdendo não, teve assim da parte do... dos irmão mais velho, assim, uma administração. Daquilo que o... que o nosso pai deixou, né. Quando ele faleceu, então nós fique, ficamos, ainda, com esses... mais ou menos oitenta... alqueires de terras. Só que foram... vendendo, né, foram... não souberam administrar e acabamos ficando sem nada.*¹⁶⁶

Parte dessas memórias possivelmente foi produzida no âmbito familiar, tendo-se em vista que ele era muito jovem quando muito desses eventos ocorreram. Assim, pode-se pensar que a produção dessas versões contou com uma grande influência daqueles que estiveram mais à frente de várias das situações narradas. De uma maneira geral, Antônio enfatiza os momentos vividos pela família já no Paraná, principalmente em Ampére, no Sudoeste do estado. A narrativa por ele produzida relata os caminhos trilhados pela família não em uma sequência linear, muito comum em outros depoimentos orais, mas numa relação com o momento em que vivia ao prestar sua entrevista.

A passagem por Ampére tornou-se, assim, um marco em sua narrativa. É a partir dele que o entrevistado avalia sua posição naquele presente, afirmando que deveria estar vivendo em melhores condições financeiras. O fato de estar vivendo em conjunto habitacional construído em regime de mutirão, nessa passagem, é apontado por ele como algo que caracterizaria essa sua posição social “inferior”. Isso, mesmo tendo o bairro passado por um grande processo de valorização financeira, ocorrido nos últimos anos com a construção ali próximo da sede da extensão da UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, de Santa Helena.

Procura explicar essa posição social como resultante de sua trajetória familiar, e da má administração que seus irmãos deram aos bens herdados do pai. Dessa forma, ressalta que não tomou parte no processo de empobrecimento da família, procurando construir sobre si uma imagem de homem “batalhador”. Com seu jeito sempre calmo de falar, logo no começo de seu depoimento oral ele já parecia querer passar essa impressão, quando então sintetizou sua trajetória de vida:

Eu [pouco audível, parece ser “tinha”] nascido, em Santa Catarina, Joaçaba, né, Santa Catarina, quando criança, ainda, a gente... veio pro Paraná, meus pais... vieram morar no Paraná, né, e aí... a gente se criou aí no Paraná, viveu... ali no Município de... de Ampére, né. A gente viveu... um bom tempo ali. Quando... nós saímos de lá, já tinha... aproximadamente uns doze anos, nós mudamos... pra um lugar próximo ali, mas já saindo do lugar que onde a gente foi criado, né, daí, dali, nós viemos morar, em Medianeira, município de Medianeira, né, [pausa] ali nós ficamos, um tempo ali, acabamos vindo [pausa] morar, aqui pra essas bandas de Santa Helena, né, e onde que estamos até hoje, né. Aqui, vivendo em Santa Helena, mais de... vinte e cinco anos que gente está aqui, né. E nessa vida de...

¹⁶⁶ Idem. pp. 1-2. Acréscimos meus.

*trabalhador, né, sempre trabalhando, lutando, pela vida, né. E... no demais assim, a gente sempre foi uma pessoa lutadora, né, que sempre lutou pra... sobreviver, né. É... uma pessoa... assim que, sempre teve boa [pausa] convivência com as pessoas que a gente, conviveu, né. Uma coisa importante da vida da pessoa, né, é a gente, ter boa convivência com as pessoas, né.*¹⁶⁷

Antônio ressalta, então, uma trajetória de sua família, que “acabou” por morar em Santa Helena, tratando essa decisão como algo pouco planejado. Afirma-se, localmente, a partir do tempo em que vive no município, ressaltando que são mais de 25 anos, e de valores em torno do trabalho, do “ser batalhador” e da “boa convivência”, ou seja a mansidão, um dos valores caros ao cristianismo. Esse desejo de bem conviver pode explicar o silenciamento de certas tensões vividas por ele no município, conforme frisei anteriormente.

Tal imagem é ainda mais reforçada quando ele se apresenta como evangélico, tratando sua conversão à Igreja do Evangelho Quadrangular como um momento de ruptura, que marca um novo tempo em sua vida:

*Que é... é muito simples de... analisar e ver também. E no meu caso, eu sou evangélico, tenho... os meus irmãos homem, nenhum é. Eles são católico. Que que acontece: eles bebem, eles fumam [pausa] é... fazem coisas que não, né, que a pessoa bebe, acima daquilo que... que é o permitido, né [pausa] certamente a pessoa vai... fazer... bobagem, vai fazer coisa que... as pessoas vão achar [aproximado: “aquilo não tá” ou “que ainda é”] certo, né. Então é o que acontece [pausa] na vida deles, né. E já comigo já é diferente, eu não bebo, não fumo, não jogo. Eu toco a minha vida [pausa] passou a ser diferente, e eles continuam mesma coisa que era antes, né. Agora pra mim [pausa] já houve uma mudança, né. Isso aí.*¹⁶⁸

Dessa forma, afasta-se de certos traços de personalidade considerados negativos, como o hábito de ingerir bebidas alcoólicas e de fumar. Os momentos de tensão, por sua vez, somente são mencionados quando ele trata de sua conversão, conforme aponta: “*Eu estava no fundo do poço. Vamos supor, assim. Eu estava derrotado, eu estava... naquela vida [pausa] precária mesmo*”.¹⁶⁹ Essas questões são apresentadas, todavia, como um quadro de desequilíbrio que teria antecedido a decisão de tornar-se evangélico, cuja resposta estaria na adoção dessa nova maneira de viver.

¹⁶⁷ Idem. p. 1. Acréscimos meus. Em resposta á questão: “E depois, no caso o senhor é, o senhor é evangélico, como é que daí se tornou, essa sua vida, no caso, o senhor falou que mudou, né, o senhor podia comentar um pouco como é que ela ficou. Então, né”.

¹⁶⁸ Idem. p. 12. Acréscimo meu.

¹⁶⁹ Idem. p. 13. Fragmento da resposta à questão: “Uhum, obrigado, já... [o chimarrão]. Eu... queria perguntar para o senhor, ainda, é... como é que foi, assim, sua conversão para a Igreja do Evangelho Quadrangular, né. Se pudesse comentar um pouco”.

Apesar de ser uma forma de narrar comum entre esses cristãos,¹⁷⁰ a eleição da conversão como um marco em sua vida destaca o fato de que suas lembranças não são apenas um produto da memória pública, instituída sobre Santa Helena pelos setores dominantes. Diversos elementos são organizados pelos sujeitos, compondo memórias que dão sentido às suas existências e podem afirmar seus direitos ao lugar.

Existe, de uma maneira geral, uma necessidade de essas pessoas explicarem suas trajetórias de vida, suas frustrações e processos de empobrecimento a partir de fatores externos. Essas “causas” das situações “difíceis” que estariam vivendo no presente, ou que chegaram a viver no passado, estariam relacionadas com decisões mal tomadas por outras pessoas ou com situações que lhes fugiam totalmente ao controle. Em certos casos, os trabalhadores entrevistados acabam por não culpabilizar a si mesmos pelos problemas vividos, a partir de uma consciência de que seu destino social não depende unicamente de seus atos, mas de que a realidade é bem mais complexa.

Esse caráter, que é político, está muito presente no depoimento de Valdevino,¹⁷¹ 41 anos, pescador profissional. “Vino”, como é chamado por todos, é conhecido de meu pai, que levou-me até seu acampamento de pesca, local em que também reside, dentro da reserva de matas ciliares pertencente à Itaipu Binacional, onde realizei a entrevista. Contatei-o no domingo, quando então marcou a entrevista para a segunda-feira à tarde.

Ele nasceu em Nova Esperança, no Norte do Paraná. Seu pai era paulista, como muitos outros que migraram para essa região, próxima à divisa com o Estado de São Paulo. Toma como referência para a contagem do tempo a sua idade e destaca que ainda quando tinha quatro anos mudou-se com a família para Boa Esperança, no Noroeste do Paraná. Afirma que quando tinha entre oito a dez anos de idade – portanto, no começo da década de 70 – sua família mudou-se novamente, agora para Toledo, no Oeste do Paraná.

Em Toledo, continuaram desenvolvendo a mesma atividade que realizavam nas outras regiões, ou seja, trabalhavam na agricultura na condição de não-proprietários. Sobre a vida de sua família na zona rural de Toledo, Valdevino apresenta alguns aspectos,

¹⁷⁰ Algo semelhante foi notado por Léo Huber, em seu trabalho com fontes orais, integrantes de sua pesquisa, realizada em Jales (SP). In: HUBER, Léo. *Memórias e experiências de trabalhadores moradores da Vila União – Jales – 1980-2002*. São Paulo: PUC/SP, 2004. (Dissertação de Mestrado em História Social). p. 189.

¹⁷¹ Valdevino. 41 anos. Pescador Profissional. Nascido no norte do Paraná, migrou para a região Oeste do Paraná ainda criança, no entanto, mudou-se para Santa Helena apenas em 1989. Entrevista realizada em 26/07/2004, segunda-feira à tarde, no acampamento de pesca do entrevistado, onde também reside com sua esposa, localizado na beira do Rio São Francisco Falso, Distrito de Sub-Sede São Francisco, Município de Santa Helena.

quando o questionei sobre a saída de seu pai daquele lugar, no final da década de 80, com destino a Santa Helena:

Vino, você podia comentar um pouco sobre os motivos, assim, de vocês terem vindo de Toledo para Santa Helena, então? Como é que foi essa decisão, né.

Uhum. Olha. O motivo é o seguinte, você veja bem, a gente toda vida foi... colono, né, trabalhamos na lavoura, mas como a gente não tinha terra [pausa] né, a gente, te, sempre trabalhava, era arrendatário, ou às vezes trabalhava numa fazenda como diarista, plantava um pedacinho de lavoura, assim... então foi ficando difícil para a gente, pra gente ficar naquela vida, assim, né, co, quando era época, da destoca, que entrou a destoca na região, exigia muito serviço braçal, né, serviço manual, era... é arrancação de raiz, era... ali, lavoura de soja, aí começou já entrar a passagem de veneno nas terras, já começou a terminar o serviço de, da, da diária. É... tudo... os locais que tinha condições de plantar [pausa] era mecanizado, o próprio fazendeiro plantava, não ia arrendar para ninguém plantar. Quando se... tinha uma faixa em... em... em beiras, de rios, essas coisas, aquela faixa, é entrou a lei que não poderia mais ser desman, ser desmatado, né, porque é aonde... quem não tinha terra poderia a... fazenda dava pra pessoa plantar aquelas beira de rio, onde não dava pra destocar, aquelas que a, terra quebrada [de relevo acidentado], assim, no então, o meio-ambiente entrou com uma lei que não pode mais desmatar, aí ficou difícil pra quem... não tinha terra própria pra trabalhar, né.¹⁷²

Valdevino explica sua saída do campo a partir do modelo representado pelo êxodo rural, ocorrido a partir da mecanização da agricultura. Como trabalhei no presente capítulo, principalmente quando tratei da trajetória de Ernesto, era comum entre os agricultores do Sul do país, o pai comprar áreas de terra bem maiores do que necessitava, quando tinha condições financeiras para tal.

Costumeiramente, a família não conseguia cultivar toda a área que possuía, uma vez que desenvolviam uma agricultura familiar baseada no trabalho manual. Boa parte da propriedade agrícola ficava encoberta pela mata nativa, até ser entregue de herança, geralmente, de maneira exclusiva aos filhos homens.¹⁷³ Em outros casos, a família realizava uma *parceria agrícola*, ou entregava parte da área na forma de *arrendamento* para famílias que não possuíam propriedades rurais. Esses agricultores não-proprietários, por sua vez, tinham que pagar para o dono das terras uma porcentagem dos produtos cultivados. Além disso, era freqüente a necessidade dos proprietários rurais, de contratar diaristas, principalmente para a realização da carpida, isto é, a manutenção do terreno enquanto área livre de ervas daninhas.

Segundo o modelo de processo de mecanização agrícola ocorrido na região Oeste do Paraná a partir da década de 70, passou-se a empregar máquinas agrícolas desde o plantio

¹⁷² Idem. p. 3. Acréscimo meu.

¹⁷³ As filhas mulheres, muitas vezes, ao se casarem, costumavam receber dos pais apenas o enxoval.

até a colheita, ou seja, tratores e colheitadeiras, dentre outros acessórios. Além de reduzir o número de pessoas na realização dessas atividades, seja da família ou diaristas rurais,¹⁷⁴ o emprego dessa tecnologia no campo possibilitou o cultivo de áreas maiores. A utilização de herbicidas, por sua vez, acabou por diminuir a necessidade de se contratarem diaristas.¹⁷⁵

Nesse momento, ocorreu a chamada “destoca”, a limpeza dos terrenos dos tocos de árvore que ainda existiam e o desmatamento das áreas que ainda estavam encobertas pela floresta nativa. Nesse processo, os agricultores proprietários também passaram a cultivar as terras que antes arrendavam para terceiros. Sendo assim, para aqueles que não possuíam terras, morar no campo passou a ser mais difícil.

É justamente a partir desse processo que o entrevistado apóia suas memórias. Busca no “êxodo rural”, ocorrido a partir do processo de “mecanização agrícola”, uma explicação para sua saída do campo. A destoca, então, aparece como um “marco” dessa passagem, nem tanto do campo para a cidade, mas do fim do trabalho de Valdevino na agricultura. Essa mudança, assim, acaba por ser narrada como uma necessidade, algo inevitável, uma vez que ele apresenta-se como alguém “expulso do campo”.

Aponta, ainda, que as leis ambientais teriam feito parte desse processo de “expulsão”, daqueles trabalhadores rurais que não possuíam propriedade rural. Isso porque se passou a proibir o desmatamento das encostas de rios, terreno cuja topografia não permitia o cultivo de lavoura mecanizada e que poderia ser arrendado a terceiros. Tais percepções possivelmente foram elaboradas em sua trajetória de pescador profissional, período em que passou a estar sob constante vigilância por parte da Itaipu Binacional e de outros órgãos governamentais, como o IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio-Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis). Percebo que a própria temática do “êxodo rural” também é algo apontado por Valdevino a partir de sua posição de pescador profissional, como uma forma dele apresentar uma espécie de origem da categoria, dando sentido à sua presença, como classe, na região. Essa poderia ser uma forma deles posicionarem-se perante o processo que os tornou “incômodos” ao desenvolvimento do turismo e a certos setores do poder público, sendo que a categoria profissional também enfrenta uma crise, ocasionada pela progressiva diminuição dos peixes no lago, ocorrida tanto em termos quantitativos como qualitativos, conforme mencionado por Valdevino em seu depoimento.

¹⁷⁴ Geralmente eram agricultores, proprietários ou não, que viviam nas cercanias.

¹⁷⁵ A esse respeito ver: SCHREINER. op. cit. e SCHLOSSER. op. cit.

Prosseguindo em sua narrativa, em resposta à questão que apresentei no fragmento anterior, o entrevistado narra a vida que passou a levar quando se mudou para a cidade de Toledo, em 1986, enquanto seu pai rumou para Santa Helena com o objetivo de trabalhar como pescador profissional:

Então a gente se... o, o meu pai decidiu de vim pra Santa Helena... e ingressou na pesca, eu fiquei três anos em Toledo, quando meu pai veio pra cá. Trabalhando na cidade, eu trabalhei na... na, na, na [nome de frigorífico omitido pelo autor], trabalhei [pausa] na... numa fir, a, um... Cooperativa. Que é falida hoje, é a [nome de cooperativa omitido pelo autor]. É. Trabalhei treí, três anos ali. Mas... já por a gente ser uma pessoa fraco de estudo, porque o meu pai não teve condições de dar estudo [pausa] não... a cidade não adiantou pra mim, eu tive que [pausa] voltar de novo pra... por serviço... braçal, que nem a pesca, no caso. Meu pai ingressou na pesca, aí ele, ele, eu vim pra cá também [pausa] fiquei morando com ele aqui em [Distrito de] Sub-Sede [São Francisco], né, e me documentei na pesca e, comecei a trabalhar também, que é um, é, não é um serviço que dá muita coisa, mas... a pessoa vai passando a vida e tal, e n, e na cidade, não, não, não adianta ficar, porque se a pessoa não tem estudo, né. E... então, o motivo que me trouxe pra Santa Helena, foi, de... aonde, da gente não, não ter propriedade para trabalhar por conta própria e... na cidade também a gente também não tinha nem casa, tinha que pagar aluguel, né. Trabalhar de empregado, ganhar pouco, já devido do, do, do baixo estudo, quem não tem estudo vai pegar um serviço para ganhar um salário, dois salários. Ó... isso aí não dá pra pagar nem a luz e a água lá, numa cidade grande hoje, e aluguel, né. Então esse é o motivo da gente vim pra Santa Helena.¹⁷⁶

O entrevistado começa apontando as dificuldades com que se deparou em Toledo. Trata-se de uma cidade industrial, contando com uma população estimada de 104.332 habitantes, em 2004,¹⁷⁷ uma das principais da região e, ao ver de Valdevino, uma cidade “grande”. A partir da idéia de “falta de estudo”, faz uma leitura pela qual compreende que por esse motivo apenas lhe restavam atividades que geravam pouca renda. Nesse período já era casado e, conforme aponta, enfrentou problemas para pagar aluguel, bem como as contas de luz e água, que nesse período provavelmente ainda não eram muito comuns na zona rural, onde vivera até então.

Esses elementos que o entrevistado associa à vida urbana, principalmente aluguel, contas de luz e água, salários baixos e pouca escolaridade, vão compondo em sua narrativa uma atmosfera em a cidade aparece como um lugar que não é para si. Adiante, Valdevino reforça tal idéia:

¹⁷⁶ Valdevino. Apresentado anteriormente. Idem. p. 3. Acréscimos meus

¹⁷⁷ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Toledo – PR*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>. Acesso em 08/08/2005.

Você trabalhou, então, em Toledo, também, com outras coisas ali... na cidade, mesmo?

*É. Foi na época que meu pai saiu pra vim pra Santa Helena, que daí eu fiquei, uma temporada trabalhando na cidade, né, de empregado. Trabalhei três anos, na cidade. Mas daí também não vi resultado nenhum. Porque eu não tinha tempo de trabalhar e estudar, não tinha como trabalhar e estudar. E trabalhando também eu nunca ia subir de cargo, porque não tinha estudo. Ia ficar sempre na mesma, sempre como auxiliar geral, né. Então, eu decidi que... tinha que... vim pra cá mesmo e... enfrentar a vida assim mesmo.*¹⁷⁸

Valdevino, em suas memórias, não concebe aquilo que compreende ser a cidade como um lugar ao qual poderia ter se adaptado e onde poderia ter conseguido prover sua sobrevivência. É importante notar, então, que Valdevino não reivindica o *direito à cidade*. A partir das dificuldades vividas em Toledo, ele constituiu uma espécie de desencanto com a cidade e a apresenta a partir de seu caráter excludente. É sobre ela, também, que ele projeta as tensões experimentadas em Toledo e não sobre seus padrões ou no processo de exploração de sua “força de trabalho”. É como se tais problemas fossem inerentes ao urbano, onde não existiria espaço para pessoas como ele, com “pouco estudo”, situação essa decorrente não de falta de “força de vontade” própria, mas pela inexistência de oportunidades, tanto no passado – o pai “sem condições” – como naquele presente – impossibilidade de trabalhar e estudar ao mesmo tempo.

Tenho a impressão que tal memória não foi constituída dessa forma por acaso. Mais uma vez ele parece estar querendo afirmar sua presença como pescador profissional em Santa Helena, a partir dos processos de exclusão que viveu.

Sendo assim, dentro desse quadro apresentado por Valdevino, surge como oportunidade de ir morar para Santa Helena, onde seu pai já vivia há três anos. Mudar-se de lugar, portanto, foi a resposta dele para aquela situação que estava vivendo. A vida no novo município, então, aparece como uma alternativa à noção de “cidade” que elabora a partir de suas experiências em Toledo:

E aí, então, você veio pra cá, assim, a partir de seu pai já que estava, aqui, então. Em Santa Helena?

É, eu vim porque o pai veio pra cá, daí. A... ele tinha comprado os, a propriedade aí em [Distrito de] Sub-Sede [São Francisco], né, pra... pra... pra morar, e daí tinha espaço pra gente dava pra morar também, então, falei: “Se a gente indo pra Santa Helena, conseguindo trabalhar e... ganhar pra comer e beber, e já tem aonde a, lugar pra fazer uma casinha, não precisa pagar aluguel já é uma grande coisa. Né? E... a... a... a pesca, aquele, aquela época dava para a gente... viver até mais ou menos, assim, dava uma, um... uma renda sempre, mais ou menos, né, razoável, dá pra... pra viver mais tranquilo. E como eu não ia pagar aluguel nem nada, então, decidi de vim pra cá. E... até hoje não tenho o que me queixar, a...

¹⁷⁸ Valdevino. Apresentado anteriormente. p. 3-4.

melhor do que... se eu tivesse na cidade grande eu acho que... pra mim está ... hum.

*Ah, muito obrigado. [a esposa de Vito traz um cafezinho].*¹⁷⁹

A transferência para Santa Helena, por sua vez, não é apresentada como uma ruptura em termos de lugar, mas sim com o urbano. A mudança para o novo município também aparece inicialmente como uma decisão tomada sem grandes expectativas para com o novo lugar. É tratada como uma experiência, uma tentativa que realizaria, tendo como atrativos a possibilidade de livrar-se do aluguel e uma possível atividade (a pesca), na qual nunca antes havia trabalhado e que poderia garantir seu sustento. Nesse sentido, o fato de seu ter conseguido manter-se a partir da pesca aparece como uma evidência de que ele também poderia sobreviver assim. A partir dele, Valdevino percebe a abertura de uma possibilidade de trabalhar em uma atividade que não fosse urbana e ao mesmo tempo não exigisse a posse de áreas rurais.

A atividade aparece, assim, em seu depoimento, como uma espécie de “a-urbano”, uma alternativa à impossibilidade ou inviabilidade de retornar ao campo. Contudo, essa mudança de trabalho e local de moradia não ocorreu de maneira tranquila. É possível perceber que esse fazer-se de Valdevino como pescador profissional foi um processo que demorou um certo tempo:

E você começou pescar, então, junto com seu pai, como é que foi assim, que você foi adquirindo os equipamentos, essas coisas, como é que era nessa época, a pesca, assim, como que você foi se inserindo nessa atividade?

*É, a pesca veve [vive] é, mesma coisa, que nem hoje, né. Só que... na época, eu não tinha mesmo o... os meus materiais próprio, né. Então eu vim pra cá, até meu pai trabalhava mesmo, de era, era de sócio, ainda, com um, um senhor aí de Sub-Sede, né. E daí até com esse mesmo, que... era parceiro com o pai de pesca, que trabalhava de sócio. Esse mesmo... senhor me cedeu um... a, um material pra mim trabalhar com ele também. Meia-a-meia. E daí eu peguei e... comecei a trabalhar com ele de à meia, e daí ao, ao correr do tempo eu fui comprando meus equipamentos próprios, né. Comprei barco, motor e... os materiais que precisava e fui comprando as coisas e quando, hum, no decorrer de uns dois anos, daí, eu tinha meu [pausa] equipamento próprio pra mim trabalhar por conta, daí. E daí pra cá eu me mantive assim, trabalhando por conta, daí, né.*¹⁸⁰

Como é possível notar, Valdevino foi se inserindo na atividade pesqueira aos poucos. Inicialmente começou trabalhando com os equipamentos de outra pessoa, um sócio, com quem dividia os resultados de seu ofício. Essa iniciação na pesca, sem possuir equipamentos nos primeiros tempos, pode indicar não apenas a falta de condições

¹⁷⁹ Idem. pp. 4-5. Acréscimos meus.

¹⁸⁰ Idem. p. 5. Acréscimos meus.

financeiras para adquiri-los, mas a própria incerteza quanto a continuar vivendo em Santa Helena e trabalhando nessa atividade, como ele mesmo afirma: “(...) *tinha uma hora que dava vontade de voltar, mas voltar fazer o quê? Nê*”.¹⁸¹ Embora faça questão de frisar que tal situação não se prolongou por muito tempo, afirmando que dentro de um mês já estava acostumado com aquela vida.

É possível notar que a própria permanência em Santa Helena, como pescador, esteve mais relacionada com a falta de outras oportunidades do que com os atrativos aí encontrados. A mudança de lugar, no caso de Valdevino, mesmo dentro da própria região, foi um caminho encontrado por ele para realizar suas expectativas de vida e de manter sua sobrevivência.

Elementos semelhantes, também são encontrados nas memórias de Marli,¹⁸² 30 anos, dona-de-casa. Natural do Oeste do Paraná, ela é filha de catarinenses e nasceu em Tupãssi, localidade na época pertencente ao Município de Assis Chateaubriandt. Ela destaca os motivos da mudança vivida com a família para Vila Celeste, distrito municipal de Santa Helena, ainda década de 1980, nesses termos:

Marli, vocês eram agricultores lá também, antes de vocês virem pra Santa Helena? Era em Tupãssi?

*Sim. Era em Tupãssi. Que a gente morava. E... sempre, sempre, meu pai foi da roça, meu pai veio, de Santa Catarina.... a, ajudô a derrubá mato, e... todo aquele processo de colonização ali ele tava junto, né, e a mãe também, meus avós, minha família em geral, é tudo, são todos pessoas da roça, né. Então a gente... é... na roça não tinha mais como você ficá, porque como eu falei no início, era só [pausa] era só aquela chacinha, aquele pedacinho pequeno de terra, né. então não tem como você, mantê uma família, dá tudo pros filhos com [pausa] com aquele pedacinho pequeninho de terra, além do quê ali a, os, os, as pessoas é, que tinham mais terra, na época foram, assim, comprando aqueles pedaços pequenos e fazendo aquelas, aqueles sítio, aquelas fazendinha, coisa e tal, e onde que os pequeno tinham que saí, foi o que aconteceu ali... em Tupãssi, né, que o pai, procurô vim pra cá porque, a, a nossa chácara ela tava praticamente cercada já por sitiantes fortes, né, pessoas que já tinham lá seu vinte, trinta, quarenta alqueires de terra e onde que eles faziam pressão encima do, do, do, dos pequeno, pros, pros pequeno í saindo, né. Então, ao invés de você podê í pra frente vocês... pára ou talvez até vai pra trás, né. Que nem no caso, o, os meu pais, assim, eu não posso dizê fome, a gente nunca passô, nunca deixaram faltá, né, pra, nada pra gente só que, é aquela vida simples, você não pode í além do... do, do, do teu... dia-a-dia ali, você... come, você se veste e acabô, não tem né.*¹⁸³

¹⁸¹ Idem. p. 24.

¹⁸² Marli. 30 anos. Comerciante. Nasceu em Tupãssi no Oeste paranaense. Mudou-se para Santa Helena em 1988 com seus pais. Aproximadamente em 1992 foi morar em Cafelândia, na mesma região, retornando à Santa Helena em 1999.

¹⁸³ Idem. p. 3. Acréscimos meus. Um alqueire paulista representa 2,42 hectares ou 24.200 metros quadrados. Informações coletadas por mim no dia-a-dia de trabalho em um escritório de contabilidade, onde atuei alguns anos atrás.

Marli relata, nesse momento de sua entrevista, a origem de sua família a partir de sua participação, principalmente de seu pai, na “colonização” de Tupãssi, ressaltando que esteve presente quando o “mato” foi derrubado. Mais uma vez, elementos do pioneirismo compõem a narrativa de trabalhadores do Oeste do Paraná. Todavia, nesse caso, na impossibilidade de afirmar sua presença familiar no Município de Santa Helena, Marli a faz em termos de região.

A saída de Tupãssi também é narrada dentro de certos marcos de memória, no caso, a concentração fundiária. Esse seria o motivo da mudança para o Distrito de Vila Celeste, Município de Santa Helena. Nesse lugar, sua família adquiriu uma chácara, pequena área de terras nos arredores da “vila”, a sede do distrito. As dificuldades vividas pelos agricultores, proprietários de pequenas áreas rurais, continuam fazendo parte de seu depoimento, quando então relata a vida nesse lugar e a necessidade de deixá-lo, mudando-se novamente.

Afirma, assim, que não podendo sobreviver meramente da propriedade do pai, necessitava arrumar emprego em outras atividades, o que não podia encontrar na sede de Vila Celeste. Esse lugar não oferecia muitas opções, pois após 1982 aquele distrito que até então fora o mais próspero do município, agora se encontrava em decadência, principalmente por ter sido muito atingido quando da formação do reservatório de Itaipu, estando seu comércio em um profundo refluxo.¹⁸⁴ Tal questão é apresentada por Marli de maneira bem-humorada, que em certo momento ri da situação. Esse elemento parece demonstrar que as próprias expectativas dela estavam em ir viver em outros lugares, portanto, mudar-se poderia ser mais que apenas uma simples necessidade.

De maneira semelhante a Valdevino, Marli relata sua saída de Vila Celeste com destino a Cafelândia, ainda no Oeste do Paraná, a partir da temática do “êxodo rural”, compreendendo essa mudança de município também como uma saída da “zona rural”:

¹⁸⁴ Ao observar-se o “Anexo III – Mapa do Município de Santa Helena em 1980 (antes do alagamento para a formação do reservatório de Itaipu e da emancipação do Distrito de São José)”, na página 272, e o “Anexo IV – Mapa do Município de Santa Helena após o alagamento para a formação do reservatório de Itaipu e da emancipação do Distrito de São José”, na página 273, pode-se notar que as águas da represa chegaram até bem próximo do povoado de Vila Celeste. Essa vila era o núcleo comercial da área localizada em suas proximidades, possuindo como seu mercado consumidor os agricultores que aí viviam. Por outro lado, passava por essa localidade a PR-317, visível no “Anexo III”, uma das principais vias que ligava Foz do Iguaçu a Guaíra, outro município turístico da região, onde ficavam as “Sete Quedas do Rio Paraná”, também inundadas para a construção de Itaipu. Tal rodovia ligava, também, a sede municipal de Santa Helena a Foz do Iguaçu, ficando Vila Celeste em meio a esse trajeto. Teve, no entanto, seu traçado foi modificado, com a formação do lago artificial, como pode-se notar ao ver o “Anexo IV”, ficando essa localidade relativamente isolada, ou ao menos distante das principais vias de comunicação da sede municipal com os municípios vizinhos, entre elas a PR-488.

*Então, é... a roça ela é, ela es, tá, tá assim se tornando bastante difícil pras pessoa [pausa] é, que tem poca terra, né, no caso, pra sobrevivê, uma família sobrevivê dali não sobrevive. É onde que acontece, os filhos saindo, indo em busca de emprego e [pausa] e... otro meio de sobrevivência porque da lavoura, os, os pequenos agricultores não vivem mais, né. E isso foi o que aconteceu com a gente, no caso, né, que a gente saiu de casa pra... tentá, fazê o futuro da gente, né. Só que... acabô assim é... a gente acabô não se dando bem, no caso, né. Porque que nem eu, é... a casa, aqui na, a que eu, eu e o meu marido conseguimos trabalhando, nós conseguimos trabalhando, nós dois compramo, ninguém deu nada, né, a gente comprô, o terreno, daí, começamos a construí a casa lá mesmo em Cafelândia, onde que a gente morava. Só que como a gente saiu da [nome de cooperativa/frigorífico omitido pelo autor], então, com aquele, com aquele dinheiro que foi vendido lá e... e... a casa já tava assim, bem adiantada, né, a gente conseguiu comprá... esse terreno aqui em Santa Helena e, construí, essa casa aqui. Só que... hoje você tem que segurá, tem que cuidá bem pra [pausa] pra co, pra, continuá com isso aqui, porque se você pisca o olho, de repente [pausa] pode de uma hora pra otra [pausa] se vê aí apurado e vende e, depois não consegue mais, né. Porque quem tem, tem, e quem não tem, é que nem eu falei, é cada, parece cada vez mais difícil pra gente, né. Que eu teu, quem é assalariado, hoje, ou quem tem uma microempresa ou qualqué, qualqué fonte de renda pequena, você faz, somente pra sobrevivê, você não faz assim, além do que, vamo dizê assim, pra você tê um... um poco de, de, de, facilidade, né, você não tem, um conforto maior, uma coisa assim, né. Então é difícil, né.*¹⁸⁵

De maneira diferente a Valdevino, todavia, Marli relata esse processo de “expulsão do campo” a partir da perspectiva dos filhos de pequenos proprietários rurais. Naquele momento ela compreendia que, juntamente com o marido, não haviam se “dado bem” na zona urbana. Talvez isso a tenha influenciado em seus argumentos para explicar sua saída do campo, omitindo outras expectativas e desejos que possuía para com o urbano e possíveis insatisfações com a vida rural, no sentido de não culpabilizar-se, em termos meramente pessoais, pelos problemas vividos em decorrência dessa situação.

Isso fica muito visível no momento em que aponta a impossibilidade de retornar ao campo, segundo ela: “(...) pra... agricultura a gente não volta, não pode voltá, que vai voltá na roça fazê o quê. Né, que você... no caso, nós, a gente não tem dinheiro pra comprá... terra. Né”.¹⁸⁶ Portanto, a permanência no trabalho urbano é compreendida por ela não como uma opção, mas como a única possibilidade que apresenta-se em seu horizonte.

Junto desse ato de explicar sua trajetória a partir da temática do “êxodo rural”, Marli afirma-se, juntamente com seu marido, pelo trabalho. Frisa, assim, que aquilo que tem, em

¹⁸⁵ Marli. Apresentada anteriormente. pp. 3-4. Acréscimos meus. Esse fragmento de seu depoimento é continuação da citação anterior, bem como da questão realizada por mim naquele momento.

¹⁸⁶ Idem. p. 5. Fragmento da resposta à questão: “É... Marli, eu queria te perguntá, então, é, sobre a sua saída, então, pra Cafelândia, né, é como que foi, assim, essa... essa decisão de você tá saindo, í pra lá, você tinha conhecidos lá [sobreposto inaudível]”.

especial a casa própria, foi fruto de seu trabalho e sacrifício, também procurando passar a imagem de “batalhadores”. No momento em que prestou seu depoimento, possuía uma floricultura e como microempresária, colocou-se ao lado dos trabalhadores assalariados, destacando as dificuldades vividas em comum para manter a vida. É possível notar, assim, que se tornar proprietário de seu próprio negócio, além de uma expectativa nutrida por Marli, nesse caso também é uma experiência de classe, realizada por ela enquanto trabalhadora.

Em outro momento de sua narrativa, a entrevistada deixa de enquadrar sua trajetória no modelo representado pela “expulsão do campo”. Em seu lugar apresenta outras motivações que também estiveram presentes na mudança para Cafelândia, em especial a necessidade de ir para lá no intuito de ajudar uma tia que estava enferma, realizando as tarefas do sítio enquanto que ela não estivesse em condições de fazê-las. Demonstra, ainda, como tal mudança não representou um ingresso imediato em atividades urbanas e que sua permanência naquele município foi ocorrendo a partir das oportunidades que encontrou, sem uma grande expectativa imediata de constituir sua vida por lá.

A presença desse processo social, a noção de “êxodo rural”, no começo do relato de Marli, contudo, demonstra um posicionamento de classe. Aponta, assim, para dificuldades que compreende não serem unicamente suas, mas vividas por tantos outros filhos de agricultores que deixaram o campo, bem como trabalhadores e microempresários que lutam para sobreviver em atividades urbanas.

A temática do trabalho, por sua vez, ocupa grande espaço em seu depoimento. Com relação ao tempo em que morou no Município de Cafelândia, o período em que atuou em um frigorífico de aves, mantidos por uma cooperativa local, é marcante:

Daí eu trabalhei... eu, eu saí de lá, e fui pra, porque eles moram no sítio, né, e daí eu fui pra cidade de Cafelândia, onde que eu já tinha feito ficha, já tinha feito entrevista na [cooperativa/frigorífico omitido pelo autor] pra entrá ali, só que, é... as, é funciona assim, eles pegam por turma, né, então quando, quando precisa uma determinada, turma de funcionários eles chamam, aquele, aqueles escolhido. E... só que às vezes demora, pode demorá... um... um certo tempo, né. Que nem meu caso daí eu arrumei trabalho de doméstica, daí eu trabalhei dois meses de doméstica até que... que me chamaram, né que era, que podia entrá, que daí já, tava tudo pronto, e... daí, foi que eu entrei nesse frigorífico, trabalhei, um ano e oito meses na sala... onde que... que limpa, né, os frango na parte da [inaudível, parece ser: “infecção”]. E daí ali começô dá problema, de micose, de... alergia, nas mão e... eu fui transferida daí pra outra sala onde que eu trabalhei mais dois anos e dois meses, né, que é o setor de cortes, onde que você já trabalha, com luva, com... um equipamento melhor, porque, na... na parte da infecção, onde que eu entrei na época era tudo manual, assim, né, não tinha máquina, hoje não, hoje já é tudo, por máquinas, né, mas na época não, né. Então, a a... por ter

*dado esse problema foi que eu passei pra outra sala. E ali eu trabalhei mais dois anos e dois meses. Só que... é como o... meu marido, no caso, na época ele tava no controle de qualidade, a gente trabalhava na mesma empresa, só que... a gente resolveu saí então pra vir, né, achando que talvez fosse melhor, eu acho que de repente se você tivesse ficado, continuado, tev, quem sabe, né? Teria sido melhor.*¹⁸⁷

Quanto ao ingresso na zona urbana de Cafelândia, sua inserção no trabalho do frigorífico não foi automático. Antes, passou algum tempo trabalhando como doméstica e morando com amigas. A importância que Marli confere ao trabalho naquele frigorífico, todavia, é tamanha que em alguns momentos acaba por resumir, a ele, sua vida naquele lugar. Isso pode estar relacionado com o fato de que muitas das mudanças que viveu em sua vida ocorreram em função desse emprego, entre elas o casamento com Claudemir, que também trabalhava na empresa. Ao mesmo tempo, os dois obtiveram uma série de conquistas naquele período, como o dinheiro para comprar um lote e começar a construir a casa própria e a conclusão, por ambos, de seus estudos em nível de ensino médio, realizado através de curso supletivo.

Ao que me parece, trabalhar no frigorífico também significava muito em Cafelândia, o que pode explicar o fato dela tratar o trabalho de doméstica como meramente temporário, empreendido apenas enquanto estaria esperando a vaga no setor industrial. Essa relação também é manifestada por meio da maneira delongada com que narra as atividades desenvolvidas por ela nesse emprego. Tal valorização também costuma ser resultado, em parte, dos esforços das cooperativas do Oeste Paranaense em patrociná-lo, não somente entre seus empregados, mas também entre seus sócios cooperados e a sociedade de maneira geral, onde atua com seus empreendimentos.

Isso não a impede de também lembrar aspectos negativos daquele trabalho, de dificuldades encontradas, como o ambiente insalubre e as doenças ocupacionais (micoses e alergias, por exemplo). Tais problemas e a necessidade de morar perto dos pais idosos, que permaneciam em Vila Celeste, relatados por Marli, compõem os motivos pelos quais apresenta a decisão dela e do marido em deixar Cafelândia, rumando para Santa Helena.

Essa decisão também é compreendida por Marli como uma experiência frustrada. Na passagem anterior, ela chega a especular se não teria sido melhor caso tivesse ficado morando e trabalhando em Cafelândia. A ênfase nas dificuldades encontradas naquele trabalho parece querer, novamente, demonstrar a necessidade de realizar a mudança de município, bem como a seriedade com que essa decisão foi tomada pelo casal.

¹⁸⁷ Idem. p-5. Acréscimos meus. Fragmento da resposta à questão referente citação anterior.

Essa ênfase no trabalho realizado na cooperativa, por sua vez, bem como em seu ambiente insalubre, também pode ser resultado de outros fatores. Após a mudança para Santa Helena, Marli não mais teve um emprego regular “fora” de casa. Sua última experiência de assalariamento teria sido no frigorífico.

Além disso, ela passou por alguns problemas de saúde – que não decorreram daquele trabalho, segundo afirma – que a impossibilitaram de trabalhar em uma série de atividades. Tais memórias, portanto, não evocam apenas a relação dela com a fábrica, mas também a importância que confere a esse “trabalhar fora de casa”. No momento em que realizamos a entrevista oral, ela vivia ainda algumas seqüelas desses problemas e isso pode tê-la influenciado a apresentar o tema com uma ênfase maior. De uma maneira geral, tal fato a fez mudar sua maneira de viver, o que pode estar gerando uma certa insatisfação nela. Além disso, a entrevistada afirma deparar-se com o preconceito das pessoas, sendo que muitas não acreditam em sua vulnerabilidade física. A enfermidade, assim, acabou por frustrar certas expectativas mantidas por ela, além de dificultar seu convívio social.

Esse tom de desencanto e até pessimista, de certo modo, com que Marli narra sua vida em Santa Helena também pode estar relacionado com a série de problemas que ela estava enfrentando quando prestou seu depoimento. Além dos problemas de saúde, seu marido encontrava-se desempregado, motivo que o levou a abandonar a faculdade de administração, que cursava em uma instituição privada. A floricultura que abrira há poucos meses, quando então realizou uma de suas grandes expectativas: ter o próprio negócio, passava por dificuldades e algum tempo depois acabou por fechar as portas.

Ela tentava, naquele momento, obter um “auxílio-doença” junto ao INSS (Instituto Nacional do Seguro Social). Ao meu ver, seria uma forma dela compensar a impossibilidade de trabalhar “fora de casa”. Poderia, assim, estar colaborando com aquele dinheiro para a melhoria da renda familiar, da qual também se sente responsável por prover, junto de seu marido. Todavia, estava encontrando dificuldades para obtê-lo, bem como de ser reconhecida como “doente”, nas perícias médicas.

Dessa forma, parecia enfatizar os problemas e frustrações vividas ao longo de sua vida, porém, afirmando que eles não ocorreram por falta de empenho pessoal, mas por fatores alheios à sua vontade. Parecia querer reivindicar seus direitos, por meio dessa imagem construída a partir de suas memórias.

Sobre o depoimento de Marli cabe ainda fazer mais uma observação. Ao relatar as dificuldades e frustrações vividas em Santa Helena, ela não está apenas expressando queixas pessoais. Está trazendo também uma memória diferente e até mesmo oposta àquela

que coloca o lugar como resultado de um processo contínuo de desenvolvimento. Aponta, assim, os limites dessa memória pública construída sobre o município, colocando em um plano central questões que fazem parte dos problemas vividos pelos trabalhadores em seu dia-a-dia. Tais dificuldades, em seu relato, excedem aos limites locais, os apresentando a partir de uma perspectiva de classe e, portanto, tratando-os como comuns a tantos outros trabalhadores.

A temática do trabalho, por sua vez, está muito presente em vários depoimentos orais produzidos no decorrer da pesquisa. Muitas pessoas, portanto, por meio dele, afirmam-se, nessa sociedade. Tal caráter está muito presente no depoimento de Paulo,¹⁸⁸ 32 anos, construtor, também nascido na região Oeste do Paraná, Linha Guarani, Distrito de Sub-Sede São Francisco, Município de Santa Helena.

Aos nove anos de idade, ou seja, por volta de 1982, sua família deixou a região indo para Rebouças, no centro-sul do Estado do Paraná, região de Irati, também apontada no “Anexo I – Mapa do Estado do Paraná”, na página 270. Alguns anos depois, já na década de 1990, Paulo rumou para o leste do Paraguai, onde viveu pouco mais de cinco anos, retornando então, ainda nessa década, para Santa Helena. Conforme aponta, seus pais, quando ainda eram crianças deixaram o noroeste do Rio Grande do Sul para ir viver em Francisco Beltrão, no Sudoeste do Paraná:

Paulo, eu queria te perguntá uma coisa. É... sobre, seus pais, vocês vieram da onde?

O... meu pai, veio do Rio Grande [do Sul], né, de... Erechim, e a minha também veio do Rio Grande, de Passo Fundo. E... aí... se conheceram e... eles, eles vieram pra, Francisco Beltrão, se conheceram em Francisco Beltrão, casaram, e lá eles tiveram... uns... são... cinco filho, mais velho que eu. E aí, resolveram vim pra Santa Helena, chegaram aqui, mais ou menos no ano... sessenta e nove, por aí. Aí começaram... que era, puro mato na época, e... ef, derrubaram mato e tal, grilaram uma terra e... e... ficaram até... oitenta e dois, oitenta e um por aí. Mais ou menos que ficaram aqui. Aí meu pai foi embora pra... pro Mato Grosso que eles separaram... há muitos ano, né. E... meu pai foi embora pro Mato Grosso, Paranatinga e a minha mãe mudô, pra Rebouças, né.¹⁸⁹

Conforme aponta em outro momento de seu depoimento oral, os motivos para que seus pais saíssem de Francisco Beltrão foi a informação de que em Santa Helena era fácil conseguir terras griladas, ou seja, terras sem escritura, não existindo a necessidade de comprá-las. Foi o que fizeram, segundo Paulo, que narra o acontecido também em tons de

¹⁸⁸ Paulo, 32 anos. Construtor. Nasceu em Santa Helena deixando a região por volta de 1982 e retornando na década de 1990. Entrevista realizada em 09/07/2004, sexta-feira à noite, na residência do entrevistado no Bairro São Luiz.

¹⁸⁹ Idem. p. 1. Acréscimos meus.

desbravamento, enfatizando a derrubada da mata para fazer a lavoura. A naturalidade com que narra esses eventos dá a impressão que tal prática foi comum e empreendida sem maiores traumas, na localidade de Linha Guarani (e possivelmente também nas áreas próximas), Município de Santa Helena, ainda na década de 60, período celebrado localmente como da “colonização planejada” sob a “eficiência” e ação exclusiva das “companhias colonizadoras”. Apesar desse não ter sido o caso dos pais do entrevistado, é preciso lembrar que houve casos em que a disputa pela posse de terras tomou contornos violentos no município e em localidades circunvizinhas, na região, conforme destaca Radaelli.¹⁹⁰

Paulo aponta, então, que sua mãe, já separada do marido, possuía uma área de oito alqueires de terra, a qual foi parcialmente inundada quando da construção da Usina hidroelétrica de Itaipu. A área restante, de acordo com o entrevistado, era muito diminuta para prover o sustento de toda a família, enquanto que localmente as terras inflacionaram. Isso a dificultou de comprar outra área na própria região, com o dinheiro da desapropriação.

Segundo aponta, a compra de terras em Rebouças, realizada pela mãe, deu-se através de contato realizado por meio de amigos, que também haviam sido desapropriados por Itaipu e que foram para aquele lugar antes dela. Além disso, Dona Antônia, mãe de Paulo, comprou essa área de um senhor que vivia na região Oeste do Paraná, que após adquiri-la, tratou de desfazer-se dela, pois sua esposa não havia gostado de lá. Conseguiu, assim, obter 14 alqueires de terra, uma área maior do que aquela que originalmente tinha em Santa Helena.

Ao contrário de boa parte das memórias de pessoas desapropriados por Itaipu que permaneceram em Santa Helena, Paulo não atribui à usina e ao processo de desapropriação a origem das dificuldades encontradas em Rebouças. Ressalta que a vida naquele lugar não foi fácil, mas destaca o lado positivo do negócio, já que compraram uma área maior, garantindo o sustento de toda a família. O entrevistado caracteriza, assim, a vida em Rebouças:

*Você podia comentá um pouquinho como é que foi lá, a chegada, o que que vocês [inaudível] lá, se insta, se instalaram lá em Rebouças, se teu pai foi junto... Não, não.
O se já foi pro Mato Grosso.*

¹⁹⁰ A autora aponta principalmente para a “Fazenda Mesquita”, localidade de “Ponte Queimada”, Município de Diamante do Oeste, próximo à divisa com Santa Helena e os conflitos existentes no Distrito de São Clemente, Município de Santa Helena. A esse respeito ver: RADAELLI. op. cit.

Eu a partir de quando eu tinha quatro anos de idade o meu [pai] e a minha mãe se separaram, né. Aí até inclusive a mãe tinha os oito filho, o meu irmão mais novo tinha quatro meses, de idade e... tinha mais um entre meio eu, e o meu irmão mais novo que tava com ano e quatro meses e aí, o meu irmão mais velho tinha dezesseis ano, né. E aí era lascado, né. E... quando nós chegamos em Rebouças, é lá era difícil, não tinha estrada... era... um negócio... só uns carreiro, né. E... o tempo chovia muito, então... vertia água em tudo quanto era lugar. Nós... sofremos um pouco porque... a gente era acostumado aqui em Santa Helena e aqui é um lugar que... muito bom, aqui é ótimo. E lá era difícil. Isto. Terra muito fraca, a gente plantava, não... não dava... direito. E... até fome nós chegamos passar épocas. E... depois, graças a Deus, que, foi entrando calcário, né, foi calcareando, é... a gente foi [pausa] é, adubando, melhor, feito adubação verde [plantio, geralmente de aveia, que ajuda na fertilização da terra para o plantio de outras culturas], tal, terra... começo produzi bem melhor, né, como... graças à Deus hoje lá, produz mais ou menos a mesma coisa que aqui, tá produzindo soja lá, bem, né, que antigamente era muito frio, e lá não produzia soja, só produzia feijão e batatinha. O milho dava malmente pra tratá as criação [animais, principalmente vacas e porcos], porque a... o... o frio era demais e ele dava... as espiga muito fraquinho. Então o custo era muito, se... conforme o ano pagava nem o custo. O feijão produzia bem, hoje já... feijão não produz mais, é só a base de veneno, né. E hoje o que é, tá sendo a... a melhor plantação lá é o soja. Que... tá produzindo muito bem, e com... não tanto custo.¹⁹¹

Apesar das vantagens obtidas no negócio, quando da compra da propriedade, Paulo lembra-se de Rebouças principalmente a partir das dificuldades lá vividas. Além daquelas apontadas na citação anterior, ele destaca que os maquinários agrícolas que possuíam (trator e implementos) eram muito velhos e geralmente ocorriam problemas. O plantio de batatinha, por sua vez, era impossibilitado pelo alto custo da produção, enquanto que muito se perdia da safra de feijão, caso ocorressem chuvas excessivas.

O que se pode notar no depoimento de Paulo é a dificuldade em adaptar-se às maneiras de viver e trabalhar, no novo lugar, pois no Oeste do Paraná sua família desenvolvia uma agricultura voltada para exportação, plantando soja para comercialização, além das culturas e animais para consumo próprio. Ao chegar em Rebouças, tiveram que passar a cultivar outros produtos, ao mesmo tempo em que seu desenvolvimento era fragilizado pelos poucos recursos que a família possuía e pelo clima, que muitas vezes prejudicava a produção. É possível perceber, ainda, que o entrevistado localiza sobre o lugar as dificuldades enfrentadas em função das más condições financeiras vividas pela família.

Nesse sentido, noto que Paulo avaliava Rebouças tomando como lugar ideal Santa Helena, no Oeste do Paraná. Segundo ele, aquele lugar somente ficou melhor a partir da inserção do Centro do estado no circuito de produção da soja. Em suas memórias, assim, a

¹⁹¹ Paulo. Apresentado anteriormente, p. 4. Acréscimos meus.

“mecanização da agricultura” não é percebida como algo negativo, mas ao contrário, como “desenvolvimento” associado a um aumento na “qualidade de vida”.

Depois de viver dez anos com sua mãe e irmãos em Rebouças, Paulo deixou aquele lugar. Por volta de 1991, aos 19 anos de idade, rumou, de acordo com ele, a contragosto para o Leste do Paraguai. Segundo relata, seus irmãos compraram uma área de terras nessa região que faz fronteira com o Oeste do Paraná e como não existia possibilidade deles irem para lá, ele teve que ir tomar conta da propriedade.

Conforme destaca em seu depoimento, morava em Vila Procópio, onde a maioria dos moradores eram brasileiros. Nas suas palavras: “(...) *a gente se sentia como se fosse aqui no Brasil porque... em matéria de pessoas, né, porque a, era, só tinha brasileiro*”.¹⁹² Nessa passagem de seu depoimento, é possível notar que Paulo parece temer os paraguaios e o contato com eles. Isso pode evidenciar que, tal como ocorreu no Oeste do Paraná, no Leste do Paraguai, a necessidade de conviver com a diversidade também foi uma experiência, ou ao menos uma possibilidade vivida pelos trabalhadores que para lá rumaram. Em alguns casos, como o de Paulo, esse possível contato é avaliado como algo negativo, apontando, talvez, ao meu ver, para conflitos, se não preconceitos, desses brasileiros para com os moradores do país vizinho. Prosseguindo em sua narrativa, Paulo afirma, também, não ter gostado de Vila Procópio, baseando sua análise na forma como vivia lá:

E você não gostava de lá, então?

Não, lá deu [pausa] se fosse talvez, que nem na Ciudad del Este se fosse... é... Her, Hernadária é muito fraquinho também, fosse quem sabe na Ciudad del Este até que dava pra encarar, ou, de repente, também, se a gente tié, tivesse entrado com mais recurso, né. Porque eu entrei, quando eu entrei no Paraguai, o que eu levei foi o seguinte: eu levei um colchão velho, mas velho, que... era de quando nós era criança, ainda, levei um cobertor, né, e... é, só o cobertor e o colchão, né. Aí até, no, inclusive... a minha irmã foi, a minha irmã e o meu cunhado foram morar junto então, a minha irmã emprestou uma cama dela. (...) E aí a minha mãe me deu... meia-dúzia de prato, e a outra minha irmã que era solteira me deu... três panelinha que era dela, e um, e um bules, né e aí a gente... eu comprei um fogão, trabalhando por dia, um fogão à lenha, né [tosse], comprei um fogão, aí comprei um bujão[botijão]... um nequim, pra clarear dentro de casa. E... comprei um rádio. Aí não tinha muito dinheiro porque... lá ganhava uma mixariazinha. Trabalhava o dia inteiro, mas era uma merreca, né. Então se, abusasse um pouquinho cê passava fome. E aí, como não tinha dinheiro pra mim comprar chaleiras, né, eu peguei e abri umas lata de azeite, e coloquei um cabinho assim de... de arraminho por cima, e a gente esquentava água naquela chaleira. E aí não tinha a panela pra cozinhar mandioca, que a... mandioca era a panela mais grande, a gente cozinhou, eu cozinhou dentro dum balde de alumínio, né, então a mandioca cozinhou dentro de um balde de alumínio, e aquelas panela, uma eu cozinhou

¹⁹² Idem. p. 9. Fragmento de resposta à minha pergunta: “E essa, assim, você comentou assim que você não gostava do Paraguai, você podia comentar como é que era a vida lá ou, um pouco assim. [inaudível]”.

*feijão, a outra arroz, e a outra carne, né. E... e o balde, mandioca. E a, e ali a gente viveu um... o que mais ou menos uns..., até a safra mais ou menos do outro ano, é... aí a, eu e o meu irm, que morava o meu irmão mais velho morô um tempo junto, né, aí... [tosse] dividimo a metade, compremo uma chaleira, à meia. Então já deu uma melhoradinha, né. Aí mais, passado mais um tempo, a gente comprô mais umas panela e... aí depois passado um tempo ele.. ele se mudou daí, ele comprô um pedaço de terra, ele se deu bem, né (...). Quem sabe se, talvez se eu tivesse entrado com mais recurso também eu teria, ficado melhor, né. Mas a gente entrô com pouco, aí eu levei, esse colchão velho (...) e... e... nem bicicleta eu não levei, não levei nada, nada, e aí a gente, sofria porque, a primeira vilazinha pra comprá um... um... pacote de farinha ou... um pacote de açúcar ou sal, qualquer coisa que fosse, dava sete quilômetro longe da vila. (...)*¹⁹³

Em seu relato sobre o Leste do Paraguai, existe toda uma sucessão de dificuldades, destacando, assim, a falta de móveis e utensílios domésticos em sua casa. Além disso, em outros momentos relata as dificuldades vividas pela falta de energia elétrica, que o forçava a mudar hábitos alimentares, como por exemplo salgar muito o feijão ou fazer charque¹⁹⁴ com a carne, para que não estragassem.

Paulo chega a afirmar que passou fome no Leste do Paraguai, um tema que é tabu para quase todas as pessoas com quem dialoguei na pesquisa. Apesar de ter vivido dificuldades do tipo em Rebouças, quando relata a escassez de alimentos no Leste do Paraguai, o faz em detalhes. Essa dificuldade, segundo ele, foi ocasionada por uma série de fatores: os animais criados para o consumo doméstico, como as galinhas, teriam sido devoradas por gatos-do-mato enquanto que sua vaca teria morrido de febre aftosa, quando sua ex-mulher ainda estava grávida. Ao mesmo tempo, afirma ter encontrado dificuldades para comprar esses alimentos, pois, além de plantar a terra de seus irmãos, Paulo também trabalhava como diarista rural para outros proprietários próximos. Justamente nesse período tal serviço teria diminuído, fazendo questão, portanto, de destacar que a fome não resultou de sua falta de empenho pessoal.

Enquanto viveu no Paraguai, conviveu em vários momentos com seus irmãos, que iam para lá e ficavam um certo tempo trabalhando com ele. Ao sair daquele local, já com sua ex-mulher e uma filha, o entrevistado relata que dois de seus irmãos que ficaram em Vila Procópio, venderam a propriedade e não lhe pagaram o que deviam, sendo que o entrevistado somente entrou em acordo com ele anos depois. Seu irmão mais velho, no entanto, permanece lá até os dias atuais. É apresentado como alguém que “se deu bem”, pois tivera melhores condições financeiras para investir em sua propriedade rural, nesse país vizinho.

¹⁹³ Idem. pp. 11-12. Acréscimos meus.

¹⁹⁴ Para não estragar, a carne é salgada e conservada em meio à banha animal.

Essa soma de experiências negativas possivelmente influenciou na visão negativa que Paulo projeta sobre a região em que vivia no Paraguai. Apesar disso, noto que ele tenta criar uma argumentação no sentido de demonstrar o quão insuportável era a vida naquele lugar, tentando também demonstrar a necessidade de deixá-lo. Tal desejo de afirmação, por sua vez, pode estar relacionada com um preconceito difundido na região Oeste do Paraná, de uma maneira geral, para com os brasileiros que vivem no Paraguai.

Chamados de “brasiguaios” ou “paraguaios”, de maneira pejorativa em certas situações, são vistos como incômodos à região. A busca de recursos públicos, como assistência médica gratuita, enquanto ainda vivem no Paraguai, bem com sua mudança para o Brasil é mal vista pelos moradores do Oeste do Paraná. Em certos casos são considerados como pessoas que não teriam direito de viver na região e cuja presença desestabilizaria a sociedade local. Essas pessoas, no entanto, mesmo vivendo no país vizinho possuem um sentido de pertencimento nacional ligado ao Brasil. Ao mudar-se para o Oeste do Paranaense, procuram (re)inserir-se nessa sociedade. Paulo pode estar, assim, procurando demonstrar a necessidade de realizar aquela mudança no intuito de explicar sua presença em Santa Helena, dialogando com esse preconceito e procurando assim afirmar sua inserção no lugar, reivindicando seu direito a ele. Essa pode ter sido também uma possibilidade de afirmação compartilhada com muitos outros trabalhadores em condições semelhantes, não sendo algo unicamente produzido por ele.

Sendo assim, Paulo apresenta o Leste do Paraguai como um lugar onde não teria muitas expectativas de melhorar de vida, projetando sobre ele um olhar de “atraso”. Tal visão, por sua vez, também é difundida pelas versões mais hegemônicas na sociedade brasileira, com as quais o entrevistado parece relacionar-se, ao compor suas memórias.

Em contraposição ao país vizinho, o Oeste do Paraná é apresentado como o “moderno”, tendo sua vida mudado da “água para o vinho”, ao vir para Santa Helena. Transferir-se do Leste do Paraguai para o Oeste do Paraná não significava apenas uma modificação no local de moradia, mas uma transformação nas maneiras de viver, de hábitos e costumes, conforme aponta: “(...) *aqui a gente tem... uma geladeira, se você quer tomar água gelada, é... [tosse] você, é... tem luz elétrica, pode ter uma televisão, pode ter um... aparelho de som, né. E lá no Paraguai a gente não tinha nada disso (...)*”.¹⁹⁵

¹⁹⁵ Paulo. Apresentado anteriormente. p. 20. Acréscimo meu. Fragmento da resposta à questão: “E, Paulo, você podia comentá assim sobre a questão [inaudível] moradia, assim, tu, como é que foi essa mudança do Paraguai pra cá assim, foi... você estranhou alguma coisa aqui, a moradia, como é que foi? Você foi vivendo aqui em Santa Helena?”.

Significava, também, mudanças nas formas de trabalhar, uma vez que o entrevistado, em Santa Helena, passou a atuar em atividades urbanas, na construção civil. Deixou de trabalhar, assim, no campo, meio para o qual ele tem uma visão um tanto negativa, principalmente quando observa-se suas memórias do tempo em que viveu em Rebouças e Vila Procópio.

Sobre esses locais, costuma apontar, conforme frisei anteriormente, as dificuldades que viveu, atribuídas, principalmente, à falta de recursos financeiros, necessários para desenvolver uma agricultura tecnificada, a qual considera ideal e que pode render bons resultados. Portanto, esse olhar sobre a agricultura emerge, em seu relato, a partir de sua experiência de classe, como pequeno proprietário rural, atuando em regime familiar, que, em certas ocasiões, como em Vila Procópio, necessitava realizar trabalhos extras, como diarista, para outros proprietários rurais mais abastados.

Viver essas transformações, ao mudar-se para Santa Helena, pareciam ser expectativas nutridas por Paulo, que o influenciaram na tomada dessa decisão. Em seu depoimento, entretanto, aponta que as dificuldades vividas no Paraguai o fizeram ter aversão àquele lugar. Explica, assim, como empreendeu sua mudança para Santa Helena:

E... e... essa escolha, então por Santa Helena, você podia comentá um pouco porque vim pra cá... porque Santa Helena.

É que, a...qui em Santa Helena aconteceu assim: eu... na época é... como... eu... tinha minha ex-mulher, né, os parente dela morava tudo aqui em Santa Helena, e eu vinha bastante passeá pra cá. E aí o... meu ex-cunhado trabalhava de, com construção, né, mexia, [inaudível, não forma palavra] é, de pedreiro, e eu acabei... entrando junto com ele, e... e vi que... ele ganhava bem, e... acabei entrando, trabalhando de servente, aí eu vi que... podia me sustentá, né, e sustentá a... a mulher a filha, e aí, acabei vindo pra cá. Paguei aluguel um... um bom tempo, né, e... mas, trabalhando de servente que eu... consegui o, essa vida aí que tô até hoje trabalhando, né. Trabalhei um ano de servente, e aí passei a s pedreiro, e tô até hoje. E... gostei da, da profissão [riso], e a brincadeira, e... tamo até hoje na, nessa mesma luta.¹⁹⁶

É importante perceber no depoimento de Paulo, que sua mudança esteve desde o início relacionada com o ofício na construção civil. De acordo com ele, não deixou o Paraguai sem ter algo em vista, experimentando o trabalho junto do irmão de sua ex-esposa, na condição de servente de pedreiro. A mudança para a região, em sua narrativa, somente efetivou-se após perceber que conseguiria sobreviver com a família, atuando nessa atividade.

¹⁹⁶ Idem. p. 13. Acréscimos meus.

Esse momento de experimentação do novo trabalho é tratado por Paulo como algo provisório, como uma das muitas visitas que já havia realizado para os parentes de sua esposa. Não é o marco de sua mudança para o Oeste do Paraná, procurando enfatizar, assim, que tal transferência foi muito bem planejada e não intempestiva. Busca apresentar, então, a responsabilidade com que tratou a tomada dessa decisão, a primeira mudança que demonstra ter realizado sob sua própria vontade, compreendendo-a ainda como algo bem-sucedido.

Apesar de iniciar seu depoimento com elementos do pioneirismo, Paulo afirma-se localmente não a partir da idéia de que sua família teria sido uma das “desbravadoras” locais, mas a partir do trabalho e de certos valores, como a honestidade:

E, talvez seja por causa disso, a gente também gosta de, levá as coisa tudo certo, pagá as conta certo, sê sincero, né, sê honesto, não sê mentiroso, porque é uma coisa muito feia, e... aí você acaba tendo crédito, né, a... ho, hoje, Graças a Deus, onde eu chegá eu tenho crédito, né, quando eu cheguei morá aqui ninguém me conhecia, e eu... era m... magrelo, sempre doente, né, chegava sempre, é, doente e se, sempre sem dinheiro [riso], né, então as pessoa dá uma olhada na cara da gente, já fica com medo, porque não conhece e a... e a fama de, que tem muita gente nó, né, então hoje, né, a maioria do pessoal aqui em Santa Helena dono de... de... material de construção, dono de... [limpa garganta] eletrodoméstico, coisa assim, maioria me conhece, né. Então... cê chega o que você precisá o pessoal tá sempre, disposto a... a atendê pra gente, né.¹⁹⁷

A questão que desencadeou a narrativa estava inicialmente relacionada à minha necessidade de saber o papel dos “contatos” e dos laços de amizade entre os trabalhadores na construção civil, na obtenção de trabalho. Paulo relata, então, que certos valores, como a honestidade e o fato de “ser conhecido” são importantes para sua sobrevivência em Santa Helena. Aponta ainda as condições físicas, o não aparentar ser alguém doente, como importante para obter a confiança das pessoas.

O entrevistado interpreta, assim, essa sociedade, e a partir disso formula uma postura ideal buscando principalmente elementos e valores correntes em sua profissão: boa saúde física para o trabalho na construção civil e a honestidade, necessária para manter seu crédito perante fornecedores e clientes, pois atua como autônomo, negociando seus serviços diretamente com os proprietários do imóvel.

¹⁹⁷ Idem. p. 31. Acréscimos meus. Fragmento em que responde à questão: “E... Paulo, quando você trabalhava, assim, como servente, trabalhava com outras pessoas, como é que você fazia pra arrumá emprego, então, no caso, o que contava? Você tinha amigos que trabalhavam que nem pro Zezinho, ia falava: ‘ó, tem fulano’ [inaudível] como é que era que você fazia pra conseguí emprego, você ia lá e se apresentava pra ele”.

As compras à prazo, por sua vez, podem ser de vital importância para Paulo, que sendo construtor, recebe apenas quando conclui certas fases da obra, como por exemplo: a estrutura, a edificação das paredes, telhado, acabamentos. Procura, assim, apresentar-se com honesto, pois interpreta que, localmente, existe muitos “nó”, isto é “nó-cego”, que localmente serve para designar pessoas desonestas, de quem procura diferenciar-se.

Paulo afirmou, em seu depoimento, que havia enfrentado alguns problemas, logo que havia se mudado para Santa Helena, por não ser conhecido e pelas condições de pobreza que vivia, existindo desconfiança sobre sua honestidade, principalmente no comércio, onde precisava de crédito. Isso não ocorreria mais, conforme aponta, pois: *“Hoje, Graças a Deus mudô, né, hoje ninguém mais me discrimina, né, porque... a... mudô, né, a... a... pessoa você vai, a partir do momento que você vai... tendo um... capitalzinho mais ou menos, né, [tosse]. Outra coisa é... o pessoal, cuida muito pelo que você tem. ‘Quanto você tem?’, ‘Ah eu tenho mil real’, ‘Então você vale mil real’”*.¹⁹⁸

Interpreta, assim, que a sociedade valoriza as pessoas pelo quanto possuem em termos econômicos. A partir dessa constatação, Paulo procura inserir-se nesse “modelo” de pessoa. Tal questão traduz-se, em seu depoimento, nos esforços que empreende para apresentar-se como “trabalhador” e “próspero”, ressaltando, também, o “capitalzinho” acumulado, isto é, a casa em que vive e uma caminhonete, obtidos com os ganhos de sua profissão.

Essa busca por se enquadrar em um modelo de trabalhador ideal, percebo, interfere também em suas memórias do tempo em que viveu no Paraguai. Isso ficou muito evidente quando questionei sobre as práticas de lazer das quais participava quando lá vivia:

É... você falou de pesca e tudo mais, é... lá no Paraguai, vocês tinham também é... pesca, caça, e tinha as festas lá da [inaudível], como era?

Tinha, exato. Era normalmente, igual aqui, né. Só que lá, no caso, é um povo assim... é... diferente, né, lá é bem menos gente, né, era... pessoal, assim, tinha jogo de bola [futebol], tinha... normalmente, é... era um, era um Brasil, sabe, porque... o pessoal, tudo mundo falando português, é... e, as festas, mesma coisa que aqui, é jogo de futebol, é... o... esses outros joguinho que tem, bingo e coisa também tinha. [limpa garganta] Pesca, né, a gente ia pescá, eu, eu fui muito poucas vezes, porque eu sô mais do trabalho, assim, né, eu sô um bom, um mais chegado em, e, qué uma carne, cê trabalha aí, vai lá no açougue e compra, né. É... então... mas lá tem bastante gente que caçava, né, caçava, assim, até ia em lugar proibido, que nem no mato da Itaipu, tal, aí matava, agora o, os outros lugar fora, assim, eu fui outras vezes, matemo né, matemo bichos assim, só que eu não sô muito fã de comê carne de... de caça. [tosse] Aquela lá é uma carne muito forte, né. Eu sô mais chegado em comê uma carinha de, de gado [de boi], de, de porco,

¹⁹⁸ Idem. p. 32. Acréscimo meu. Fragmento de resposta à minha questão: “Já foi discriminado alguma vez por qualquer motivo, se você se sentiu mais ou menos assim, Paulo?”.

*eu, gosto muito mas, eu tenho problema nos rim, então eu como já dá, já começa atacá os rim, né. E mais chegado numa carinha de galinha, uma carne de... de gado, aí.*¹⁹⁹

Paulo, ao falar de lazer, parece quase pedir desculpas por divertir-se. Em sua narrativa, tais práticas não são consideradas como um direito, mas como não-trabalho. Conforme aponta, não tomava parte nelas porque “ele era mais do trabalho”, procurando afastar-se do “ócio”, relatando mais o que os “outros” faziam. Relega, dessa forma, as práticas de diversão a um segundo plano, procurando apresentar-se como uma pessoa que somente se preocupa em trabalhar e melhorar de vida.

Percebe-se, assim, que aquela espécie de “recuo do trabalho”, produzido na memória constituída na esfera pública de Santa Helena durante a década de 1990, não foi significado da mesma maneira pelos trabalhadores. Muitos deles continuam afirmando suas presenças no lugar, a partir do trabalho, tratando-o como um valor que confere dignidade às pessoas.

A partir do exposto no presente texto, considero que nessa minha busca pela pluralidade de trajetórias de trabalhadores migrantes e de tensões, os “estranhamentos”, por eles vividos em Santa Helena, acabei deparando-me com uma situação semelhante à de Vasconcelos. A autora buscava, em sua pesquisa, histórias de assombrações entre sertanejos que saíam à noite para caçar. Não conseguindo encontrar tais relatos, acabou por deparar-se com uma realidade totalmente diferente, afirmando que aquele sujeito que tanto buscava não mais existia:

*Quando do ingresso na pesquisa de campo, fui percebendo, gradativa e dolorosamente, como os cuidados teóricos que procurei tomar não me haviam imunizado da armadilha da idealização, da visão homogeneizadora e estereotipada de que me investi para buscar os sujeitos da pesquisa. As novidades que se impuseram como grandes dificuldades nessa fase são hoje fatores de minha própria reformulação na relação com os entrevistados, suas falas e com as possibilidades de significados culturais ali presentes.*²⁰⁰

Embora em alguns casos tenha conseguido observar muitas trajetórias diferentes, bem como aspectos conflituosos da vida dessas pessoas, em outros acabei intrigado, se não frustrado inicialmente, com seus silêncios, principalmente aqueles referentes aos preconceitos. Para mim não estava claro, apesar de ser óbvio, que a vida das pessoas, suas expectativas e a própria imagem que projetam sobre si, não se resumem aos conflitos. Ao mesmo tempo, trajetórias de vida diferenciadas não significam necessariamente a

¹⁹⁹ Idem. p. 30. Acréscimos meus.

²⁰⁰ VASCONCELOS, Regina Ilka Vieira. “Tempos e memórias. Caminhos para o sertanejo: quem conta histórias?”. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. (orgs.) op. cit. p. 253.

constituição de uma memória oposta àquela produzida, na esfera pública, geralmente pelos setores hegemônicos da sociedade local.

A própria temática do estranhamento, posso perceber agora, era algo meu, não necessariamente vivido pelas pessoas que entrevistei, ao menos nos termos em que eu imaginava. Incorporei tal conceito de outros trabalhos acadêmicos, que estudavam outras problemáticas, não me dando conta que ele poderia não auxiliar em minha pesquisa.

Por outro lado, acredito que essa preocupação até mesmo possa ter resultado, de certa forma, de um olhar estranho *meu*, lançado sobre a diversidade populacional, existente no município. Pertencente a uma família de gaúchos descendentes de italianos, vinda no período da “colonização”, posso não ter me furtado de ver as demais pessoas como o “outro”, mesmo as considerando como iguais a mim e dotadas de direitos. A partir de tal identificação, então, teria eu passado a pressupor a existência de um conflito, entre grupos, que por sua vez, eram instituídos não pela ação dos sujeitos, mas por origem comum, étnica, ou de uma região do país. Os cuidados teóricos e metodológicos de que me cerquei, tal como ocorreu para com Vasconcelos, bem como meus ideais democráticos e de transformação social, não impediram de cair em tal armadilha.

Percebo, porém, que a maior riqueza desses depoimentos não está nos dados que trazem, mas na forma como esses trabalhadores foram produzindo suas memórias – a partir de sua relação com essa sociedade e de seus posicionamentos perante os processos de transformação nela vividos – e como foram elaborando suas narrativas de acordo com suas próprias intencionalidades. Esse é, portanto, o dado social que compreendi ser necessário trabalhar.

Pude observar, assim, um caráter político por parte de muitos dos trabalhadores, nesse processo de constituição de suas memórias. Sendo assim, percebi que sem contornos nitidamente delineados, eles iam as produzindo em uma relação com as versões mais oficiais do passado, ora as reafirmando, ora trazendo versões alternativas e até mesmo opostas a elas. Ficou visível, assim, que suas lembranças não representavam apenas o registro de fatos vividos, mas constituíam-se em um instrumento de luta e afirmação política, elaborado dentro das relações sociais vividas pelas pessoas no lugar.

Tendo visto isso, torna-se importante pensar quais são as *outras histórias*, do Oeste do Paraná, que tais memórias podem estar trazendo. Procurando tratar desse assunto, abordarei, no próximo capítulo, um pouco das maneiras de viver, elaboradas por essas pessoas na região e, em especial, em Santa Helena. Procurarei tratar, também, das maneiras como tais sujeitos vão se constituindo como trabalhadores e cidadãos, em um processo

contínuo de fazer-se e refazer-se e como suas memórias fazem parte desse movimento, tornando-se um instrumento de luta social e afirmação política local. Nesse sentido, abordarei um pouco de como a disputa pelas muitas memórias do lugar acaba por tornar-se um terreno comum, no qual esses sujeitos formulam seu aprendizado político e encontram elementos para dar sustentação às suas reivindicações e demandas.

CAPÍTULO III
REINVENTANDO A VIDA:
CULTURA, TRABALHO E AFIRMAÇÃO POLÍTICA
EM SANTA HELENA.

Supõe-se algumas vezes que a antropologia possa fazer descobertas não apenas acerca de sociedades particulares, mas sobre sociedades em geral, que funções ou estruturas básicas tenham sido reveladas e que, por mais sofisticadas ou disfarçadas que possam estar nas sociedades modernas, ainda fundamentem as formas modernas. Entretanto, a história é uma disciplina do contexto e do processo: todo significado é um significado-dentro-de-um-contexto e, enquanto as estruturas mudam, velhas formas podem expressar funções novas, e funções velhas podem achar sua expressão em formas novas. Como observou Marc Bloch, “para o grande desespero dos historiadores, os homens deixam de mudar seu vocabulário toda vez que mudam seus costumes” – e isso é verdadeiro também para o vocabulário das formas rituais.

*Edward Palmer Thompson,
Folclore, antropologia e história social,
2001.*

No capítulo anterior, procurei trabalhar o olhar que trabalhadores lançavam sobre suas trajetórias de vida. Estava em questão as *muitas memórias* que esses sujeitos traziam, para além dos marcos cristalizados nas versões do passado produzidas na esfera pública local e regional. Para o presente capítulo, pretendo abordar as *outras histórias* do Oeste do Paraná, tomando como base para estudo o Município de Santa Helena.

Busco tratar, assim, da vida constituída e reconstituída por esses sujeitos no lugar: maneiras de viver e trabalhar, expectativas e reivindicações por eles formulados e que, muitas vezes, assumem a dimensão de lutas sociais. Abordarei um pouco os sentidos das memórias produzidas por esses trabalhadores, a fim de observar como elas se relacionam com sua cultura e afirmação política local, adquirindo diferentes dimensões, ao servirem como forma de sustentação às demandas e projetos elaborados pelas próprias pessoas, para além daqueles produzidos em redor do poder público local.

Ainda durante o processo de pesquisa, ao refletir sobre as memórias de trabalhadores de Santa Helena, deparei-me com a importância que possuía a própria vida que esses sujeitos foram constituindo no lugar. A partir das condições que encontraram, das expectativas que trouxeram em suas trajetórias e nos diferentes tempos em que se inseriram nessa sociedade, percebi que eles foram elaborando e reelaborando suas maneiras de viver e reinventando suas vidas, de acordo com seus interesses. Como aponte, anteriormente, é justamente essa vida no lugar, produzida em um constante processo de fazer-se e refazer-se, como trabalhadores e cidadãos, que se torna o centro de meus interesses, para o presente capítulo.

Inicialmente, é preciso destacar, deparei-me com um aspecto da vida dessas pessoas que pareceu bastante complexo: seu trânsito constante entre o campo e a cidade. Já havia notado algo parecido quando realizei outra pesquisa, em nível de graduação em história, no Município de Marechal Cândido Rondon.²⁰¹ Naquele momento havia compreendido que a razão para essa característica apresentada por boa parte dos trabalhadores de pequenas cidades do Oeste do Paraná estava no fato de que o capitalismo, desenvolvido na região a partir da década de 1970, com a “mecanização da agricultura”, não teria separado totalmente o universo rural do urbano.

Em meu contato com as fontes orais, já na presente pesquisa, percebia claramente o caráter de sujeito que essas pessoas possuíam. Elas demonstravam escolhas que haviam realizado, projetos que haviam sonhado e toda uma série de situações em que apresentavam suas intervenções criativas na sociedade em que viviam. Ficava evidente, assim, que esse “trânsito” entre o rural e o urbano não poderia ser reduzido a um simples reflexo de transformações estruturais.

Por outro lado, intrigava-me o fato de considerar Santa Helena uma cidade. Isso se devia não somente a esse aspecto da cultura dos trabalhadores locais, mas também por se tratar de um pequeno município, contando com apenas 21.327 habitantes, segundo extimativas do IBGE para o ano de 2004.²⁰² Esse mesmo órgão apontava, com base em dados de 2000-2001, que de um total de 20.491 habitantes, 9.818 viviam na zona urbana naqueles anos, o que significava, portanto, que mais de 50% da população do município residia em áreas consideradas rurais.²⁰³ Se esse era um quadro recente do município,

²⁰¹ A esse respeito ver: LANGARO. op. cit.

²⁰² INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Santa Helena – PR*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>. Acesso em: 09/08/2005.

²⁰³ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. “Síntese”. In: *Santa Helena – PR*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>. Acesso em: 13/08/2005.

colocava-me em questão como pensar essa realidade em décadas anteriores, como as de 1970 e 1980, quando as dimensões da sede municipal eram ínfimas.²⁰⁴

No decorrer das reflexões produzidas, percebi que meus próprios conceitos de *campo* e *cidade* estavam cristalizados e necessitavam ser repensados. Nesse processo de reavaliar tais questões, foi importante o contato com o trabalho *O campo e a cidade: na história e na literatura*²⁰⁵ de Raymond Williams, em que o autor analisa tais concepções produzidas na literatura inglesa, em diferentes períodos.

Uma das propostas centrais de Williams é a necessidade de superar-se a dicotomia rural-urbano. O autor expressa essa unicidade, de *campo* e *cidade*, como realizações de um todo social, já na abertura de sua obra:

*‘Campo’ e ‘cidade’ são palavras muito poderosas, e isso não é de se estranhar, se aquilatarmos o quanto elas representam na vivência de comunidades humanas. O termo inglês contry pode significar tanto ‘país’ quanto ‘campo’; the contry pode ser toda a sociedade ou só sua parte rural. Na longa história das comunidades humanas, sempre esteve bem evidente esta ligação entre a terra da qual todos nós, direta ou indiretamente, extraímos nossa subsistência, e as realizações da sociedade humana. E uma dessas realizações é a cidade: a capital, a cidade grande, uma forma distinta de civilização.*²⁰⁶

Nesse momento, o autor está dialogando diretamente com correntes políticas das décadas de 1960 e 1970, principalmente, entre elas, o marxismo, do qual o autor faz parte, que viam o campo como decadência, algo que deixaria de ter importância no curso do sistema capitalista. Combate, portanto, a idéia de que a “urbanização” seria algo “natural” e “inevitável”. Conforme argumenta, a própria divisão e oposição entre campo e cidade é um problema resultante do desenvolvimento do modo de produção capitalista, compreendido pelo autor não apenas como estruturas econômicas, mas toda a forma como uma sociedade se constitui, em movimento, incluindo aí os valores, idéias e demais elementos culturais.

De acordo com Williams, essa divisão não ocorreu apenas em termos de estrutura econômica. As noções de campo e cidade, segundo o autor, também foram sendo produzidas socialmente, pelas pessoas, ao associarem-se imagens a esses locais, que por sua vez variam em diferentes momentos, possuindo historicidade.

²⁰⁴ Vale a pena ressaltar que a redução populacional provocada por Itaipu atingiu mais a zona rural do município, não parecendo afetar a sede municipal na mesma proporção.

²⁰⁵ WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

²⁰⁶ Idem. p. 11.

Nesse sentido, o autor realiza uma análise dessas imagens projetadas sobre o campo, na literatura britânica. Aponta, assim, para momentos históricos em que, sobre o campo, projetam-se idéias de estabilidade e de contanto com a natureza, enquanto que em outros compreende-se o meio rural como expressão de “atraso”. Por outro lado, destaca que processo semelhante ocorreu também com a cidade, que, em alguns períodos, é apontada como símbolo da “civilização”, enquanto que em outros aparece como local de degradação.

Williams critica, particularmente, as noções projetadas sobre o campo. Conforme aponta o autor, esse meio não é meramente “natural”, pois também é produzido pela ação humana, ao trabalhar-se a terra. Por outro lado, o desenvolvimento capitalista, mesmo no período em que escreve, também tem sua sustentação no campo, não ocorrendo, tal processo, de maneira tranqüila, existindo ali, também, a desigualdade social, a exploração e a poluição do meio-ambiente.

Williams chama a atenção para os problemas de incorporação acrítica de tais modelos, mesmo porque esses conceitos não dão conta de explicar toda a complexidade social, principalmente nos períodos mais recentes: *“O campo e a cidade são realidades histórias em transformação tanto em si próprias quanto em suas inter-relações. Temos uma experiência social concreta não apenas do campo e da cidade, em suas formas mais singulares, como também de muitos tipos de organizações sociais e físicas intermediárias e novas”*.²⁰⁷

Conforme aponta o autor, existe toda uma realidade diversificada e intermediária entre o rural e o urbano, como os “subúrbios”, “cidades-dormitório”, dentre outros. No entanto, aponta razões mais profundas para a permanência do hábito de atribuir significados ao campo e à cidade, uma vez que, conforme aponta: *“O problema não é apenas a dificuldade ou impossibilidade de encontrar outros termos e conceitos mais específicos; a questão é que no campo e na cidade, fisicamente presentes e substanciais, a experiência encontra um material que corporifica os pensamentos”*.²⁰⁸

Ambas as esferas, então, não existem naturalmente, mas materializam e expressam a experiência humana. Traduzem, nos significados a elas atribuídos, vivências de sujeitos, como as dos literatos ingleses. Mais do que isso, trata-se, de acordo com Williams, de expressão de relações sociais e de posicionamentos perante as transformações que vão sendo operadas na sociedade:

²⁰⁷ Idem. p. 387.

²⁰⁸ Idem. p. 390.

*Em todas essas relações sociais concretas e formas de consciência, concepções do campo e da cidade, muitas vezes de um tipo mais antigo, continuam a atuar como intérpretes parciais. Mas nem sempre percebemos que, em seu direcionamento geral, elas representam posicionamentos em relação a um sistema social global. Particularmente a partir da Revolução Industrial, mas a meu ver já desde os primórdios do modo capitalista de produção agrícola, as poderosas imagens que temos da cidade e do campo constituem maneira de nos colocarmos diante de todo um desenvolvimento social. É por isso que, em última análise, não podemos nos limitar a contrastá-las; precisamos também examinar suas inter-relações e, através destas, a forma concreta da crise subjacente.*²⁰⁹

O que está em questão, portanto, não são meramente maneiras diferenciadas, no tempo, de compreender campo e cidade. De acordo com as considerações de Williams, por meio desses conceitos se expressa experiências e posicionamentos elaborados em resposta a processos históricos e sociais desenvolvidos em toda a sociedade. A partir disso, o autor chama a atenção para a importância de investigar não apenas a origem desses conceitos, mas a realidade, mais ampla e em transformação, que está sendo produzida e as formas como os sujeitos a experimentam.

A obra de Williams apontou para a necessidade de não pensar *campo* e *cidade* como categorias objetivas, mas compreendê-las enquanto noções produzidas socialmente e em transformação. Chamou para a importância de não apenas realizar o trabalho de classificar o que seria *rural* e *urbano*, mas pensar os significados que as pessoas imprimem a tais termos, como elas os formulam e as experiências subjacentes a esse processo. Sendo assim, foi oportuno notar todo o processo histórico com o qual essas pessoas relacionavam-se, ao produzir tais noções.

A fim de realizar tal tarefa, foi fundamental a leitura da obra *Muitas memórias, outras histórias*²¹⁰ em que os autores apresentam sua concepção de *cidade*. Sendo assim, em um dos trabalhos que compõem a obra, Calvo destaca:

*...a cidade que emerge neste texto está imbricada nos referentes culturais de sujeitos sociais, nas percepções e sentimentos de pertencimento social destes sujeitos, uma vez que falaram comigo sobre o modo como sentiram e interpretaram os processos de mudanças no viver urbano a partir das suas lembranças e sentimentos, refletindo o tempo histórico e produzindo uma cartografia dos espaços e territórios que eram produzidos nos seus viveres, no trabalho, nas relações de vizinhança, no lazer, demarcados pelas suas memórias como referências de lugares que foram apagados da paisagem da cidade.*²¹¹

²⁰⁹ Idem. p. 397.

²¹⁰ FENELON, Déa Ribeiro et al. (orgs.). op. cit.

²¹¹ CALVO, Célia Rocha. "Muitas memórias, outras histórias de uma cidade. Lembranças e experiências de viveres urbanos em Uberlândia. In: Idem. p. 157.

A cidade de que trata Calvo, é a *cidade das pessoas*, que emergem de seus viveres e dos sentidos de pertencimento que constroem junto a Uberlândia, Estado de Minas Gerais. A autora busca perceber como as lembranças de indivíduos que vivem e trabalham naquele lugar se inserem nas disputas por muitas memórias e histórias. Dessa forma, a *cidade* que apresenta constitui-se a partir de práticas e significados elaborados pelos sujeitos.

Nessa mesma obra, Paulo Roberto de Almeida também busca a cidade a partir das pessoas, caracterizando-na como: “...*expressão de uma multiplicidade de práticas e experiências*”.²¹² A *cidade*, em seu estudo, emerge de narrativas de trabalhadores rurais sem-terra, que no momento em que prestaram seus depoimentos orais viviam em assentamentos para a reforma agrária e que em períodos anteriores já haviam morado e trabalhado em Uberlândia.

A busca pela *cidade*, portanto, dá-se a partir da compreensão de que ela é produzida *pelas pessoas* em seus *viveres urbanos*, compostos de suas experiências e referenciais culturais. Nesse sentido, não está em questão a cidade constituída meramente a partir do espaço físico, de dados populacionais ou resultante do ato de classificar um lugar como “urbano”, por parte de órgãos governamentais.

Apesar disso, notei que em minha pesquisa essa noção continuava sendo problemática. Embora muitos trabalhadores tratassem a sede municipal como “cidade” e o restante do município como “interior” e identificassem algumas características diferenciadas para ambos os lugares, não se estabelecia uma delimitação muito precisa entre rural e urbano, que os separasse em dois meios opostos e a partir de onde constituíam-se viveres próprios e antagônicos. A relação que constituíam com esse *lugar* chamado Santa Helena, portanto, era complexa, sendo necessário tomá-la como parte dos problemas de investigação.

Foi importante, nesse sentido, as reflexões desenvolvidas por Khoury. A autora discute, um pouco da noção de *fronteira*, a qual está relacionada com as separações e delimitações construídas na vida social:

Mais do que trabalhar fronteiras físicas e imaginárias, a partir de referenciais estabelecidos externamente aos processos sociais, o desafio é de pensar e explorar como elas se forjam e se realimentam, na natureza contraditória das relações sociais, como as pessoas as incorporam e as subvertem nas pressões e nos limites da vida diária, nos quais o próprio diálogo se insere. Percebendo como nós mesmos as delimitamos na investigação social, preferimos seguir a direção

²¹² ALMEIDA, Paulo Roberto. “Encantos e desencantos da cidade: trajetórias, cultura e memória de trabalhadores pobres de Uberlândia – 1970 – 2000”. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. (orgs.). op. cit. p. 139.

*sugerida por [Antônio Augusto] Arantes, de observar como as pessoas transitam tacitamente em função de negociações e interesses socialmente situados e, assim fazendo, exploram, constroem e reordenam territórios e fronteiras simbólicas que as unem e as separam, com toda a ambigüidade e ambivalência.*²¹³

A *fronteira*, assim, é compreendida como algo produzido pelas pessoas em sua existência social. Não é dada *a priori*, nem possui contornos claros, estando em movimento e sendo transformada de acordo com os interesses em jogo nas disputas que vão sendo constituídas no social.

Procurei estudar, então, como esses trabalhadores iam constituindo suas maneiras de viver e trabalhar ao mesmo tempo em que significavam, produziam e até diluíam fronteiras entre rural e urbano. Dessa forma, busquei não estabelecer de antemão uma dicotomia entre *campo* e *cidade*, tratando-os como conceitos cristalizados, mas enquanto problemas a serem pesquisados.

Esse movimento complexo ficou visível nas narrativas de muitos trabalhadores. Sendo assim, Ernesto Vazzatta²¹⁴ apontou que ainda por volta do ano de 1968 vendeu a primeira área de terras que adquiriu em Santa Helena, devido a problemas em sua topografia, adquirindo, então, uma chácara. No período em que viveu nessa propriedade, localizada próxima à sede do município, não trabalhou apenas na agricultura, conforme aponta:

O senhor então começou a trabalhar com o alambique quando veio morá aqui pra Santa Helena mesmo, então, na chácara?

Lá em cima. Depois que eu fui morá lá [na rua] que vai pro porto. Eu não me recordo, mas deixa vê em que tempo eu fui morá lá, veja, eu em sessenta e oito fui morá, na chácara ali. Sessenta e oito, eu acho que fiquei ali [pausa] até sessenta e oito, sessenta e nove. Depois, veio a indenização [desapropriação para construção de Itaipu]. Eu trabalhava de carpinteiro e pedreiro aquela época ali. Então mexi com isso ali também. Eu tinha... fiz três casa aqui em Santa Helena. Eu cortava as madeira lá em casa [na chácara], depois vinha aqui na cidade e montava as casa. Tem uma [casa que construiu] aqui em frente o [Clube] União. Duas construí ali em [Linha] São Pedro. Que vendi lá pros Mani. É. E... negócio de, de piso, essas coisa, só não fazia casa de material [em alvenaria]. Porque trabalhava sozinho maioria, né. Não [inaudível] eles me ajudavam. E tudo, e tudo de bicicleta assim, não se tinha carro, pedal, de manhã cedo. Pedalá até quinze quilômetro de manhã, pra í. E o Salto do São Francisco fui montá um engenho pros meus irmão. Mas eu não tinha, aquela época ali eu não tinha ainda as... as moenda lá. Daí foi, eles tinha alambique aqui, fui montá lá no, no, no, no Salto do São Francisco [ponto de lazer conhecido no município que foi submerso quando da construção de Itaipu], lá, que tinha um tal de, Weber. Depo, agora ele tá morto o velho Weber. Eles trabalharam lá. Fazê uma safra de cana, lá tinha bastante

²¹³ KHOURY, Yara Aun. “Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história”. In: FENELON, Déa et al. (orgs.). op. cit. p. 127. Acréscimo meu.

²¹⁴ Ernesto Vazzatta. Citado anteriormente.

cana lá. Eu, saía de manhã aqui quinze quilômetro tchó! Experimentei posá lá, mas não tinha quem posasse, o barulho do salto, mosquito. Dali eu vinha, eu vinha pra casa, mas olha que. A gente chegava louco de cansado, é, caía na cama que nem um [pausa] se dormia que nem cachorro. É. De manhã cedo, tinha que levantá e metê pa, pedal. Aqui por roda aqui também. Às vez, ia de bicicleta de manhã, e de tarde voltá com a bicicleta nas costa. Que empostava não ia mais, tinha que carregá a bicicleta. Eu cansei de fazê isso. É. Santa Helena Velha eu ia trabalhá de bicicleta. [inaudível] andava, eu ia aqui por baixo, acho que me dava uns dez quilômetro, né.²¹⁵

A partir de seus esforços em demonstrar as dificuldades vividas em Santa Helena, Ernesto vai relatando um pouco de sua vida, principalmente entre as décadas de 1960-1970. É possível notar que ele, ainda na década de 70, atuava em atividades mais próximas do urbano, como no caso o trabalho de “carpinteiro e pedreiro”. Construía, assim, casas de madeira, principalmente na sede do Município de Santa Helena, embora também atuasse em outras comunidades rurais, como a citada Linha São Pedro. Nesse período, portanto, atuava em diversas atividades, embora não seja muito específico quanto aos ofícios desempenhados, o que tornava necessário seu deslocamento para outros lugares do município. Enquanto isso, sua esposa e filhas tomavam conta das tarefas da chácara, como cuidar dos animais domésticos criados para venda e consumo.

Além disso, Ernesto também chegou a trabalhar em engenho de cana, produzindo aguardente para comercialização. Ele já havia experimentado esse trabalho quando morava no Rio Grande do Sul, onde tal atividade fazia parte dos ofícios desempenhados pelos agricultores locais, conforme expus no capítulo anterior. Na década de 1980, Ernesto reiniciou essa atividade em sua chácara, embora antes, ainda na década de 1970, também tenha chegado a exercê-la, como no caso citado anteriormente, na propriedade de Weber.

A retomada do trabalho de produção de aguardente ocorreu após Ernesto ter sua propriedade rural desapropriada para a construção do reservatório de Itaipu, indo estabelecer-se em outra chácara, também próxima da sede municipal, localizada às margens do atual prolongamento da Rua Argentina, que liga o centro de Santa Helena ao porto internacional homônimo. Em seu depoimento, frisou um pouco desse trabalho:

O senhor, então, trabalhava na agricultura e tinha também o alambique?

No primeiros ano que eu vim aqui, eu, criava uns porquinho, plantava o milho, soja plantava tudo a muque [manual, sem o auxílio de aparelhos mecânicos], né. É... se colhia até bem, dava bem o milho, dava bem, quase não dava seca, se colhia bem. Arroz, dava um arroz muito bom. É, daí depois do segundo ano já deu pra, já deu pra vivê melhor a. Eles começô, fazê, vendê [inaudível] uma bolsa de arroz, né. Já se tinha uns porquinho pra comê, tudo né. É, e, mas se não, aqui

²¹⁵ Idem. p. 11. Acréscimos meus.

sempre foi colono até os, trabalhá na roça es... se...ssenta e oito. Ano setenta, ano setenta. Mas eu vendi os cinco alqueire de terra pra comprá uma chácara [t]al. (...) E vim comprá uma chácara melhor, a família... pequena. Depois daquilo o ano oitenta já foi indenização, veio indenização da Itaipu, então fui morá lá em cima, na estrada que vai, que vai pro porto. Dali comprei uma chácara lá. E lá então botei o alambique. Fiquei quatorze ano ali da, ali da. Mas lá no sul, eu desde de, de, de, piá. De... oito, dez ano já trabalhava com alambique... moê cana, cortá cana, fazê de tudo lá daí. [pausa] Depois eu vim, dali quando eu vim mais pra cá, eu sempre gostei daquele ramo lá, sempre gostei da cana. Então eu vim pra cá e... plantei umas cana. Tem meus irmão que tavam morando lá ia fazê eles trazê o alambique, que eles, ficaram trabalhando com o alambique. Eu digo, cana dava bem aqui, né. Então, comecei trabalhá com cana. Trabalhei quatorze ano. Aqui, e lá acho que eu trabalhei também uns, eu tinha ... dez ano, trabalhei até os, até os vinte e cinco ano eu trabalhei. E trabalhei lá mais uns dez ano. Ah, e, eu com a cana trabalhei tempo. Lá sempre foi [inaudível, parece ser "serviço"] de agricultor, sempre pra agricultor. Pena que a gente não, [inaudível] não era, fábrica pra comércio, era pra vendê algum garrafãozinho de pinga, assim. É. Não era, nós, o, fábrica grande, pequeninha, [inaudível]. E assim se vivia, né, se vivia assim. Mas era bom de vivê esses primeiros ano. Era bom de vivê. Embora que a gente chegô aqui que tu não achô nada, que tinha que comprá tudo, a gente sempre tinha uns troquinho assim, nunca passemos fome, não, nunca.²¹⁶

Como é possível notar, Ernesto sempre possuiu uma pequena área de terras. Sua sobrevivência, ao que me parece, era garantida pelo cultivo de muitos produtos para consumo próprio. Essas outras atividades poderiam ser formas de complementar sua renda, embora seja possível notar que ele mantinha uma relação de apreço com as atividades desenvolvidas no alambique, frisando de maneira incisiva que o gosto por esse trabalho pesou na escolha por novamente realizá-lo no Paraná.

Por meio de sua narrativa, portanto, é possível notar que ele não interpreta a retomada desse serviço complementar, bem como os demais que realizava, como uma necessidade de sobrevivência. Tampouco os trata como meios para superar eventuais crises sofridas com a desapropriação de sua antiga chácara para a construção de Itaipu. Se tais dificuldades existiram, foram silenciadas pelo entrevistado, o que demonstra a existência de muitas memórias também desse processo ocorrido na região.

Em seu alambique, Ernesto produzia aguardente para comercialização direta com os consumidores. Aponta que muitas pessoas do município e de outros lugares em passagem por Santa Helena compravam seu produto. Ele fazia também alguns tipos de pipas, recipientes onde estocava a bebida. O processo de produção, em sua maioria, era realizado por ele e a esposa. Não foi em nenhum momento, como frisa bem, algo produzido em escala industrial.

²¹⁶ Idem. pp. 2-3. Acréscimos meus.

Na década de 80, é possível notar que ele deixou de realizar aquelas atividades típicas do meio urbano, como o trabalho na construção civil. Dedicou-se exclusivamente, a partir de então, ao engenho de cana e ao trabalho da chácara. Até aquele momento, percebo que inexistia, em sua vida, um limite preciso entre campo e cidade e entre atividades rurais e urbanas. É possível notar, assim, que Ernesto não se constituía em um agricultor que vivia isolado em sua propriedade no campo, mesmo na década de 1970, sendo intenso o contato que mantinha com a sede municipal.

Tal fronteira, todavia, não viria a ser delimitada na década de 1980, quando passou a dedicar-se exclusivamente ao trabalho em sua chácara. Esse parece ter sido um processo constituído posteriormente, já na década de 1990, quando se mudou para a sede municipal, a qual passou a ser o local de sua moradia:

O senhor podia comentá um pouquinho como foi essa mudança, daí aqui, pro centro da cidade? Os motivos, o porque o senhor, deixô a chácara e veio pra cá.
[inaudível] a chácara. Eu vendi pra prefeitura aquela vez. E eles falaram que se eu queria ficá morá, podia ficá morá. Mas fiquemo eu e a mulher só [as filhas haviam casado e não moravam ali perto]. Trabalhá o médico falô que não é pra eu trabalhá mais porque... não tenho condições de trabalhá. [inaudível]. Então a mulher disse: “fosse vendê e í morá na cidade, não ficaria mais perto. Das igreja, pra í na missa, [inaudível], é... até pros médico, comércio e tu[do]”. Ah, inventemo de, foi o tempo do Julio [Morandi] e do Silom [Schmidt] [então prefeito municipal e vice-prefeito]. Inventei oferecê pro Julio, [ele, o prefeito] diz: “não, eu vô lá” diz: “dá um olhada”. Daí vieram eles dois lá. Vieram, deram uma olhada e tal, fizemo o preço, tá. Eles. Foi, bem naquela época que mudô o dinheiro, o URV pra, cruzeiro. Dinheiro pro URV. É. Aquela época ali. E daí digo: “e essa mudança do dinheiro tem problema” diz ele: “isso não vai implicá nada”. Diz o... Julio. Né. Isso foi [pausa] não me lembro que que dia foi que eu, que fiz o negócio com ele. O dia não me lembro. Eu sei que ele [eu] disse pro Silom assim: “[inaudível] quanto tempo você me deixa aqui”, “até você querê”, diz ele né. Se eu quisesse podia tá morando lá ainda. [risos]. Não entrô ninguém lá, eles tem, tem um cara, um eletricitista lá diz que meio doente [inaudível]. [inaudível]. Mas. A mulher gostava de vim morá aqui, porque ficava tudo, mais no centro e tal. Mas eu, gostaria de morá até hoje, porque pra mim, é pra mim eu me criei foi na colônia [localmente também é sinônimo de zona rural]. Sempre gostei da colônia. Sempre gostei de trabalhá com a cana. Se eu tivesse fôlego eu ia, até hoje eu ia trabalhá na cana. Que eu gosto da cana. Um produto bom. A cana depois que ela fecha não precisa mais mexê. Não tem mais [que] limpá, não tem mais [que] passá veneno, não tem nada, né. Ela vem. Mas, se eu tivesse tido fôlego bom, eu não ia vendê lá também. Mas aí me convenceram vendê, vendi. É. Agora tá aqui, bem dizê [pausa] não, não digo que tô sofrendo, mas à vez, fica pensando, a gente desanima, que o dia inteiro, aqui dentro de casa. Caminha, coisa que caminha longe eu não posso porque [pausa] me dá cansa. Me falta fôlego e tal. (...)²¹⁷

Nesse processo de mudança da chácara para o centro da sede municipal, é possível perceber que Ernesto realiza uma delimitação desses dois ambientes, tratando o primeiro

²¹⁷ Idem. pp. 13-4. Acréscimos meus.

como campo e o segundo como cidade. Essa mudança teria sido, então, uma opção, uma vez que conforme aponta, poderiam ter continuado a viver na chácara, após tê-la vendido à prefeitura municipal. Como motivo, destaca a necessidade de deixar aquele trabalho em função da impossibilidade de empreender esforços por causa de seu estado de saúde e da idade avançada em que ele e a esposa encontravam-se. A decisão de se mudar também está associada ao desejo de ficar mais próximo e usufruir da infra-estrutura comercial e de certos lugares que o casal costumava frequentar, como a igreja, no centro de Santa Helena. Embora possuíssem um automóvel para sua locomoção, ele não era suficiente para compensar essa demanda produzida por esses sujeitos.

A mudança para a sede municipal, apresenta-se como origem da insatisfação que Ernesto possui para com sua maneira de viver atual. Ele identifica esse descontentamento ao urbano e seu espaço,²¹⁸ que compreende ser limitado, quando comparado à vida que levava na chácara. É possível perceber, assim, que a terra, para ele, não era apenas um local de trabalho, mas também uma referência para sua vida.

Para Ernesto, a fronteira entre rural e urbano passou a ser vivida quando ele se mudou para a sede municipal, tendo deixado a chácara, não mais trabalhando com as lides agrícolas, perdendo então a referência com a terra. No novo local, ele encontra dificuldades de recompor sua maneira de viver e trabalhar, considerando-as limitadas por conta de sua doença.²¹⁹ Ele também parece reafirmar suas críticas ao urbano ao não se reconhecer como sujeito da iniciativa de mudar-se. Conforme aponta, “me convenceram” a mudar, provavelmente referindo-se à sua esposa e filhas.

É importante notar, ainda, a relação de proximidade que o entrevistado estabelece com o governo municipal, compreendido por meio das pessoas do então prefeito e vice-prefeito. Eles são tratados como facilitadores do negócio, atuando com prontidão e buscando o bem-estar de Ernesto. A tensão, dessa forma, não é localizada pelo entrevistado na venda de sua chácara, nem na mudança – pois no período concordou em fazê-la – mas no seu presente na sede municipal, o qual contrapõe à vida que levava no passado, quando morava no campo e sua saúde não se encontrava tão abalada.

Trata-se, portanto, das dificuldades encontradas por Ernesto nessa transferência, em deixar sua chácara e até mesmo em aposentar-se, não no sentido de receber recursos da

²¹⁸ Não me refiro aqui apenas ao espaço físico, em metros quadrados, mas da vida em geral que Ernesto levava na chácara, que compara às possibilidades que atualmente possui em sua residência no centro da sede municipal.

²¹⁹ Em sua casa, Ernesto possui uma pequena oficina de marcenaria, para realizar trabalhos sem fins comerciais. Contudo, aponta ele que a poeira gerada no serrar a madeira prejudica sua saúde.

seguridade social, mas de efetivamente ter que parar de trabalhar. É essa necessidade, portanto, que ele identifica ao urbano.

Essa fronteira não muito nítida entre campo e cidade também faz parte da narrativa de Glades,²²⁰ 43 anos, empregada doméstica diarista. Ela chegou em Santa Helena na década de 70, quando ainda era criança e acompanhava seus pais. Natural do Estado de Santa Catarina, onde a família possuía uma pequena propriedade rural, rumaram para o Oeste do Paraná, local em que não mais adquiriram terras, passando a viver, inicialmente, na sede municipal de Santa Helena.

De acordo com Glades, sua família não permaneceu sempre vivendo na sede do município. Fazia parte das possibilidades de trabalho, naquele período, atuar nas propriedades rurais de outros agricultores, seja administrando-a ou auxiliando o proprietário nas atividades do dia-a-dia. Por conta dessa opção a família mudou-se para a localidade de Vila Celeste, no Município de Santa Helena:

E aí vocês vieram pra Vila Celeste primeiro, então?

Não, nós viemo primeiro aqui em Santa Helena.

Pra Santa Helena.

É, tinha dez ano quando nós, que ele [o pai] é, que daí nós fiquemo acho que uns sete ano aqui, nós moramo uns três anos em Vila Celeste. E nós voltemo pra cá de novo.

Ah, tá! E quando a senhora foi para Vila Celeste a senhora era solteira ainda ou...

Sim, era criança ainda.

Seu pai trabalhava de pedreiro lá também?

Não, lá nós trabalhava no sítio.

Ah, no sítio.

É. Depois que nós voltava pra... que nós voltamos pra cá ele trabalhava de pedreiro. Construía casa, e... nós tinha que ajudar. Eu só tenho um irmão, mais novo. E as outras tudo irmã e daí nós tinha que trabalhar, que nem homem sempre [risos].

Ah, tinha que ajudar!

Iss... [fala sobreposta com a minha e inconclusa].

E o serviço pesado, né.²²¹

Depois de três anos trabalhando no “sítio”, Glades e sua família novamente retornaram para a sede do Município de Santa Helena. O pai atuava como pedreiro enquanto que ela e suas irmãs o ajudavam em suas tarefas. Em outros momentos de seu depoimento, ela esclarece que tais serviços, associadas por ela ao “masculino”, iam desde alcançar materiais de construção até realizar a pintura das casas.

²²⁰ GLADES, 43 anos. Doméstica (diarista). Entrevista realizada em 13/07/2004, terça-feira à tarde, dia de semana vago no trabalho de Glades, realizada na residência da entrevistada, no Conjunto Santa Rita de Cássia.

²²¹ Idem. pp. 1-2. Acréscimos meus.

Esses elementos compõem sua narrativa, cujo enredo está baseado no sofrimento e no esforço empreendido em prol de sua sobrevivência, em Santa Helena. Tais dificuldades, portanto, não são compreendidos como algo puramente negativo, mas até como um motivo de orgulho, demonstrado também na forma humorada como Glades trabalha essas memórias. Ela procura construir, assim, uma imagem em que se coloca como uma pessoa “batalhadora”.

Apesar da mudança para a sede do município e de dedicar-se ao trabalho na construção civil, como destaquei anteriormente, uma atividade geralmente associada ao urbano, isso não significou uma ruptura com a vida rural. Conforme Glades apontou, em muitos momentos ela e tantos outros trabalhadores de Santa Helena rumavam para o campo, trabalhando como diaristas rurais, popularmente conhecidos como “bóia-frias”, termo que ela também emprega em seu depoimento e que incorporei no decorrer de sua entrevista, também por ser de uso corrente na região:

A senhora comentou que chegou a trabalhar como bóia-fria, também?

Trabalhei [risos]

Ah, é?

Nós ia, logo que a, que casei nós fomos trabalhar na bóia-fria, eu e meu marido.

Uns tempos, acho que uns quatro, cinco ano que nós trabalhava de bóia-fria.

Ganhava mais que de doméstica.

Ah, ganhava mais?

Sim, depois parou, né, agora parou essas folia de... domes, de... de trabalhar na roça, né. É só servicinho, meu marido também tá... não trabalha, não tá trabalhando. E assim, filharada da gente também tem pouco estudo. Trabalham de doméstica também.²²²

Nessa passagem, pode-se perceber que Glades compreende o serviço de diarista rural como “trabalho”, de maneira diferente das demais atividades, chamados de “servicinhos”. De acordo com ela, preferia aquele serviço em detrimento do trabalho como doméstica. Essa preferência é manifestada por ela ao enfatizar que recebia mais pelo seu serviço, enquanto que, no momento da entrevista, reclamava de sua função de empregada doméstica, relatando principalmente a ausência de carteira de trabalho assinada.

Indagada sobre o porque da impossibilidade de continuar trabalhando como diarista, ela produz todo um trabalho de sua consciência, destacando que as “inovações tecnológicas”, com o desenvolvimento de novos herbicidas e pesticidas, na década de 90, acabaram com as possibilidades de trabalho manual nas lavouras de soja e milho, predominantes no município e onde outrora atuava.

²²² Idem. pp. 4-5. Acréscimo meu.

Isso demonstra que esse processo de fechamento de postos de trabalho no campo não ocorreu, no local em estudo, de maneira abrupta na década de 70. Se por um lado é notável um movimento de mudança de local de moradia para a sede municipal, por parte dessas pessoas, tal fator não significou que o campo deixou de ser uma referência para seu trabalho. Essa separação foi ocorrendo de maneira gradual, sendo um processo em curso que tem como marco final, nas narrativas de muitos entrevistados, a década de 90, com essas “novas tecnologias” e com a falência da Agroindustrial Santa Helena S/A, uma indústria de fécula de mandioca, cultura agrícola que emprega trabalho manual em larga escala.

Para além dessas questões, é possível notar que, para Glades, trabalhar como doméstica não foi uma “opção”, mas resultou principalmente da impossibilidade dela continuar trabalhando no campo como “bóia-fria”. Essa necessidade é interpretada de maneira negativa, possivelmente também em função das dificuldades encontradas em seu trabalho atual e da percepção de que estão sendo inobservados certos direitos que ela compreende possuir. Portanto, nesse julgamento também entram em questão outros fatores e não apenas a soma em dinheiro recebido em cada modalidade de serviço.

Além disso, a memória positiva sobre o tempo em que trabalhava como diarista rural pode estar alicerçada nas práticas empreendidas por Glades, nas décadas de 70 e 80, para prover sua sobrevivência:

Eu queria perguntar para a senhora também, então... se também nesses períodos que senhora falou períodos assim de, de crise, teve uns períodos assim que... nem tanto, né, como é que era por exemplo, assim, o custo de vida. O que vocês faziam, assim, o padrão de vida de vocês, assim, é pra adquirir as coisas se vocês compravam com crediário, se vocês, por exemplo, compravam por exemplo, assim, se vocês compravam muito fiado, como é que vocês faziam que nessa época, que tempos atrás tinha inflação, né, como é que vocês faziam?

Ah, tinha uns que vendia pra pagar quando tinha dinheiro, só que nós não gastava tanto, e daí nós colhia os milho que sobrava na roça, praf, levava no moinho, pra fazer fubá, né, daí nós se atracava comer fubá [risos]. A polenta [pasta feita com farinha de milho cozida em água], né. Nã, não era fácil e nós plantava as couve, as verdura, daí nós comia assim, mandioca, plantava. É... tá... era difícil esses ano, tempos atrás, também não era fácil.

Vocês plantavam, então...

É. Nos lote, assim, nós plantava, né, uns pezinho de feijão, daí nós colhia um meio saco de feijão às vezes. Logo que nós viemo morar aqui nós plantava nos lote... e nós colhia. Carne era meio difícil nós comer. Uns... Comprava só quando tinha, o dinheiro pra comprar. É.

Vocês não dependiam de comprar muita coisa, então...

Não.

...né?

*Não comprava, assim, fiado, né. (...) Estava... assim, mas... ninguém morreu de fome até hoje, né, se virava, comia mal, mas nós agüentava.*²²³

Como é possível perceber, o modo de vida desses trabalhadores, mesmo na sede municipal, era muito próximo do rural. Tais hábitos, como cultivar alimentos em lotes baldios e coletar cereais que sobravam das colheitas nas plantações onde trabalhavam, tornavam-se muito importantes nos tempos de crise e nos períodos em que não havia atividade de diarista rural para ser realizada. Sua sobrevivência, assim, não estava embasada apenas do trabalho. Esse fator pode ter influenciado suas memórias no sentido de conferir um caráter de estabilidade para aquele período.

Em Santa Helena, durante a década de 90, também se registrou um certo crescimento da sede municipal, advindo principalmente com o início do recebimento de *royalties* pagos pela Usina Hidrelétrica de Itaipu. Grande parte dos recursos foram então investidos em obras de infra-estrutura, o que levou a uma maior valorização dos lotes urbanos. Mais recentemente, esse processo intensificou-se, sendo apresentado pela prefeitura municipal na forma de propaganda de seus feitos, como no material publicado no jornal *Portal América*, de 08 de julho de 2004, reproduzido na próxima página.

Intitulado “O caminho do Progresso”, esse material circulou em outros meios de comunicação locais, como pude observar na edição de n.º 294 do *Jornal Costa Oeste*.²²⁴ Ilustrado em cores vivas, apresenta uma rodovia pavimentada que segue rumo à linha do horizonte. Em meio ao caminho, aparece uma placa indicando os pilares em que sustentava-se tal projeto: “agricultura”, “obras” e “transporte”. Apresenta acima a logomarca oficial: “Santa Helena, terra das águas”, e três fragmentos de fotografias. Essas últimas imagens retratavam obras realizadas no município: “Calçamento”, “Solo Brita” e “Pavimentação”. Todas elas realizadas na área de infra-estrutura.

²²³ Idem. pp. 17-9.

²²⁴ “O CAMINHO do progresso”. In: *Jornal Costa Oeste*, Santa Helena/PR, ano 8, n.º 294, Contracapa, 21 a 27 de maio de 2004. (Material publicitário).

16

Portal América

Santa Helena, 24 de Junho à 08 de Julho de 2004

O caminho do Progresso

Santa Helena

Terra das Águas

Agricultura

Obras

Transporte

Calçamento

Solo Brta

Paratização

Investindo os recursos públicos com transparência, a Administração de Santa Helena, torna a vida melhor para moradores da cidade e interior. Com o início do asfaltamento das ruas do Bairro São Luiz, Santa Helena é uma das poucas cidades do Brasil que contarão com 100% das vias da sede municipal asfaltadas. Como resultado de mais essa ação do Governo Municipal, teremos uma cidade mais limpa, melhor arrumada e com ruas confortáveis para o trânsito de veículos e pedestres. No interior, prossegue a execução de calçamentos com pedras irregulares, o que além de gerar muitos empregos, acaba com a poeira, facilita o transporte escolar, recolhimento do leite, recebimento de insumos e escoamento da produção agrícola. Outro benefício do asfalto na cidade e do calçamento no interior é a indiscutível valorização dos terrenos e das propriedades rurais.

“O CAMINHO do progresso”. *Portal América*, Santa Helena/PR, ano 2, n.º 25, Contracapa, 24 de junho a 08 de julho de 2004. (Material publicitário).

Percebo que esse material se diferencia dos demais analisados no presente trabalho que, em sua maioria, tinham a preocupação de divulgar o município como local turístico, sendo que grande parte do público a que se destinavam eram os visitantes ou possíveis turistas. Esse outro material, por sua vez, parece constituir-se em algo voltado à divulgação

das realizações da prefeitura municipal para os próprios cidadãos locais. Tem a intenção, assim de apresentar os esforços da administração municipal em implementar o “desenvolvimento” de Santa Helena. Ao mesmo tempo, parece querer demonstrar que tal empreendimento não estava embasado apenas no turismo e, assim, não se deixando de lado outras áreas, como a agricultura, na qual atua boa parte, se não a maioria da população do município.

O texto inserido nessa propaganda, destaca um pouco das obras de infra-estrutura realizadas pela administração municipal. Revela, ainda, parte das intencionalidades existentes em tais iniciativas:

O caminho do progresso

*Investindo recursos públicos com transparência, a Administração de Santa Helena, torna a vida melhor para moradores da cidade e interior. Com o início do asfaltamento das ruas do Bairro São Luiz, Santa Helena é uma das poucas cidades do Brasil que contarão com 100% das vias da sede municipal asfaltadas. Como resultado de mais essa ação do Governo Municipal, teremos uma cidade mais limpa, melhor arrumada e com ruas confortáveis para o trânsito de veículos e pedestres. No interior [do município], prossegue a execução de calçamentos com pedras irregulares, o que além de gerar muitos empregos, acaba com a poeira, facilita o transporte escolar, recolhimento do leite, recebimento de insumos e escoamento da produção agrícola. Outro benefício do asfalto na cidade e do calçamento no interior é a indiscutível valorização dos terrenos e das propriedades rurais.*²²⁵

Como é possível notar, a especulação imobiliária, intensificada nesse processo de transformação do município e com essa conseqüente “valorização” das propriedades, é admitido pelo poder público local enquanto parte de seu projeto de desenvolvimento. Tal caráter, todavia, é apresentado como algo implementado no intuito de “tornar a vida melhor para os moradores”, como “qualidade de vida”. A própria “valorização” é tratada como algo positivo, pois beneficiaria os proprietários de tais imóveis.

É preciso notar, ainda, que os próprios conjuntos habitacionais, construídos na sede municipal, também se utilizavam de áreas mais distantes do centro, próximas a chácaras de produtores rurais, circunvizinhas à sede municipal e pouco povoadas até então. Tal fator pode ser observado no “Anexo V – Planta da Sede Municipal de Santa Helena (Parte 1)”, na página 274, e no “Anexo VI – Planta da Sede Municipal de Santa Helena (Parte 2), na página 276, em que reproduz a planta da sede municipal de Santa Helena. Por meio da distribuição física dos conjuntos “Jardim Floresta”, “Tiradentes”, “Padre Martinho” e

²²⁵ “O CAMINHO do progresso”. In: *Portal América*, Santa Helena/PR, ano 2, n.º 25, Contracapa, 24 de junho a 08 de julho de 2004. (Material publicitário). Acréscimo e grifos meus.

“Jardim Acácia” (os três últimos contíguos, situados entre as ruas Sipestre e Tambori) e o “Jardim Ipê” (localizado ao longo do prolongamento da Avenida das Américas), fica visível sua inserção em áreas que não se encontravam “dentro” do traçado retangular do plano geral da sede municipal, adentrando a área circunvizinha.

Apesar desse processo não ter ocorrido exclusivamente na década de 1990, é nesse período que foram construídos a maioria dos conjuntos, com exceção do “Jardim Ipê”, cuja inauguração ocorreu ainda em 1986.²²⁶ Esses projetos podem, também, ter colaborado para uma maior procura e valorização das áreas próximas, com seus muitos terrenos baldios. Essa ocupação mais intensiva pode ter acarretado, ainda, a diminuição das possibilidades de cultivar-se cereais e produtos de hortifruticultura, em tais locais, por famílias de trabalhadores pobres. Além disso, em meio a todo esse processo, os aluguéis também subiram de preço. Seu valor elevado, em termos regionais, acaba por ser quase que uma característica do município, cujo montante, muitas vezes, é reajustado de acordo com o salário mínimo. Não obstante, boa parte deles custam ou aproximam-se do valor de um piso salarial nacional. Glades, por sua vez, comenta que, por volta do ano de 1996, seu marido ficou desempregado e ela não teve mais condições de pagar o aluguel. Conseguiu, então, mudar-se para uma casa do Conjunto Santa Rita de Cássia, de propriedade da prefeitura municipal, onde residem gratuitamente. Entretanto, esse é um lugar estigmatizado no município de Santa Helena, sendo seus moradores alvo do preconceito de boa parte dos habitantes do restante da sede municipal. Ao que me consta,²²⁷ um dos projetos da municipalidade era a sua demolição, por encontrar-se em área de preservação ambiental, de propriedade da Itaipu Binacional, o que seria realizado após a transferência das pessoas que nele vivem para outro conjunto habitacional, em construção pelo poder público municipal.

Localizado no espaço entre o Bairro São Luiz e o “Balneário de Santa Helena”, ao observar-se o “Anexo VI – Planta da Sede Municipal de Santa Helena (Parte 2), na página 276, pode-se notar que tal conjunto sequer é mencionado na planta da sede municipal de Santa Helena. Tal local aparece como um “vazio”, como se não existissem pessoas vivendo ali, apontando para o não-reconhecimento daquela como uma área de moradia. Isso ocorre, também, com algumas ocupações não-legalizadas, parecendo compor uma

²²⁶ Tal informação, sobre o Jardim Ipê, é apontada por Colodel em um de seus artigos publicados na imprensa local. In: COLODEL, José Augusto. “Pelos ruas... ..e praças...”. op. cit. p. 7.

²²⁷ Parte dessas informações foram obtidas a partir do depoimento de Glades. Citada anteriormente. p. 11.

tentativa de produzir-se uma espécie de esquecimento sobre tais locais, como se eles nunca tivessem existido.

Em função desse preconceito, talvez, ela aponta ter encontrado uma série de dificuldades para acostumar-se com essa situação, pois não gostava de morar ali. Uma de suas expectativas, quando prestou seu depoimento, era conseguir uma casa em um conjunto habitacional que estava sendo construído em Santa Helena.

Glades, portanto, na década de 90 perdeu o direito de escolher onde morar, tendo que se submeter a viver em um dos lugares discriminados da cidade, em função da impossibilidade de pagar aluguel. Isso provavelmente influenciou muito seu depoimento, em especial no tom melancólico com que narra. Por outro lado, ao enfatizar o “sofrimento” e o “trabalho”, percebo que ela realiza um diálogo com esse preconceito. Apresenta-se, nesse sentido, como “carente”, em um certo momento de seu depoimento, estendo essa característica aos demais moradores do conjunto, procurando, assim, demonstrar a necessidade de estar residindo ali, de precisar de assistência social. O faz, entretanto, deixando claro que tal situação não decorreu de falta de esforços pessoais, mas por outras condições, como a “falta de estudo” e as dificuldades encontradas no trabalho. Além disso, enfatiza o fato de trabalhar, sendo que a assistência é apresentada por ela como algo que ajuda aliviar seus problemas.

Esse tom de perda, assim, fica restrito, em seu depoimento, apenas às transformações vivenciadas por ela no trabalho. Dessa forma, ela trata sua inserção exclusiva em atividades urbanas como uma derrota, em que ressalta o constante desemprego de seu marido e as dificuldades vividas em sua atividade de doméstica. Nesse sentido, os problemas relacionados com o pagamento do aluguel são apontados como decorrentes dos problemas vividos no trabalho e não das formas como foram implementadas certas transformações no município. Seu enredo, então, de sofrimento e perda, vividos no lugar, possivelmente está relacionado com essa necessidade de afirmar-se localmente, principalmente frente às situações em que vivia, ou seja, o desemprego e a recorrência a certas políticas assistenciais.

O tom de sua narrativa muda, assim, quando relata outros aspectos de sua vida. Isso se torna mais visível quando ela trata das mudanças ocorridas em sua alimentação. Embora afirme que ainda não seja satisfatória, Glades compreende que ocorreram melhorias, ao longo desses anos que viveu em Santa Helena. É possível notar, assim, que, apesar de suas queixas, ela conseguiu produzir novas práticas sociais, no intuito de garantir sua sobrevivência, como o acesso à assistência social (moradia sem precisar pagar aluguel e

programas sociais a que os filhos mais jovens estão vinculados) e possivelmente com o trabalho de seus filhos mais velhos, que já estavam empregados e podendo auxiliar no orçamento doméstico. Além disso, no momento da entrevista seu marido estava empregado, embora se tratasse de um serviço temporário, tal fator pode ter trazido uma certa estabilidade para Glades, naquele momento e assim ter influenciado de alguma maneira sua narrativa.

Seu tom também é diferente quando interpreta as transformações ocorridas na sede municipal. Mesmo com as perdas sofridas com o crescimento local, que não ocorreu da mesma maneira para todas as pessoas (inclusive ela), Glades afirma que prefere a Santa Helena atual, a qual contrapõe àquela que encontrou na infância, logo que chegou, caracterizada como repleta de “mato” e “quiçassa” (capinzais). Confere visibilidade a tais elementos, quando falava das dificuldades vividas por “não ter estudo”, tendo assim, ao seu ver, que se dedicar aos “serviços piores”. A impossibilidade de continuar os estudos teria origem, de acordo com a entrevistada, na decisão de seu pai em impedir que ela e as irmãs continuassem a frequentar a escola, para que pudessem trabalhar na agricultura. Desse assunto, Glades passa, então, a traçar um panorama do lugar naquele período, por volta da década de 1970:

Isso foi onde ainda. Foi aqui no Paraná já, ou foi ainda em Santa Catarina?

Aqui no Paraná foi.

Aqui no Paraná. A senhora estudava aqui na cidade mesmo?

[inaudível, parece também]

...em Santa Helena?

Aqui em Santa Helena, comecei de estudar com dez ano. Meia velha já quase [risos]. É, comecei de estudar com dez anos nós ia ali em cima, no pavilhão da igreja tinha... escolinha ali daí nós vinha ali. No meio das quiçassa [capinzais], o pai abriu uma picadinha [corredor] pra nós passar, que era mais perto daí. (...)

Vocês moravam em que lugar aqui de Santa Helena quando vocês che, quando a senhora era, ia na escola lá?

Nós morava aqui na cidade mesmo.

É?

Lá perto da Policlínica, na, pra lá nós morava, perto do Mercado Somavilla. (...) Tinha uma casa velha, esses anos atrás. E cemitério ali nem tinha quando nós viemo morar aqui. E com [quando] morreu uma pessoa ali eles abriram lá... no meio do mato e enterraram a m... a mulher que morreu. E hoje tá um baita cemitério já né.

(...)

Ah, eles constr, fizeram um, eles é, pensaram em fazer um cemitério, então, quando morreu a primeira pessoa lá.

A primeira pessoa, é, li, nós, botá... assim na carroça, a carroça ia e nós ia atrás no meio do mato. (...) Derrubaram umas árvore e fizeram a cova lá no meio do mato. Não tinha cemitério aqui.

(...)

Foi sendo [aproximado] improvisado, então?

Sim. Quem que viu Santa Helena antes e agora diz que não é o mesmo lugar.

Mudou muito, então?

Mudou bastante, nossa! Não tinha asfalto, era estrada de chão. Assim. Hospital só tinha a Policlínica ali... tinha dois mercado só esses, tempos atrás. Era até feio de ver, meu Deus! Nós reclamava quando nós viemo pra cá e que o pai trouxe nós no meio do mato, por aí [risos].

Ah [risos].

Só que eu... [difícil audição].

Vocês não gostavam...

Não gostemo. Nós tivemo que ficá, né, agüentar. Depois foi crescendo a cidade. Aumentando e agora tá... cidade bonita, né. Estou gostando, agora, daqui.

E a senhora hoje gosta daqui, então?

*Gosto. Acho que daqui eu não saio mais, não.*²²⁸

Aqui é importante notar como o depoimento de Glades emerge das possibilidades compartilhadas pelas pessoas no município. Mesmo sem participar do crescimento econômico local, a entrevistada compartilha a possibilidade de ali melhorar de vida. Aponta, a partir de seu lugar social, para a idéia de uma melhoria da sede municipal, citando como algo positivo as transformações ocorridas no lugar, como o cemitério, que recentemente havia sido reformado, destacando Santa Helena como uma “cidade bonita”. Portanto, para ela não está em questão somente “o que ocorreu”, mas o que “pode vir a ser”. Glades se vê nesse “desenvolvimento” e vê a possibilidade de também se beneficiar dele.

É possível notar, todavia, que ela não apenas espera participar das melhorias locais, mas também reivindica isso. Eu seu depoimento, a entrevistada faz questão de ressaltar sua relação com o lugar, apontando sua trajetória de vida ali. Afirma, assim, que quando passou a morar em Santa Helena, com sua família, existiam poucas casas, estando sua família entre os “primeiros” moradores do lugar, colocando-se como uma espécie de “pioneira” da sede municipal. Procura demonstrar, também, certos pontos de identificação de sua vida com lugar, por exemplo, relatando que se casou na igreja católica matriz, localizada no centro da sede municipal, quando ainda estava em construção ou que freqüentava a “escolinha” próxima do local onde atualmente fica o centro social da igreja católica matriz.

A ênfase no “mato”, nesse presenciar a transformação local, bem como no sofrimento e no trabalho, por parte de Glades, percebo, tem o intuito de afirmar sua presença em Santa Helena, colocando-se como uma pessoa importante. Ela utiliza-se assim, de elementos do pioneirismo e da memória pública do lugar para colocar-se nele a partir da antigüidade da presença de sua família ali, reivindicando, assim, o *direito* ao lugar e de participar da

²²⁸ Glades. Citada anteriormente. p. 14. Acréscimos e grifos meus.

riqueza do município. Portanto, sua narrativa possui um caráter político, que visa atender às demandas e expectativas por ela produzidas para com o lugar.

Esse viver rural, mesmo entre moradores da sede do município também é apontado por Hilário,²²⁹ 55 anos, pedreiro autônomo. Ele nasceu no Rio Grande do Sul, onde viveu apenas dois anos, quando então sua família mudou-se para São José do Cedro, Estado de Santa Catarina. Entre 1968 e o início da década de 1970, rumou para o Oeste do Paraná, onde já vivia um de seus irmãos. Sobre sua vida anterior ao Paraná, Hilário pouco fala e quando o faz, geralmente é respondendo a meus questionamentos:

Seu Hilário, lá na no Rio Grande do Sul vocês... trabalhavam na, na roça, também?

Na, na roça.

É?

Falecido pai trabalhava na roça. Tinha muita... muito pareral lá eles tinham... Colhiam... bastante... uva, né, faziam vinho e [pausa] e carneavam bastante porco, tinham bastante banha, né, tinha aqueles... tacho de... de la, de lata, de zinco acho que era, né, que eles enchiam aqueles... coisa de banha e... vinho e... era uma fra, fartura. Só que a mãe falô que o falecido pai ele era... o mais novo da família, aí ele não se interessava nunca assim... fui [foi] uma pessoa que foi esforçada pra trabalhá, né, era o mai, o nenê [filho caçula, mais jovem] da casa, daí ele era... tinha tudo [pausa] o apoio do pai e a mãe, ele saía [pausa] num ficava em casa, né. Aí a mãe falô que eles tinham tudo, tudo lá [no Estado do Rio Grande do Sul], de re, uma hora pra outra ele vendeu lá, veio morá [pausa] [tosse] comprô terra em São José do Cedro [Estado de Santa Catarina]. Daí ele colocô um homem pra... cuidá da terra, né, e construí a casa. E ele deu um cavalo encilhado, tudo pra aquele cara lá, quando o pai veio ali não tinha nada, nada [riso]. Cara... logrô o falecido pai e... e o pai ali chegô ali não tinha nada, nem casa pra morá [riso]. Fizeram tudo improvisado, assim, umas... Daí nós se criemo ali em São José do Cedro. Era bom lá de morá, tinha o pai tinha três colônia de terra [trinta alqueires paulistas]. Só que ele foi era... ele tomava, né, era uma pessoa que... tomava bastante e ele ia na... nas bodega [bar], jogava aquele... jogo do nove. É de noite ele chegava numa família, assim, e... amanhecia jogando o nove. Daí no outro dia eles vinham lá, medi um pedaço de terra e... eles eram dono da terra, aí. Falecido pai perdia no jogo, né. E de... três colônia ficô com seis alqueire no final [riso]. Daí ele vendeu aqueles seis alqueire ele veio morá pra cá [Santa Helena, Oeste do Paraná]. Só que chegô aqui tamém... tinha nada, né. (...)²³⁰

O lugar em que viveu, no Estado de Santa Catarina, emerge nas memórias de Hilário a partir das dificuldades lá encontradas. Parte delas teriam sua origem na figura do pai, que não havia sido preparado, a pretexto de ser o filho caçula, para assumir as responsabilidades de “chefe da família”, de acordo com Hilário. Outro problema está relacionado com seus vícios (bebidas alcoólicas e jogo), provavelmente interpretados pelo

²²⁹ Hilário. 55 anos. Pedreiro autônomo. Migrou para o oeste do Paraná em 1968. Entrevista realizada em 30/07/2004, sexta-feira à noite, na residência do entrevistado no Centro de Santa Helena.

²³⁰ Idem. p. 3. Acréscimos meus.

entrevistado a partir de sua trajetória posterior, dos valores e da concepção de família que possui como membro da igreja católica local e líder comunitário.

Essa “falta de preparo” de seu progenitor, para os negócios, é apontada por Hilário como algo que acabou prejudicando a sua própria educação. Reclama, assim, por seu pai não tê-lo instruído a pensar no futuro, a administrar a vida econômica. Isso fica visível quando relata sua trajetória de trabalho em Santa Catarina:

Em São José do Cedro, o senhor já che, tinha chegado a trabalhá alguma vez com construção?

Não, não.

Ou aqui foi a primera?

Só na roça. Aqui foi a primeira. São José do Cedro nós só trabalhava na roça. Eu trabalhava por dia lá mais... assim, roçá capoeirão, lá tinha capoeirão, é, capoeira. Buva. Que não tinha mato, tinha mato, mas pouco lá. Maioria era capoeirão, né, aqueles... desmataram o mato no começo e depois... virava aquele capoeirão. Daí nós chamava capoeirão. [risos]. Mas tinha... madeira grossa assim côa, talvez [às vezes] tinha que usá machado pra derrubá uma, maioria era com foice. Mas capoeira com... vassora [planta utilizada na produção artesanal de vassouras], assim, vassoral, lê, ih, nós rocemo alguma quarta de [1/4 da área de um alqueire], tera lá. A gente pegava por quarta. (...)

Ah, você pegava por quarta.

É. Eu nem me lembro mais que preço que era lá por quarta. [pausa] Oh, minha vida desde... dos doze, treze ano só foi trabalhá pros ôtro, por dia. Que eu saí [pausa] com o falecido pai era... era difícil de trabalhá, né, ele não [pausa] a gente trabalhava com o pai, mas o pai ele era a... uma pessoa que ele não... não pensava pro futuro, né. Ele colhia, se ele colhia dez saco de arroz, ele segurava... o que era pra comê, o resto ele vendia, ele. E pra nós ele nunca falô assim: “Olha, um dia vocês vão ter um pedaço de terra, um dia vocês vão ter uma família, uma casa, é” nunca ele falô isso pra nós. A gente foi crescendo sem... imaginando as coisa, mas não que... que eu vi, que eu falei assim na minha vida: “Eu vou ter um pedaço de terra pra mim, né” ou... “vou ter uma família, vou ter uma casa”, nunca eu tinha isso na cabeça. (...) E por isso que a gente tá assim hoje, né, que não tem... é difícil a gente vivê porque o falecido pai não deu apoio pra nós, né, não falô “Olha, esse aqui é pra você” [pausa] A gente trabalhava assim por... dia, mas... sem, sem pensá no que tu ia fazê. Se o falecido pai era uma pessoa que ele... falava teve... tivesse dado mais educação, ele deu, claro, né, [pausa] parte da religião foi... dá pra agradecê... de joelho a ele, né [pausa] a educação que ele deu pra nós. Só que na parte material ele não... não incentivô nada pra nós, né. (...) Ele criô os filho na educação, na fé, na, na religião só que na... na parte material ele nã [pausa] não ensinô nada, nada, nada. E assim d’eu dizê pegá... fazê por conta em casa, também não dava. Então, o único meio que nós tinha pra nós... ter um dinherinho pra í numa festa ou numa diver, divertimento tu tinha que í trabalhá por dia fora. Pra você ganhá aquele dinherinho e te comprá... bala ou uma guaraná, assim. O que tinha naquela época, lá, tinha também, né. O dia, nunca nós fomo numa festa de dizê que o falecido pai: “Olha, tá, [pausa] de [te] dô esse um real pá você í na festa”, nunca, nunca. A gente teve uma vida assim de... de escravo, bem dizê escravo de tudo, né, que não... desda ropa, do calçado no [pausa] a gente nunca tinha uma [pausa] de dizê assim que você... fosse feliz, né, que tivesse um dia feliz, que cê tinha... uma coisa pra você...”²³¹

²³¹ Idem. p. 20-22. Acréscimos meus.

O pai teria ensinado boas coisas, como os princípios da religião católica, da qual o entrevistado participa ativamente. Sendo um líder comunitário, parecia encontrar na igreja um local para sua inserção na sociedade local. Hilário procura, também, a partir da temática de seu despreparo para lidar com questões relacionadas à vida material, explicar as dificuldades que estaria vivendo no momento da entrevista, principalmente por estar insatisfeito no campo econômico.

Com relação à mudança para o Paraná, seu objetivo era trabalhar na agricultura, sem, no entanto, possuir propriedade rural. Depois de um certo tempo, seu pai também se mudou para o Município de Santa Helena, mais precisamente para o Distrito de Sub-Sede São Francisco, onde adquiriu uma pequena área de terras e onde também vivia Hilário. Por conta de suas pequenas dimensões, a propriedade não oferecia condições suficientes para que todos os filhos pudessem nela trabalhar e, assim, prover seu sustento.

Tal distrito fica localizado nas proximidades da sede municipal de Santa Helena, como fica visível no “Anexo IV – Mapa do Município de Santa Helena após o alagamento para a formação do reservatório de Itaipu e da emancipação do Distrito de São José”, na página 273. Conforme aponta Hilário, ele morou inicialmente naquele local, mudando-se, após se casar, para os arredores da sede municipal. Ela apresentava-se, ainda naquele período, como o núcleo do município, onde se localizava a maior parte dos estabelecimentos comerciais, industriais, financeiros e burocráticos de Santa Helena. Em suas proximidades também existiam muitas propriedades rurais, que ofereciam oportunidades de trabalho para diaristas do campo. Nessa trajetória de mudança de local de moradia, o entrevistado alternava atividades rurais com outras de caráter mais urbano e em alguns casos desempenhava ambas concomitantemente, conforme destaca:

E... o senhor veio morá pra cá junto com o seu pai ou o senhor já chegou antes?

Eu vim...

[aproximado: “aqui?”]

...antes.

Antes.

Eu vim antes trabalhá com o meu irmão, né. Trabalhava por dia ali. No fim eu fiquei... trabalhando por mês na casa [omitido pelo autor], não sei se tu conhece?

Não, não cheguei a conhecê.

O pai do chi, do [omitido pelo autor] e do... [omitido pelo autor], acho que chamam ele. Trabalhei acho que um ano e meio lá. Daí o falecido pai veio pra cá morá. Daí, eu terminei de... de... trabalhá lá no... no [omitido pelo autor] daí eu fui junto com o pai trab[alhar], em casa, né, daí comecei a trabalhá na olaria [indústria de cerâmica], daí eu casei. Depois que eu casei vim morá em Santa Helena, daí. Junto com o sogro. E de, daí o sogro... não tinha poca tera [terra],

né, não tinha... não tinha lugar pra morá, fui trabalhá de... na serraria. Lá na, onde que era o... a [omitido pelo autor], antigamente.

Zonta [fala da esposa de Hilário].

Zonta.

Uhum.

Era uma fita de... ma, uma maderera, né, compravam madeira e faziam... tudo tipo de madeira beneficiada, [inaudível, parece ser “ripamento, enquadrá”], e exportavam pra... São Paulo, pra longe. E daí veio o Lago de Itaipu, acabou. Acabô a madeira, acabou tudo. Eles venderam a fita, foram pro Mato Grosso e nós ficuemo aqui. Era pra mim í junto pro Mato Grosso. Nós. Mas a proposta do patrão foi muito... talvez era bom naquela época, né, mas pra nós era ruim. Que depois que acabou a... [tosse] a fita ali da, da maderera, né, nós foi trabalhá na [nome de cooperativa omitido pelo autor], né. Em oitenta. Setenta e Sete.

E nove [fala da esposa de Hilário].

Setenta e nove eu fui trabalhá na [nome de cooperativa omitido pelo autor]. Trabalhei um ano e meio na [nome de cooperativa local omitido pelo autor] [pausa] Hum [pausa] de pião [peão, utiliza como sinônimo de empregado]. Só que lá era sofrido naquela época, e não tinha o lago ainda de Itaipu, né, e daí foi a maior safra que deu em Santa Helena de soja. Foi colhido setecentos mil saco de soja. Os granelero ali, os... coisa tava tudo cheio, cheio. Eu cuidava o carrinho onde que... conforme que, que chegava o soja, eu... ia levando o carinho pra enchê os... os silo lá, os... onde que era o depósito. Aquilo tava tudo cheio, cheio, cheio de soja. E daí veio o lago... acabou com os coloniaiada [refere-se aos agricultores], né, foram tudo embora. Uns foram pro Mato Grosso, otros foram pra... sei lá pra ondê que se esperramaram tudo.

Tem uns que tão em Pitanga [fala da esposa de Hilário].

Ali onde que eu morava ali embaixo junto com o falecido sogro tinha tudo colono forte [agricultores abastados], né, foram embora tudo. Foi indenizado, perdero quase tudo a terra. E de lá pra cá... foi cada vez mais difícil. É acabou o serviço da roça, daí veio o Lago de Itaipu e [pausa] maioria foram indenizado. [riso] Não tinha mais serviço. Aí se obriguemo assim í morá na cidade, trabalhá... servicinho aqui, otro ali.²³²

Durante o processo de entrevista, Dona Noemi, esposa de Hilário, contribuiu ativamente. Percebi que, além de ser prestativa, ela também reivindicava um espaço para divulgar suas memórias. Tomava como base para isso o fato de ter se mudado para Santa Helena quando ainda era criança, junto de sua família, em 1962. Identificava-se como membro de uma das “primeiras famílias” que haviam rumado para a sede do município. Por isso, talvez, julgava-se “mais apta” a responder certas questões, por ter acompanhado o processo de “colonização”, tão celebrado na memória pública local.

Com relação à passagem reproduzida anteriormente, é importante perceber que mesmo antes da construção do reservatório de Itaipu, ocorrida em 1982, Hilário já atuava na sede municipal em atividades não-rurais, como na serraria e na cooperativa, embora na maioria desses períodos continuasse morando na propriedade rural de seus sogros, com exceção de quando trabalhou na serraria. No entanto, em suas memórias, tal evento torna-

²³² Idem. pp. 4-6. Acréscimos meus.

se um marco para sua mudança definitiva para a sede do município, como local de moradia e trabalho, reconhecida por ele como “cidade”.

Ele toma Itaipu, também, como um marco de decadência, no qual enquadra a falência das atividades produtivas locais, como a agricultura e a serraria em que trabalhava que, no entanto, já havia fechado mesmo antes do alagamento, conforme aponta Hilário, em função de um incêndio que a teria destruído. A construção da usina, na narrativa do entrevistado, acaba por ser tratado também como um marco de decadência de sua própria vida, uma vez que reconhece em Itaipu a origem das dificuldades vividas também no trabalho, como ter que deixar o emprego na serraria e ir trabalhar na cooperativa, acabando por não compreender sua atividade de pedreiro autônomo como trabalho, mas como “servicinhos”, de maneira semelhante ao reconhecimento conferido por Glades ao trabalho urbano.

O desenvolvimento de atividades ligadas à construção civil não foi empreendido por Hilário apenas depois de mudar-se para a sede do Município de Santa Helena. Conforme aponta, já havia atuado nesse setor antes, ainda quando morava no Distrito de Sub-Sede São Francisco:

Seu Hilário, o senhor podia falar um pouco como é que o senhor começou a trabalhá, então, como pedreiro, né, faz mais de vinte anos, como é que o senhor começou, entrô nessa atividade?

Olha, eu comecei a trabalhá, eu trabalhava na firma, lá, na, na, na fita lá, na [nome de serraria omitido pelo autor]. E daí eu tinha o... meu cunhado que ele... ele saiu da firma, ele começou a trabalhá de pedreiro, de servente, com o... com esse [nome de construtor omitido pelo autor]. Daí eu entrei de férias na... na fita [serraria] lá, na firma que eu trabalhava igual é, sem cartera assinada, né, eu trabalhava assim por... por mês, mas sem cartera assinada. E daí eu ganhei férias aí eu comecei a trabalhá com o [nome de construtor omitido pelo autor] como servente. Mas eu já sabia um pôco, trabalhá de servente. E quando que eu morava em [Distrito de] Sub-Sede [São Francisco] eu... trabalhei de servente lá com... os construtor que tinha de lá, né. E assim eu comecei a trabalhá de servente e foi indo... aprendi muito com o [nome de construtor omitido pelo autor], né. Até que eu fiquei profissional, né, comecei a trabalhá por conta. Hã [riso]. E tô trabalhando por conta até hoje. Trabalhei uns... mês nas firma, né, assim, na firma aqui outro ali. E maioria eu trabalhei [pausa] por conta, assim. Sem pagá nada, sem... pagá o INPS [INSS], nada.²³³

Em outro momento de seu depoimento, afirmou que quando ainda morava no sítio de seu sogro, vinha para a sede municipal trabalhar como pedreiro. A mudança de local de moradia teria sido motivada mais pelo retorno do cunhado, que até então vivia no Estado de Mato Grosso. Na pequena propriedade de seu sogro, onde já não existiam condições para que Hilário provesse totalmente seu sustento, não existiriam condições de todos

²³³ Idem. pp. 7-8. Acréscimos meus.

permanecer morando. Foi quando o entrevistado começou a se preocupar em comprar um terreno e construir uma casa na sede do município.

Todavia, percebo em sua narrativa, principalmente no final da década de 70 e início de 80, que era considerado *trabalho* as atividades rurais, mesmo que irregulares, ou os serviços que fossem contínuos, os empregos, como o que Hilário possuía na serraria. Possivelmente, o trabalho na construção civil fosse mais restrito nesse período ou, pelo menos, não possuía o mesmo valor que lhe é atribuído em períodos mais recentes. Ele, por sua vez, parecia preferir aquelas atividades a ser pedreiro e é bem provável que por isso demorou a dedicar-se exclusivamente a esse setor. Como aponta, havia experimentado tal ofício quando morava num dos distritos do município e após, nas férias do trabalho na serraria. Noto, porém, que costumava abandoná-lo para assumir outras atividades, como o emprego na cooperativa. Ao que me parece, trabalhar como pedreiro, então, foi uma alternativa encontrada por Hilário para sobreviver e permanecer no município, não existindo muitas expectativas quanto à sua profissionalização no setor.

Em suas memórias desse período, final da década de 70 e início de 80, também apresenta um pouco das maneiras de viver que constituía na sede municipal:

É... seu Hilário, e... [pausa] vocês então nessa época, vocês vieram morá pra cidade, então, vocês, como é que foi?, no início vocês costumavam a í comprá coisas no mercado, também, como é que era logo aqui? Isso é que eu tenho uma curiosidade de sabê, né, se o pessoal aqui tinha costume de... de tê horta, ainda, se tinha lote vazio dava pra plantá... ou se já... nesse início também já tinha que í pro mercado comprá as coisas...

Ah, nós sempre compramo no mercado. Desde que eu foi [fui] morá... trabalhá de [pausa] de peão [de empregado], assim, sempre... a gente comprava no mercado. E depois que nós viemo morá aqui no lote, na... que eu tinha, aqui, nós plantava de tudo aqui no lote. Mandioca e... até na rua, ali, a gente plantava tuda a rua. Plantava milho, na rua ali, batata.

[sobreposto audível] Vassora [esposa de Hilário].

Mindoim [amendoim].

Vassora [esposa de Hilário].

Ah, vassora.

[inaudível] Eu disse, mais de ano [esposa de Hilário].

I...

[inaudível] limpava a... casa, assim, mandioca, batata, amendoim, tudo, o que dava a gente plantava. [esposa de Hilário].

Só que depois que veio os... que cidade começô a crescê, eles começaram a proibi, né, não podia mais plantá e... veio arrumando, veio o asfalto. E num... pedacinho de, de lote aqui nós demo mandioca até pros outro, porque sempre temo... Aqui no lote tem de tudo, tem fruta, tem... mandioca, tem... as... chá de tudo quanto é tipo a gente planta.

Aqui nesse lote.

É, no meu lote. Aqui.

[inaudível]

*É pequeno, mas... dá pra plantá [pausa] muita coisa. Só a gente querê. Verdura.*²³⁴

Como é possível notar, apesar de ter passado a viver na sede do município, o modo de vida de Hilário e sua esposa, assim como possivelmente de outros tantos trabalhadores, era tipicamente rural. Procuravam reproduzir nesse local o hábito de manter plantações de produtos para consumo próprio. Nessa prática, ocupavam até o espaço da rua, o que evidencia que tais trabalhadores não constituíam na sede municipal um *viver urbano*, que se opusesse ao modo de vida rural.

Mais do que isso, em outro momento de seu depoimento, Hilário afirmou que o asfaltamento da rua em que vivia ocorreu um mês após ter se mudado para a sede municipal. Portanto, mesmo quando morava na propriedade de seu sogro, ele e a esposa já utilizavam o terreno da sede municipal antes de construírem a casa, para cultivar aquilo que necessitavam. Isso me leva a pensar que em certas situações o viver em Santa Helena era praticamente *rural*, independentemente do local do município em que as pessoas viviam.

Entretanto, tais práticas iam contra o projeto “urbanizador” construído pela administração municipal de então, que visava o asfaltamento de certas ruas da sede, entre elas, a que Hilário vivia. Em outro momento de seu depoimento, quando narrou as dificuldades vivenciadas para construir sua casa, Hilário já tinha apontado algumas dificuldades enfrentadas em virtude de tais processos de implementação de “melhorias urbanas”: *“E daí quando que veio o asfalto, daí nós se apuremo. Tá loco! Que era por... prestação, né, cê tinha que pagá por mês, se tu não pagava [pausa] certo, daí eles aumentava [pausa] a prestação. Mas foi difícil. Mas graças a Deus conseguimos pagá... o asfalto, pagá tudo, né, e fiquemo, morando aqui [riso]. Até agora dá até hoje. Só que foi [pausa] foi sofrido pra nós consegui.”*²³⁵

O entrevistado apresenta, dessa forma, uma outra memória do “desenvolvimento” e do “crescimento” de Santa Helena. Ela, por sua vez, difere de outras, como a de Glades, pois, enquanto ela trata o lugar como um contínuo de melhoria, ele o caracteriza pelo viés da decadência, tomando como marco a construção de Itaipu. Essa outra memória, no entanto, não se contrapõe de maneira efetiva aos atos do poder público local daquele período. Também não significa que Hilário não tenha gostado de certas obras, como o asfaltamento da rua de sua residência. Apontam para o não reconhecer-se dele naquela

²³⁴ Idem. pp. 26-7. Acréscimos meus.

²³⁵ Idem. p. 10. Acréscimos meus. Fragmento da resposta à questão: “É, seu Hilário, o senhor veio morá aqui na cidade, faz quanto tempo?”.

memória pública do município, aproximando-se, a partir de suas referências sociais e culturais, mais das lembranças que tratam Itaipu como um marco de decadência local.

Em seu depoimento, porém, tal imagem de decadência é mais profunda e abrange inclusive os períodos mais atuais do município. Ao mesmo tempo, projeta esse olhar um tanto pessimista sobre sua própria vida no lugar, como quando trata do lazer:

(...) Porque... assim, antes, na, na roça sentia livre, né, na... tu ia [pausa] jogá bola, se diverti, tu ia... visitá os vizinho, os amigo, né, depois que viemo na cidade, só trabalhá. Daí a gente trabalhava, trabalhava até, até nos domingo, né, pra gente podê vencê. E... a.... divertimento acabô, daí. Aí o... não fui mais jogá bola, não fui mais... a gente não ia mais... visitá os amigo, né [pausa] assim a... a vida da gente... assim, deu uma parada, né. Que primero tu, tu vivia... assim: alegre, fora, né, se diver, se divertindo, de repente na cidade [pausa] é deu assim, que nem uma [pausa] foi um [pausa] que nem uma gaiola, né [risos].²³⁶

Hilário torna Itaipu, como apontei anteriormente, não somente um marco de decadência local, mas também pessoal, por também ter sido responsável por sua mudança para a sede municipal, em virtude do fim do trabalho no campo como não-proprietário. Hilário constitui, assim, uma delimitação entre rural e urbano, apresentando a moradia na sede de Santa Helena e o trabalho como pedreiro enquanto definidores de uma passagem do campo para a cidade. Junto a isso, destaca sua insatisfação para com os elementos que caracterizariam o “urbano”, compreendendo-no enquanto perda de *direitos*, como o lazer e o convívio em sociedade.

Projeta sobre a “cidade” e “Itaipu” as tensões vividas no passado e frustrações nutridas para com a vida que levava no momento da entrevista. Dessa forma, as localiza não em uma perspectiva de classe, mas em um processo mais geral, que seria de crise do setor produtivo local, do qual resultaria essa decadência, do próprio lugar, como um todo. Hilário estabelece, assim, por meio de sua narrativa, a noção de um vínculo entre as classes sociais, em que boa parte das dificuldades vividas pelos trabalhadores resultariam dessa crise, que atingiria a todos.

Hilário recorre à memória de Itaipu, e nem tanto à “mecanização agrícola”, para explicar as dificuldades vividas em sua trajetória. Ao mesmo tempo em que constitui esse desencanto para com o urbano, ele também parece produzir um outro movimento em que romantiza a vida do campo, silenciando as tensões lá experimentadas, como aquelas

²³⁶ Idem. p. 32. Acréscimos meus. Fragmento da resposta à questão: “(...) gostaria de perguntá pro senhor se o senhor estranhou alguma, coisa, quando você veio morá aqui pro município de Santa Helena, ou mesmo depois, quando o senhor veio aqui pra cidade? Como é que foi a sua adaptação aqui?”.

apresentadas sobre a relação estabelecida com o pai, que centralizava as atividades financeiras da família.

Percebo, além disso, que existe um caráter político subjacente a essa frustração de Hilário com o lugar. Desde o início de seu depoimento, o entrevistado parece querer apresentar as razões pelas quais não seria bem-sucedido financeiramente, como foi possível notar, destacando que isso decorreu de fatores alheios à sua vontade.

Ao situar a origem de seus problemas nessa espécie de “passagem do campo para a cidade”, decorrido do processo de construção de Itaipu, parece querer dar a entender que tal decisão era inevitável. Recorre, portanto, à noção de que teria sido “expulso” do campo, tal qual costuma-se apresentar, em certas versões da memória pública, os agricultores desapropriados. Visa, assim, também se afirmar politicamente no local, no intuito de construir a legitimidade de suas demandas.

Suas reivindicações parecem estar na origem de suas frustrações. No momento da entrevista, Hilário não estava conseguindo realizar uma de suas expectativas: trabalhar em uma construtora com registro em carteira de trabalho. Apontava, ainda, o fato de não ter contribuído com o INSS (Instituto Nacional do Seguro Social), durante os muitos anos em que atuou como autônomo, preocupando-se, assim, com a aposentadoria, benefício a que não teria direito.

Apesar de viver em um local rico, e de muitos investimentos municipais serem realizados em obras de infra-estrutura, ele não conseguia participar desse “desenvolvimento”, da maneira que desejava. A partir disso, situa sua trajetória em um quadro mais amplo de decadência, que acaba por estender a todo o município. É como se o próprio lugar resultasse de um destino frustrado, construído a partir de seu desencanto, inexistindo para além dos significados constituídos por Hilário sobre Santa Helena.

Nem todos os trabalhadores locais, no entanto, vivenciaram a profissionalização no trabalho urbano de maneira negativa, como é o caso de Juarez,²³⁷ 27 anos, eletricista. Filho de sergipanos, nasceu no Município de Matelândia, Oeste do Paraná. Ainda antes de completar um ano de idade mudou-se com a família para o Leste do Paraguai. Entre as expectativas da família estavam a conquista de uma propriedade rural no outro país, onde tal empreendimento seria realizado com mais facilidade. Inicialmente trabalharam na

²³⁷ Juarez. 27 anos. Eletricista. Nascido na região, mudou-se ainda antes de completar um ano de idade para o Leste do Paraguai, local do qual retornou em 1990. Entrevista realizada em 11/07/2004, domingo à tarde, na residência do entrevistado, Conjunto Padre Martinho.

agricultura, morando em Vila Procópio, localidade que faz fronteira fluvial²³⁸ com Santa Helena. Sua família, entretanto, transitou por diversas localidades daquele país, atuando também em atividades comerciais:

Então, quando tua mãe veio morar pra cá, então, veio de, resolveu vim pra cá...

Uhum.

...né, então, teu pai já trabalhava, então... com o... com o comércio na vila [Procópio].

Exatamente. Ó, na verdade, assim a, o... meu pai, assim, ele... f, é... batia muito a cabeça, sabe, fazia muitos negócios, assim, ele não tinha uma meta, assim, uma única meta e tentar alcançar, ele mudava de idéia com muita facilidade. É... por exemplo, assim, ó, a gente tinha um comércio... é... daí, antes da minha mãe vim pra cá, ele resolveu... parar, o comércio e resolveu mudar pra uma outra cidade, chamada Hernandárias, né, fica perto de Cidade de Leste [Ciudad del Este]. Daí lá, lá ele foi assim sem... sem nenhum objetivo, assim, no que trabalhar, assim, nedeu [vendeu], s...só alugou a casa, né, é, vendeu o estabelecimento], ao... as mercadorias e alugou a casa, lá, que a gente morava. Daí fomos pra Hernandárias, chegamos lá ele [pausa] resolveu vender... pipoca na, na praça, comprou um carrinho, lá, e resolveu vender pipoca, daí viu que não dava, daí resolveu [pausa] ir pra Cidade de Leste vender frutas, lá, e... a gente ia junto, Cidade de Leste, lá, só que a gente num... num vendia, a gente só acompanhava ele, né, e daí, daí viu que não estava dando certo, voltou de novo pra... pra esse mesmo [Vila] Procópio que a gente morava, onde a gente tinha esse, esse... estabelecimento, voltou pra lá e daí foi quando meu irmão ficou doente. É... daí nessa época minha mãe veio, veio tratar, tratar ele aqui, né, daí foi onde a gente, acabou... tendo a oportunidade de vim pro Brasil, eu sempre sonhava em vim morar pro Brasil. Que tinha uns... a gente tinha uns amigo, umas pessoa, não era amigo meu, umas pessoas que ia pra lá, e... pra visitar uma mulher que tinha uma farmácia, né, a nossa vizinha, daí... ia o... os netos dela, assim, tinha mais ou menos uns seis anos de idade, eles já liam, já, nós pegava papelzinho de bala, mandava eles ler pra ver se eles... conseguiam ler, eles liam, a gente pegava p, daí a gente ficava: “poa”, empolgado, né, “olha: desse tamanho sabe ler” e, a gente da, a gente que a gente tinha de vim pro Brasil era mais por causa dessa, tentar... mudar, né. Não conhecia o asfalto, a [querendo rir] minha mãe quando veio pro Brasil, falava assim: “Ó, o asfalto é lisinho, o asfalto é, mesma coisa dum ferro de passar roupa”, porquê lá o ferro de passar é... ferro com brasa dentro, né. Assim, ó, assim, ó, vira o ferro, assim, a parte d, lisa do ferro é igual o asfalto, [querendo rir] ela falava, [parece ser “nós:”] “puxa, mas que coisa interessante”. Daí ela falava: “lá os carro anda super rápido no asfalto, tem que cuidar quando atravessa a rua”, daí a gente ficava com aquela curiosidade, né, de vim pra cá, [parece ser “porque”] tudo é novidade, e... até que... [risos] acabamos vindo aí...²³⁹

É possível notar que Juarez projeta sobre o Leste do Paraguai uma imagem de “atraso”. Em seu contato com vários centros urbanos daquele país, em especial *Ciudad del Este*, a segunda maior do país, é de se duvidar que ele não teria conhecido o asfalto antes

²³⁸ Apesar do reservatório de Itaipu formar a fronteira, costuma-se empregar o termo fluvial, em virtude do lago artificial dessa usina ter sido originado com o represamento das águas do Rio Paraná.

²³⁹ Juarez. Citado anteriormente. pp. 19-20. Acréscimos meus.

de mudar-se para Santa Helena. Ao mesmo tempo, a alfabetização dos netos de uma vizinha parece compor um símbolo de “desenvolvimento”, projetado sobre o Brasil, em contraposição à condição de analfabetismo em que ele e seus irmãos se encontravam.

O Paraguai, por sua vez, surge, em seu depoimento, a partir das dificuldades lá encontradas. Elas aparecem principalmente a partir do trabalho extenuante lá desenvolvido quando ainda era criança e adolescente:

Vocês plantavam, então, hortelã?

É, a gente plantava hortelã. E... na verdade, assim, ó, o meu, meu pai sempre teve uma idéia, é... sempre teve vontade de tentar se isolar, sabe, da... do, das modernidade, assim, sempre queria ir para um lugar mais isolado. Por isso que resolveram ir para o Paraguai. Daí a gente, lá, igual eu falei pra você que lá, a gente... é... plantava hortelã e daí você via uma terra lá, assim, [inaudível, parece ser “por”] você podia ir lá e... é, roçar o mato e... l, limpar ela e podia plantar, né, tinha muita terra pra pouca gente. A gente mexia, com esse tipo de plantio, plantio de hortelã, e... eu e meus irmão, minhas irmã, a gente trabalhava, direto na lavoura, né, e... passamos por momentos lá difícil, assim, financeiramente, na alimentação, péssima, sabe, alimentação, assim, era terrível [pausa] a... me lembro que, a gente ia trabalhar, e daí minha mãe pegava... ia levar, alimentos pra n, a hora do almoço, ela ia levar comida, e daí existia um... um, umas latas, lata de leite ninho, lei, leite em pó, né, daí era, a ge, a comida da gente era, servida naquelas lata, lá. E daí, quando a gente ia almoçar, eu me, a gente ia abrir aquilo lá, a gente via arroz, né, a gente ficava empolgado: “ô, tem arroz, não sei o quê, não sei o quê”, daí a gente comia um pouco, daí quando a gente via por baixo tinha milho, sabe, aqueles, pessoal lá... quebrava milho, assim, em pilão que eles falavam, socava e... daí lavava, saía aquela ca, aquela capa, aquele fare[lo], a capinha do milho e daí cozinhava aquilo lá. E... daí a gente a... por isso que.. eu tenho mais dois irmão, que já... nasc[eram], vieram pro Brasil cuns... três anos de idade, e a estatura física dele, é bem maior do que a minha, né, porque... a alimentação deles é... melhor. Daí, na fase, que era pra mim se [me] desenvolver, que eu precisava de vitaminas pra se [me] desenvolver, a gente tava lá, trabalhando, se alimentando mal, né, morando mal, em casas... feita de... madeira, coberta com folha tipo de sapé, aquelas... cobertura, terrível, né, e... por isso que a gente não se desenvolveu, por exemplo, e daí... ficamos lá onze anos, onze, onze pra doze anos, nessa... nessa luta, aí.²⁴⁰

O Paraguai, desse modo, aparece como um lugar de degradação, materializado, no depoimento, na alimentação de baixa qualidade, que levava as crianças a ter uma má formação física. Em outro momento, ele destaca ainda que os paraguaios não gostavam de brasileiros. Mesmo em se tratando de amigos, era necessário tomar cuidado com eles. Projeta, portanto, um olhar pejorativo também sobre as pessoas que lá viviam, ressaltando sua não-identificação com aquele lugar.

De maneira semelhante a Paulo, que por sinal é seu amigo, Juarez também apresenta suas memórias no intuito de demonstrar o quão inviável e insuportável era viver no país

²⁴⁰ Idem. pp. 16-17. Acréscimos meus.

vizinho. Ele também parece sentir a necessidade de afirmar sua presença no Oeste do Paraná a partir desse olhar negativo lançado sobre o Leste do Paraguai. Em sua trajetória, tal caráter pode ter ficado ainda mais presente em virtude da forma como sua família viabilizou a mudança para Santa Helena, em fins da década de 1980, conforme relata:

[Sugestão realizada após o entrevistado “perder-se” no relato] Se quiser passar já pra parte que você veio morar pra cá.

Ah, tá, beleza, então tá, daí, é, o meu irmão, o Mauro, é... trabalha [hoje] com o Paulo, ele ficou doente, né, ele tinha um problema de reumatismo. Daí... ele veio se tratar, aqui no Brasil e... na casa da Dona [omitido pelo autor], uma mulher que tinha uma farmácia no Paraguai. E a minha mãe sempre vinha ver ele, porque... como o problema dele era meio grave, e daí ele teve que ficar pra fazer um tratamento aqui no Brasil, né, não podia... voltar pra lá, porque se chegasse a fic, piorar, daí não tinha como... transportar ele urgente aqui pro Brasil. E... daí, be, bem na época, tava fazendo o... o mutirão [conjunto habitacional], porque o mutirão de baixo [Conjunto Tiradentes], ali, daí o pessoal tava fazendo inscrição pra quem precisava, é... quem quisesse ter casas, né, e... só que essas casas só era dada pras pessoa que morava aqui no Brasil. Daí a dona [omitido pelo autor], que é uma mulher legal, o f... falou pra minha mãe: “Ó, por quê que a senhora não faz a inscrição?”, daí minha mãe falou assim: “Não, não posso fazer porque eu... moro no Paraguai”, daí ela falou: “Não, vamos falar que a senhora mora na minha casa, lá, e... e... se eles precisar ver se a senhora realmente mora lá, a gente monta alguma coisa, fala que é sua a mudança” e daí fez a, fizeram assim, daí ela fez a inscrição, o pessoal foram lá, vir, é, ver se ela morava no Brasil, fizeram uma vistoria, morava. E meu pai no início foi contra, que o pai não queria vir pro Brasil, né, e... daí... acabou... pagando alguém pra... construir a casa dura, durante um certo tempo. E... até que daí uma irmã minha que, tava lá, resolveu vim pra cá e terminou de construir, construir a casa, né. Daí em oitenta e nove, oitenta e nove... veio minha mãe com os meu irmão, morar aqui no Brasil. Nessa casa. E... eu fiquei no Paraguai, que a gente tinha plantação, lá, eu vim um ano depois, né... Eu vinha passear aqui em oitenta e nove, daí mil novecentos e noventa... eu vim... morá pra cá também. Seria isso. (...) ²⁴¹

A mãe de Juarez, dessa forma, acompanhava seu irmão mais velho, que estava no Brasil, na casa de amigos, por necessitar de tratamento médico contínuo.²⁴² Contando com a solidariedade da amiga e ex-moradora de Vila Procópio, disputou uma casa no conjunto habitacional que ia ser construído em regime de mutirão em Santa Helena. Mesmo sem ter direito legal a esse benefício, de acordo com as normas que estabeleciam a distribuição das casas, ela improvisou meios para realizar a expectativa de mudar-se do país vizinho. Mesmo assim, conforme aponta Juarez, as dificuldades não cessaram com a mudança, tendo a família que se deparar com toda uma situação de pobreza e improvisar sua sobrevivência no novo lugar.

²⁴¹ Idem. pp. 1-2. Acréscimos meus.

²⁴² No Leste do Paraguai o tratamento médico é mais restrito, sendo os hospitais situados geralmente em centros maiores, não existindo, também, serviços de saúde públicos e gratuitos.

O entrevistado, no entanto, não acompanhou sua mãe de imediato. Ficou trabalhando por mais um ano no Paraguai, junto de seu pai. Existiu, nessa decisão de mudar-se, uma tensão entre seu pai e sua mãe, pois ambos não estavam de acordo em tomar tal atitude. A família reuniu-se novamente em 1990, quando seu pai desistiu de permanecer no Paraguai.

Logo que rumou para Santa Helena, ainda na adolescência, Juarez passou a trabalhar em diversas atividades. Aponta, então, para a necessidade de ajudar a sustentar a família, mesmo que para isso tivesse que prejudicar os estudos. Nos serviços que desenvolvia, também alternava ofícios rurais e urbanos, conforme aponta:

Isto, e... e, o seu primeiro emprego, então foi como, f, aqui na cidade...

Aqui na cidade?

...foi como... isso?

É... o primeiro emprego aqui na cidade foi numa chácara, daí que eu fui trabalhar numa chácara, né, era onde eu fazia esses serviços gerais, assim, carpia... é... carpia lote, cuidava da horta, cuidava da criação, né, é... passava veneno, foi um serviço ge, é na o, na lavoura, mesmo. Meu primeiro serviço foi esse, foi de, é... foi durante um ano, mais ou menos, um ano e meio, eu trabalhei nessa chácara, fazendo esse tipo de serviço, assim.²⁴³

Depois da chácara, Juarez passou a atuar junto à construção civil. Já havia experimentado esse tipo de trabalho durante a edificação do conjunto habitacional onde vivia. Apesar disso, de maneira diversa a muitos trabalhadores de Santa Helena, ele não seguiu profissionalizando-se na construção civil.

Depois de um certo tempo, foi trabalhar novamente em uma chácara, cujo dono estava doente e necessitava de ajuda. Outro chacareiro local, patrão da irmã de Juarez, tinha um filho que era proprietário de uma empresa que atuava no ramo de materiais e instalações elétricas. Nela, conseguiu uma vaga para Juarez trabalhar, como o entrevistado logo frisa na parte inicial de seu depoimento:

E... daí, e, eu, como eu trabalhava nessa chácara desse senhor ali, chamado [nome omitido pelo autor], daí, para o lado de baixo tinha um o, uma outra chácara, daí era do... nono [vovô, sobrenome omitido pelo autor], né. É o pai do [sobrenome omitido pelo autor], a, daí ele [o vovô] sempre me via... é, trabalhando para o lado de cima, daí ele falou pro [filho, sobrenome omitido pelo autor]: “Ó, porque você não pega aquele rapaz pra trabalhar com parte elétrica, né”, daí ele [o filho, proprietário da empresa] “Não, mas não estamos precisando, no momento”, daí o... o... o nono [vovô, sobrenome omitido pelo autor] insistia, até que ele [o filho, proprietário da empresa] me pegou pra trabalhar com parte elétrica, assim. E... daí no início, fazia serviços gerais, é... trabalhei uns dois, um ano mais ou menos, um ano e meio fazendo serviços gerais e até que fui aprendendo a profissão, né, e... daí o rapaz, filho do [sobrenome omitido pelo autor] viu que eu, s... era um... tinha um pouco de interesse e esforçado,

²⁴³ Juarez. Citado anteriormente. pp. 3-4.

trabalhava durante o dia, na loja normal, daí eles faziam montagem de painéis à noite, sabe, pra... macionamento de motores, isso e aquilo, daí... eu chegava em casa, tomava banho e... nesse período que eu não ia na aula, daí eu tinha parado de estudar, daí eu ia à noite lá, ajudar eles, sem cobrar nada. Sabe, mais pra mim aprender, ver eles montando e aprender. Daí... como ele viu que eu tinha interesse daí o... o Senai [Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial] resolveu fazer um curso aqui em Santa Helena pra... os eletricitista. Nesse curso, todos os eletricitista da cidade resolveram participar, né, e daí eu, ele [o patrão] me pagou pra mim fazer esse curso aí. Que era instalações residenciais. Daí eu fiz esse curso... é... aprofundei, comecei aprender... a profissão, daí demorou mais uns se, o curso tinha duração de seis meses. É... daí passei nesse curso aí... daí logo em seguida teve o... o curso... pré, é, predial, né. Predial e industrial, que seria o... o segundo curso pelo Senai. Ele pagou pra mim fazer também. Daí eu fiz esse curso aí, daí eu consegui pegar... um pouco a profissão, aí.²⁴⁴

Juarez segue apresentando os cursos profissionalizantes que fez e o ingresso no curso superior de eletromecânica, no CEFET – Medianeira (Centro Federal de Educação Tecnológica de Medianeira, município próximo a Santa Helena, no Oeste do Paraná), o qual não pôde concluir. Em seu depoimento, ele relata em detalhes seu empenho para aprender a profissão e as atividades que realiza no trabalho como eletricitista.

De uma maneira geral, o aprendizado, inclusive escolar, ocupa grande espaço no depoimento de Juarez. Quando relatou sobre sua vida no Paraguai, como foi possível observar em uma das citações anteriores, ele logo enfatizou sua então condição de analfabeto. Apontava uma possível expectativa de aprender a ler, capacidade admirada nos netos de uma vizinha, também moradora de Vila Procópio, que estavam vivendo no Brasil. Ao relatar a mudança para o Brasil, ele imediatamente passou a falar da vida escolar, apresentando sua trajetória daquele período por meio das escolas em que estudou. Afirmou, ainda, que ele e seus irmãos sentiam-se constrangidos por ter que estudar as séries iniciais com crianças bem mais jovens:

*É... eu queria que você falasse um pouquinho, também, é... sobre... sobre logo que você veio morar cá, então,
Uhum.
você comentou um pouco,
Ah, tá.
é... você foi estudar na escola Inês Mocelin, então,
hu.
você foi na... na primeira série, com onze anos, você foi na, na classe... como é que era, você era na ma na classe junto com as outras crianças, aqui, com onze anos de idade...
Exatamente, né.
[sobrepuesto inaudível, apenas expressão]
Quando eu cheguei, eu ia, estudava na parte da manhã, daí eu ia na, na, nas primeira normal, né, só que... aqui no Brasil, o ritmo das, das pessoas daqui é*

²⁴⁴ Idem. pp. 2-3. Acréscimos meus.

outro. A criança nasce, vai pra creche, depois faz pré um, pré dois, pré três, e daí já come, entra na primeira série, né, que é o caso do meu filho, por exemplo, hoje, hoje ele tá, tá com oito anos, e está na segunda série, né, e... está mais ou menos, e, eu quando cheguei tinha onze pra doze anos e... daí eu entrei na primeira série, e... meu filho por exemplo, ele t[á] com oito anos, ele já sabe escrever, sabe ler, e eu, eu entre[i] sem saber nada disso ... né, e... por isso, a minha dificuldade maior foi essa, além de... ser grande, já era um... motivo meio de constrangimento, assim, o, o fato de morar no Paraguai, já não tem um... não é aquela convivência com bastante pessoas, né, [parece ser “lá vivia”] meio, isolado, lá o... uma casa é... uma distância enorme, uma casa da outra, né, e... e você vê pessoas dife, você quase não vê pessoas diferentes, você... tem teus vizinhos que moram na região lá e... pronto. Teu... mundo é pequenininho, chega aqui tu vê pessoas diferente e, é... vai numa sala de aula, por exemplo, a gente ficava constrangido, é, eu e meus irmão, né, ficava constrangido, e... até aprender ler, assim, [riso] foi complicado [pausa] escrevê, e se, a professora fazia alguma pergunta, os pequenininho sabia responder, você não, e... mais ou menos isso, assim.²⁴⁵

Essa preocupação com a educação, no entanto, parece ser algo mais presente no momento em que Juarez prestou sua entrevista do que quando viveu aquelas situações. Parecia, em sua narrativa, também projetar a importância da escolaridade não necessariamente para si, mas para seus filhos. Quanto à sua trajetória escolar, era irregular, conforme aponta na parte inicial de seu depoimento: *“Daí estudei mais um ano na quinta série durante o dia... é... daí passei a traba, é trabalhar durante o dia, daí comecei, é estudar a noite, lá. Aí fiz até a sétima série, daí parei um... um tempo. Eah... por causa do trabalho. Não tinha... trabalhava demais durante o dia, chegava a noite não tinha ânimo pra... pra estudar, né”*.²⁴⁶

Juarez esforça-se, então, em destacar que as sucessivas desistências dos estudos sempre foram motivadas por necessidade, utilizando como argumento a barreira formada pelas dificuldades em conciliar trabalho e estudos. Parece, dessa forma, querer compensar essa espécie de “falta”, de “aspecto negativo”, existente em sua trajetória, demonstrando as outras formas que encontrou para realizar o aprendizado de sua profissão. Destaca, assim, os cursos profissionalizantes e o aprendizado prático, realizado no dia-a-dia do trabalho, enfatizando seu empenho para obter sucesso em sua vida financeira. Deixa claro, assim, que tal fator (as desistências escolares e do curso superior) não retira de si, o caráter de pessoa “batalhadora”, como busca apresentar-se em seu depoimento.

De uma maneira geral, destacar o nível de escolaridade ou mesmo reclamar de sua “falta”, foi uma característica corrente nos depoimentos coletados por mim. O fato de ser considerado professor, ou estudante, pelos trabalhadores entrevistados, pode tê-los

²⁴⁵ Idem. pp. 15-16. Acréscimos meus.

²⁴⁶ Idem. p. 2.

influenciado a valorizar a educação escolar formal de maneira que não corresponda ao que efetivamente pensam sobre o assunto.

As narrativas, entretanto, sempre são produzidas a partir de interesses específicos. Para além de expressar suas lutas para ter acesso a determinadas formas e níveis de educação, Juarez parece querer, por meio dessa ênfase nos estudos e nos motivos que o teriam obrigado a abandoná-los, a contragosto, em diversas oportunidades, reforçar a imagem que apresenta de si, como uma pessoa “esforçada”, que lutou para ascender socialmente e que pensa no futuro. Tais valores são expressos em vários momentos de seu depoimento, procurando demonstrar a seriedade com que sempre tratou sua vida financeira e planejou seu futuro.

Com relação à sua trajetória no trabalho com materiais elétricos, tais elementos também se fazem presentes. Ela é narrada como algo contínuo e ascendente, tendo como ponto final o momento da entrevista, em que atuava como eletricitista autônomo ao mesmo tempo em que trabalhava como mensalista para uma indústria local, prestando assistência técnica para aparelhos aquecedores de aviários por ela produzidos. Nessa trajetória, são silenciadas as outras eventuais atividades em que Juarez possa ter trabalhado, dificuldades vividas e dúvidas quanto a continuar na profissão, que possam ter existido.

O ingresso na profissão de eletricitista, um trabalho tipicamente urbano, é tratado por ele como uma vitória. Essa visão positiva do trabalho urbano, porém, não se materializa em qualquer atividade, como aquelas que desempenhou junto à construção civil, por exemplo, mas especificamente em sua profissão, apresentada como resultante de uma trajetória de empenho e conseqüente sucesso social.

Diante disso, essa realidade de crescimento urbano da sede municipal não surge como algo negativo no depoimento de Juarez. Tratando enquanto parte de sua trajetória de “sucesso” financeiro, ele exalta, então, a valorização do bairro onde possui sua casa (Conjunto Padre Martinho), ocorrido principalmente a partir da construção, ali próximo, do prédio da extensão da UNIOESTE de Santa Helena. Aponta como positivo, também, o projeto de construção de um estádio, nas imediações desse conjunto, que valorizaria ainda mais o local onde vive. No caso de Juarez, percebo, a possibilidade socialmente compartilhada de melhorar de vida com o “crescimento” do município, participando desse crescimento, é vivenciada por ele concretamente, a partir de seu trabalho e das “melhorias” do bairro em que vive.

Nesse sentido, o que surge como negativo em sua narrativa é seu passado de diarista rural, de maneira diversa à narrativa de Glades. Os relatos de Juarez sobre esse período são

pormenorizados, postura que adota ao longo de sua narrativa. Isso torna seu depoimento rico, mas ao mesmo tempo dificulta a decisão de recortar fragmentos que sintetizem certas experiências vividas por ele. Reproduzo abaixo, um pouco de nosso diálogo, em que ele rememora o exercício daquele ofício:

Com que idade você trabalhava com... [inaudível, parece ser “com agricultura” ou “como agricultor”].

Ó, dos doze anos, doze anos quando eu vim pra cá, né, eu tinha, mais ou menos onze pra doze anos, daí trabalhei... um ano, um ano e meio [pausa] nessa função, aí, bóia-fria. Eu me lembro que a gente, saía de manhã cedo, saía cindo da manhã, por exemplo, seis da manhã, e... no tempo do frio, né, é... teve um lugar que uma colheita, é pa, um, um uma, um terreno dum camarada, que passou uma colheitadeira e colhia os milhos, só que daí... o vento derrubou bastante milho, nas laterais da roça, ou, talvez a colhei, a colheitadeira não pegou todos os milhos e daí a gente ia, a função nossa era catar os milhos, as espigas de milho que ficavam... no terreno, né, catava, daí... fazia os montes, daí pegava e colocava num balaio, numa cesta, e, levava tudo no monte principal, da onde viria... a ceifa [colheitadeira], a gente jogava tudo dentro dela pra ela... tritu, é... fazer sair o, os caroço de milho pronto, né. E a gente ia no tempo do frio fazer esse serviço, a gente chegava na roça, assim, os milhos estavam tudo branco, os milhos estavam tudo branco de geada, sabe, a gente tinha que... chegava lá mal, já, daí, muitas vezes a gente não agüentava trabalhar, daí o cara tinha que fazer um fogo lá, improvisado, a gente se esquentava um pouco as mãos, e... oit[o], sete e meia, oito horas, começava a trabalhar. Não usava luva, as mãos tu não sentia os dedos, né, porque tinha que catar aqueles milhos tudo congelado, fazer os montes dele... e... daí pegava, era um serviço terrível, era um serviço terrível. Muitas vezes com chuva, sabe, a minha mãe estava grávida, ela... ia junto com nós colher algodão, por exemplo, assim, é... grávida dum...cinco, seis meses, já, e... f, o algodão você tem que amarrar uma bolsa na cintura, né, daí você vai colhendo o algodão, assim, e vai colocando [inaudível, parece ser “dentro”] daquela bolsa, e daí, e daí, é uma bolsa grande, daí você vai arrastando ela [pausa] você vai andando, e vai enchendo ela, daí ela vai ficando cada vez mais pesada, você tem que... até o ponto que você não agüenta mais, você tira aquela bolsa e coloca outra, depois você vai, pega aquelas bolsa menos e faz um fardo, soca tudo numa bolsa maior e o cara vem e pesa, né, e ela grávida, fazendo esse serviço, assim, e... quando a gente vinha embora, à noite, muitas vezes chovia, daí ela éa, é, é tomava, chuva, se molhava toda, é... no inverno, daí o pessoal pegava, pra esquentar comprava bebida, pinga, mesmo, assim... [riso] em litro, daí pessoal em cima do caminhão tomava para se esquentar, inclusive ela, também, sabe, n...não era, ela nunca, bebia, mas... a necessidade, frio, tudo aquilo lá, acabava... a gente, até eu de menor ainda, acabava tomando, né, aquilo lá, assim, pra tentar... se aquecer. E... não sei como que a gente não ficava doente, assim, [voz mais baixa] [inaudível, parece ser “por”] passando por uma, situação, dessa daí.²⁴⁷

Cabe frisar, ainda, que de acordo com Juarez, tal atividade era realizada por quase todos os adolescentes do bairro em que vivia com sua família,²⁴⁸ um lugar que, durante a década de 1990, principalmente, era visto de maneira preconceituosa por boa parte do

²⁴⁷ Idem. p. 28. Grifos e acréscimos meus.

²⁴⁸ O bairro chama-se Conjunto Tiradentes e é contíguo àquele em que Juarez mora atualmente, chamado de Conjunto Padre Marinho e construído posteriormente.

restante da população do município. Ao tratar dessas lembranças, o entrevistado apresenta algumas das muitas memórias de Santa Helena na década de 90. Em especial, traz uma versão em que estão em um plano central os garotos (e, possivelmente, garotas também) pobres, bem como os “bóia-frias” em geral, que não participavam, naquele momento, do “desenvolvimento municipal”, tão apregoado pelas administrações públicas locais.

Como ele mesmo destaca, o trabalho de diarista rural era realizado pela necessidade de ajudar a família. O considera algo *terrível*, apoiando suas memórias em certos aspectos, como nas duras condições de trabalho, com o gelo nas lavouras, resultante das “geadas”²⁴⁹ do inverno rigoroso do Sul do Brasil, e nas noções de mulher e “menor”, nas palavras dele, que apresenta. Ingerir bebida alcoólica, estando sua mãe grávida ou por aqueles que não tinham idade permitida por lei para isso, é apresentado por ele não apenas como uma necessidade, uma situação forçada, mas enquanto algo degradante, causador de possíveis doenças, num tom em que esses elementos são tratados como algo quase desumanizador.

É possível perceber, no entanto, que essas memórias apresentadas por Juarez não foram produzidas no momento em que ele vivenciava tal situação, mas do presente em que prestava seu depoimento oral. Pesam, assim, as noções de criança e de maternidade que ele possuía no momento da entrevista, compreendendo-os como quem merece cuidado e proteção. Expressa muito claramente essa noção quando se refere à preocupação que possui com a educação e alimentação de seus filhos, parecendo, também, em sua narrativa, querer tratar a infância deles como uma antítese daquela que viveu.

Esse cuidado para com a família pode ter sua origem na necessidade que Juarez parece ter de querer compensar um período de ausência. Conforme apontou, quase no final de seu depoimento, somente casou-se alguns anos depois de seu primeiro filho ter nascido. Nesse período ele e aquela que viria a ser sua esposa, ficaram brigados e afastados um do outro, vindo a reconciliar-se, posteriormente, formando a família. Sendo assim, essas relações e sentimentos familiares parecem imbricar-se às demais intencionalidades com que o entrevistado produz seu depoimento, buscando apresentar-se como um homem trabalhador, esforçado e pai atencioso, que se preocupa com a família e planeja o amanhã.

Para além dessas questões, fica evidente na narrativa de Juarez que ele acaba por projetar-se sobre o “urbano”, compreendendo-o enquanto local de oportunidades e de promoção social. Em sua narrativa, o campo aparece como um contraponto, um local de dificuldades e degradação.

²⁴⁹ Congelamento do orvalho ocorrido durante a noite, que somente começa a se desfazer com a luz solar.

Cabe frisar, entretanto, que as tensões existentes em sua vida, nessa sociedade, não são projetadas sobre as relações de trabalho ou sobre pessoas em específico, como os patrões, mas no tipo de atividade desenvolvida. Nessa lógica, acaba-se por considerar os problemas enfrentados como inerentes a determinados ofícios. Isso aponta, no intuito de superá-los, para a utilização de ações individuais, como mudança de emprego ou trabalho, e não o enfrentamento, a partir de uma perspectiva de classe.

Quanto a esse intenso movimento de associação e, ao mesmo tempo, dissociação, de elementos rurais e urbanos na cultura local, pode-se perceber que, se por um lado na década de 90, praticamente cessou o trânsito de trabalhadores que viviam na sede municipal e atuavam em atividades rurais, por outro, o inverso continua ocorrendo. Esse é o caso de Priscila,²⁵⁰ 40 anos, agricultora. Nascida também no Estado de Santa Catarina, seus pais rumaram para Santa Helena ainda na década de 1970, a fim de trabalhar em uma fazenda no Distrito de Sub-Sede São Francisco.

Nutriam, porém, a expectativa de que aquela fosse uma situação temporária, que em um curto espaço de tempo pudessem obter sua própria área de terras. Sua família acabou por ter êxito nesse empreendimento, com a compra de “um direito”, nas palavras de Priscila, ou seja, terras que não possuíam escritura. Ao longo das décadas de 70 e 80, todavia, essa situação foi resolvida, pois muitas das propriedades do Oeste do Paraná que se encontravam em estado semelhante acabaram por ser regularizadas. Portanto, mesmo sendo esse um período considerado de “expulsão do homem do campo”, sua família conseguiu realizar o sonho de ter uma propriedade rural.

Atualmente Priscila vive com o marido e os filhos em sua propriedade na Linha Guarani, Distrito de Sub-Sede São Francisco, Município de Santa Helena. A área possui dimensões pequenas, como boa parte das propriedades dos agricultores do Oeste do Paraná. Além das lides agrícolas, ela também se dedica a outras atividades, conforme aponta:

E... você também tem atividade, você falou, comercial, né... você vende.

Sim. Venda de roupa, que daí foi até que, que a mulher da loja aqui, comecei com uma mulher aqui de Sub-Sede, da loja, vendendo, daí que ela falou que... me dava porcentagem, pra mim revender, o que eu não revendia eu levasse de volta, daí eu comecei. Daí eu... depois que eu comecei, às vezes eu tento parar, tem vê, tem épocas que é ruim, daí eu desanimo, daí depois dá uma melhorada, anima de novo e sempre dá um lucro extra, pra... ajudar nas despesas.

²⁵⁰ Priscila. 40 anos. Agricultora. Chegou a região em 1970. Entrevista realizada em 25/07/2004, domingo à tarde, em sua residência na Linha Guarani, Distrito de Sub-Sede São Francisco, Município de Santa Helena.

E... como é que você...

E... eu faço isso também porque eu gosto de fazer, assim, me sinto bem fazendo esse tipo de coisa, vendendo... porque além de vender, você consegue... você aprende muito com as pessoas que você lida, você... convive com outras pessoas, é muito, é gostoso, assim, o mais não é tanto pelo dinheiro que ganha, como a valorização que você tem, assim, amizade que você... consegue ter com outras pessoas que você não ia conseguir ter. Sempre tem pessoas novas que você vai, que vão entrando e você vai conhecendo e... é muito bom, daí eu gosto de fazer esse tipo de coisa mais por isso mesmo.

Ah. E... você faz tempo que está trabalhando com isso? Com essa venda de roupas?

Faz... vai fazer nove anos, que eu estou nesse ramo.

E como é que você faz essa venda, você... é, vai para a cidade, vender [inaudível, fala sobreposta]

Vendo em ca..., assim tem... as vizinha vem em casa e a maioria daí eu vou pra cidade, e... Sub-sede, assim, aqueles lugares, assim, tem uns lugar assim, as freguesa minha que, elas liga, daí eu vô e levo as coisas que elas querem, funciona assim.

Uhum. Você vende nas casas geralmente.

[fala sobreposta, mas audível] Nas casas. Uhum, não tem um ponto de vendas, não. É nas casa mesmo.

E além de, de roupas, assim, você também vende algum outro tipo de produto, ou algumas coisas assim? [parece ter algo inaudível, mas não tenho certeza].

Às vezes artesanal [artesanato], que a gente aprendeu nos clube de mães, fazê curso, que nem bordados, crochê, essas coisa assim, daí tem vez que a gente vende também. Que nem... é... trabalhos artesanal, mesmo o nome... que a gente usa pra isso daí.²⁵¹

Vender artigos de confecção é uma atividade típica do urbano. No entanto, mesmo vivendo na zona rural, Priscila deixa seu sítio e ruma para a sede do município e as demais localidades citadas por ela, para realizar tal serviço.

Em sua propriedade rural, ao que pude notar, ela possui uma vida estável. Parece adaptar-se bem à agricultura comercial e tecnificada desenvolvida na região, procurando acompanhar suas últimas tendências, como a diversificação da produção. Isso significa que além do plantio das culturas para comercialização, ela e o marido mantêm outras atividades como vacas para a produção de leite e estavam iniciando o projeto de construção de um aviário.

Nesse sentido, ela ressalta os incentivos recebidos do governo municipal, importantes para a realização de investimentos na propriedade:

E assim, o poder público, então, dá algum tipo de incentivo, então, também a prefeitura? [o final é aproximado, pouco audível].

É, eles dão a, dão as horas de trator, dão uns financiamento que você não paga juro, que nem... os Prodem rural você pega... a, por exemplo, pega cinco mil, você vai pagar os mesmo cinco mil quando você vai pagando ele por... depende do que você vai fazer com o dinheiro você paga mensalmente e depende você paga, assim

²⁵¹ Idem. pp. 5-6. Acréscimos meus.

cada seis mês ou cada ano, se for de lavoura você paga na safra. E você paga o mesmo que você retirou, você não paga juro.

Ah, não paga juros?

*Não paga juros, paga só os... o mesmo valor.*²⁵²

Como é possível notar, Priscila recorre a vários benefícios a que tem direito junto à prefeitura municipal. Com relação às políticas de investimentos na agricultura, o jornal *Correio do Lago*, festejando os 38 anos de emancipação de Santa Helena, em maio de 2005, apresentava em tons elogiosos os projetos de “desenvolvimento” promovidos pela administração municipal, com quem esse órgão de imprensa parece manter uma certa proximidade:

Santa Helena completa seus 38 anos de emancipação:

Promissor desde sua fundação, no início do século passado, o município de Santa Helena completa neste mês de maio, 38 anos de emancipação político-administrativa.

Após ter passado por vários acontecimentos que marcaram a história de sua gente, o município conta hoje com uma estrutura invejável e acolhedora. Atualmente, tem-se como meta o aproveitamento turístico em função das águas do lago da hidrelétrica de Itaipu, cuja construção alagou cerca de 31% da área do município.

A cada ano que passa é cada vez maior o número de pessoas que vêm à Santa Helena para desfrutar de seus recantos de beleza e lazer, o que acarreta no crescimento do comércio, principalmente da rede hoteleira e gastronômica. Constantemente a administração municipal busca, através dos setores responsáveis, dar o suporte necessário para que os turistas tenham a melhor estada possível, realizando melhorias na infra-estrutura do parque de lazer e dotando-o de segurança, restaurantes, quiosques, banheiros energia elétrica.

*Outro ponto forte de Santa Helena é a agricultura. Com os diversos programas de incentivo criados nos últimos anos pela administração municipal, os agricultores antes desestimulados pela falta de perspectivas, têm hoje no poder público local um ponto de apoio para a manutenção de suas atividades. Além dos programas de incentivo à agricultura, setores como a saúde, educação, assistência social, e indústria e comércio, também são beneficiados com recursos da própria municipalidade.*²⁵³

Esse meio de comunicação foi criado em 2005 e parecia pretender fixar-se como veículo comercial. Mantinha uma proximidade muito grande com a administração municipal empossada naquele mesmo ano. Entre os projetos mencionados na matéria anterior, é possível notar o destaque ao turismo, já pontuado no presente trabalho. Como outro pilar dos investimentos municipais aparece a agricultura, no intuito de “fixar o homem no campo”. Essa atenção à agricultura, por sua vez, parecia estar ganhando mais

²⁵² Idem. p. 19. Acréscimos meus.

²⁵³ “SANTA HELENA completa seus 38 anos de emancipação”. In: *Correio do Lago*, Santa Helena/PR, ano 1, n.º 03, p. 07, maio de 2005.

fôlego, no decorrer do ano de 2004. À partir de 2005, data desse artigo, o setor parecia ocupar uma importância ainda maior, dando a impressão de ser colocado à frente do turismo nos planos da nova administração municipal, coordenada pelo prefeito municipal Giovani Maffini, do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), eleito com o apoio do prefeito Silom Schmidt (1997-2004), do PP.

Priscila, por sua vez, ao mesmo tempo em que recorre aos programas voltados ao fomento da agricultura, permanecendo em seu sítio, atua no sentido de comercializar artigos de confecções e artesanato. Lançando mão, assim, de outras opções existentes no leque de possibilidades que percebe em sua realidade.

Como destaca, tal atividade não é algo que faz por necessidade, mas por gostar. Parece ser uma forma que ela encontrou de “sair de casa”, ou de seu sítio, e estabelecer relações que estão para além da atividade familiar agrícola. Trata-se de demandas produzidas por ela enquanto sujeito, não se restringindo à satisfação de necessidades econômicas imediatas.

Esse caráter também parece ser buscado por ela de outras maneiras, como na atuação junto à comunidade católica do Distrito de Sub-Sede São Francisco, na qual seu marido ocupava o cargo de presidente da igreja, enquanto que ela atuava junto às Comunidades Eclesiais de Base e outras entidades locais, no momento em que concedeu-me a entrevista. Percebo, ainda, que a satisfação dessa necessidade também esteve relacionada com a decisão de Priscila retomar os estudos, em tempos recentes:

Priscila, você podia comentar comigo é... você falou que fo, fez supletivo, também, né?

Fiz.

Tipo, os motivos, assim, [aproximado, pouco audível: “porque”] você resolveu procurar, quando foi isso, também, se faz muito tempo.

Isso faz uns quatro anos que eu fi, mais, faz uns seis anos que eu fiz. De quinta a oitava [séries do ensino fundamental], porque... quando começou eu nem dei muita... bola, assim, eu pensei que eu não precisaria daquele estudo, né, que até a quarta série eu sabia... matemática eu ia muito bem, eu sabia bem, pra me defender eu achava que eu tinha aprendido que chega. Mas daí eu vi que era tudo diferente, esses estudo de hoje, daí... eu pensei: um dia meus filho vão chegar pra mim e vão pedir uma ajuda e eu não vou saber... nem responder o que pra eles. Daí eu pensei em voltar a estudar pra... se um dia eles me perguntasse uma ajuda eu podia ajudar eles. Daí eu voltei a estudar com... faz uns seis anos, daí eu me fo, fiz de quinta a oitava e depois eu fiz o segundo grau [ensino médio]. Tô com o supletivo, daí, que eu não tinha. Que na época, quando eu parei de estudar, eu parei justamente porque não tinha ginásio [ensino fundamental de 5.ª a 8.ª séries] em Sub-Sede, e daí pra estudar em Santa Helena também não tinha transporte que nem tem hoje em dia. Era tudo difícil, daí... meu sonho era sempre estudar, só que

*daí eu não consegui. Daí por isso que eu incentivo meus filho, que eles tem que estudar porque eu queria estudar e não conseguia, daí...*²⁵⁴

Percebo, assim, que Priscila busca nessas atividades, inclusive nos serviços não-agrícolas e nos estudos, realizar algo que seu trabalho no sítio por si somente pode oferecer a ela. Isso está relacionado com o conhecer outras pessoas, criar relacionamentos e fazer novas amizades. Ao mesmo tempo, noto que ela busca um reconhecimento social que também não encontra somente no exercício das tarefas de sua profissão de agricultora, ofício não muito valorizado localmente, sendo geralmente associado à idéia de “atraso”, de “rusticidade”.

Ressalto, assim, que na busca pela satisfação dessas demandas constituídas socialmente, que não se restringem ao campo econômico, Priscila constitui uma associação entre trabalho rural e urbano. Esse caráter, por sua vez, também demonstra como os sujeitos, em seu fazer-se social, vão tecendo relações e constituindo demandas que vão além daquilo que pode ser oferecido por políticas públicas. Priscila, dessa forma, apesar de obter sucesso no trabalho agrícola e manter-se vivendo no campo, acaba por não encontrar ali todos os elementos dos quais necessita para sentir-se realizada. Suas atitudes, nesse sentido, acabam, ainda, por revelar a forma como compreende sua condição de agricultora e como ela própria vai constituindo uma série de práticas sociais, com o objetivo de, por meio delas, superar as limitações que percebe em seu trabalho e vida de proprietária rural.

Ao observar essas maneiras de viver que muitos dos trabalhadores foram constituindo em Santa Helena, torna-se notável a relação que eles vão estabelecendo com o lugar. Em certas situações, percebo que em suas narrativas, suas próprias trajetórias de vida mesclam-se com uma espécie de trajetória do município, como ficou bastante presente no depoimento de Hilário.

Em certas situações essa relação apresenta-se muito intensa, bem como o ato de lembrar aponta para direções bastante diversas. Nesse sentido, as memórias de Orias,²⁵⁵ 23 anos, funcionário da administração municipal (não-concursado), são intrigantes. Ele nasceu no Distrito de São Clemente, Município de Santa Helena, mudando-se para a sede municipal ainda quando criança.

Nesse local, trabalhava a maior parte do tempo com seu pai, que era proprietário de um ferro-velho e de uma fundição artesanal, produzindo, principalmente, painéis de

²⁵⁴ Priscila. Citada anteriormente. pp. 22-3. Acréscimos meus.

²⁵⁵ Orias. 23 anos. Funcionário do serviço público municipal (não-concursado). Entrevista realizada em 13/07/2004 na residência do entrevistado, Bairro Rodoviária, Sede Municipal de Santa Helena – PR.

alumínio para venda. Relata, entretanto, que chegou a trabalhar em outras atividades, como em supermercado, ainda em Santa Helena, e em um estacionamento de automóveis, por um curto período de tempo em que foi tentar a vida em Curitiba, capital do estado.

No início da década de 2000, seu pai vendeu a propriedade que possuía na sede municipal, mudando-se para um sítio na Linha São João. Orias ficou ali por pouco tempo (segundo ele, menos de um mês), em virtude de um emprego que conseguiu junto a uma fábrica de painéis que estava iniciando suas atividades em Santa Helena. Sua relação com o trabalho de fundição é notável, sendo que ele relata em detalhes os serviços que eram realizados na fábrica. Ao mesmo tempo em que, abrir uma fundição, é uma de suas grandes expectativas para o futuro.

Posso notar, então, no depoimento de Orias, que ele estabelece uma relação de apressamento para com as atividades mais ligadas ao urbano. Isso pode explicar, em parte, sua não-permanência no sítio, local onde poderia não encontrar meios para realizar certas expectativas que, em termos profissionais parecem estar mais ligadas ao comércio. Essa relação com os elementos relacionados ao urbano fica presente também quando ele relata algumas de suas práticas de lazer:

Querida te perguntá, então, os lugar, assim, de lazer que você freqüentô, aqui, na cidade.

Ó, era a praia. A praça. Né. E... era só, os lugar, assim, que eu freqüentava, né. As... discoteca. Discoteca, bailão, quando saía. Daí eu ia co meus amigo, juntava [pausa] a turma e, ia fazê festa, é. [sorriso] Era os lugar onde que eu ia.

Ah, tá.

Aquela vez tinha a Tropical, né, a... Danceteria Tropical. Não sei se você se lembra?

Lembro, né.

Aí depois que foi entrando a... Pier Trinta e Sete. Né, aquela o Porão Bar. Aí era os lugar onde que eu, eu ia, mas muito pouco, assim [pausa] tem. Que daí não tinha quele tempo mais pra se diverti, né [riso], daí tinha que trabalhá [riso].

Você freqüentava mais... discoteca, bailão ou...

Ah, eu gostava mais de discoteca.

Discoteca.

Mais discoteca [inaudível]. Quando não tinha discoteca eu tava lá. [riso].

Ah, tá.

Só que os bailão, os bailão eu também gostava, né. Mas não tanto, assim, também, né. A discoteca. Que bailão já é mais, era mais parado, e o cara, cara novo, assim, já gosta de coisa mais... [riso] mais avançado, entende?

Uhum.

Só que... era bom. [riso].²⁵⁶

²⁵⁶ Idem. pp. 9-10. Acréscimos meus.

Tal como outros entrevistados, Orias também frisa que eram poucos os momentos de lazer, pois, privilegiava o trabalho, procurando apresentar uma imagem de pessoa “batalhadora”. Em sua narrativa, ele enfatiza mais os locais de lazer que freqüentava no período anterior a seu casamento, ocorrido no ano de 2002. Realiza, assim, uma divisão entre a “discoteca” e os “bailões”. Com relação a esse último, cabe realizar algumas considerações. Faz parte da cultura do Oeste do Paraná a realização dos “bailes”, geralmente promovidos pelas associações de moradores das diferentes localidades que compõem o município, com o objetivo de arrecadar fundos e de promover o lazer. Embora também sejam realizados na sede municipal, a maior parte desses eventos ocorrem nas sedes dos distritos e nas comunidades rurais. Constituem-se na principal opção de lazer, especialmente dos jovens locais. As músicas executadas nessas festas possuem ritmos variados, sendo principalmente músicas gauchescas, sertanejas, bandinhas (ritmos típicos do Estado de Santa Catarina), dentre outras, sendo a maioria das danças realizadas em pares.

Orias, por sua vez, destaca que não gostava muito desse tipo de evento. Apresenta os bailes como algo “parado”, os contrapondo às discotecas, consideradas como mais “avançadas”. A partir disso, ele pode, então, estar projetando um olhar de “atraso” sobre os bailes, que são hábitos de lazer mais associados à vida rural.

Essa noção “desenvolvimento” parece ser muito cara ao entrevistado. É através de uma perspectiva de “evolução” que ele narra as transformações ocorridas em Santa Helena, nas últimas décadas:

Em Santa Helena. E... Algumas coisas que... daí meu pai passô a mexê com ferro-velho, a gente passô a comprá, ferro-velho, essas coisa, passô um tempo meio difícil porque a cidade, aquela te, aquele tempo lá não tinha muito meio de, de, de... assim, de uma, estrutura. Daí [pausa] tinha que aterrâ... as coisa, se lembra o tempo da Vila Rica, ali era um... era virado em valeta, até os pessoal cha[ma]va... a Vila dos Sapo [riso]. (...) Aí... sim, chamava a Vila dos Sapo. Aí que foi entrô aquele prefeito, o Toninho [Antônio Aparecido de Oliveira, eleito no final da década de 1980], aí foi dando uma melhorada, foi aterrando, aí passô, [ianudível] foi entrando prefeito, saindo prefeito. Ah, até o último mandato foi do, do, do Júlio [Morandi], né, do Júlio, aí depois passô a ser, do Silom [Schmidt], né. Aí... nesse meio-termo aí foi melhorando cada vez mais, é sobre asfalto, o calçamento, essas coisa, o emprego. Se desenvolveu bastante, né. E... é isso daí.²⁵⁷

Cabe frisar aqui, que tais relatos foram produzidos ainda nos momentos iniciais de seu depoimento, quando pedi para ele sintetizar um pouco de sua trajetória de vida. Sua

²⁵⁷ Idem. p. 1. Acréscimos meus. O diálogo faz parte do início do depoimento, quando esponho minha problemática e peço para o entrevistado narrar sua trajetória de vida.

vida e a de sua família mesclam-se, assim, ao próprio lugar, em sua narrativa. Isso é muito perceptível quando Orias inicia seu relato do “melhoramento” tomando como base a década de 80, quando sua família mudou-se para a sede municipal.

Nesse sentido, ele apresenta Santa Helena como resultado de um processo de contínuo desenvolvimento. Tal fator teria sido desencadeado pela ação dos prefeitos municipais e de seus projetos de “melhorias urbanas” para a sede municipal. Portanto, as lembranças de Orias são produzidas em uma relação com aquela pública, que trata do “progresso” local e coloca ao centro as ações dos prefeitos municipais,²⁵⁸ que, em alguns casos, são considerados também os sujeitos exclusivos do processo histórico posterior ao período da “colonização”. Ao afirmar tal memória em sua narrativa, a partir de seus próprios interesses e significados produzidos, o próprio entrevistado acaba por obscurecer o caráter de sujeito que as pessoas do município, de uma maneira geral, possuem.

Esse fator fica muito presente em outros momentos de seu depoimento, principalmente quando realiza uma espécie de histórico do que seria uma “evolução” de Santa Helena, a partir da citação de uma série de obras:

É, eu queria que você falasse um pôco sobre o seu cotidiano, aqui em Santa Helena, hum, como é que foi um, e, transformando através do tempo, assim, os lugares que você freqüentava... [pausa, sobreposto inaudível].

Como é que foi, se tra, a transformação

[sobreposto] É.

de Santa Helena. Que nem eu freqüentava muito... a praia, tempo de soltero, né. Freqüentava a praia, a praia foi uma coisa que mudô muito. Né. Com o te, com o passar do tempo. Porque ali, num tinha o ca, não tinha o calçadão, aí depois que foi entrando o calçadão. Aquele... o bosque, ali, mudô bastante. Aquele bosque eles fecharam, porque não, né, não podia mais armá barraca, ali, seria legal se pudesse, né, porque ficava na beirada da praia. A outra praia, ali, que surgiu, artificial, quiosque, que aumentô muito, ali, também, né. Uma área de lazer, aí, que os pessoal [pausa] fazia festa, ali. Ali a lanchonete. Que mudô bastante ali também, que entrô lanchonete. Foi feito, foi feito oitocentos e cinqüenta quiosque só ali dentro. Né. Aí tá, tem um projeto pra fazê mais seiscentos, não sei se foi aprovado, esse, esse projeto. (...) A praça. A praça foi feito calçamento. Foi feita a Usina do Conhecimento, ali. Santa Helena. Santa Helena mudô geral, totalmente. Que nem calçamento onde tinha, onde tinha estrada de chão foi feito calçamento [com pedras irregulares]. Aí com o passar do tempo, passaram asfalto em cima, a prefeitura, prefeitura que tinha, aquela prefeitura velha [prédio do paço

²⁵⁸ A tentativa de instituir uma memória semelhante parece ter sido empreendida pelo jornal *O Presente*, de Marechal Cândido Rondon, pelo que me consta, veículo de informação criado na década de 1990, que também possuía aspecto comercial em termos de publicidade e assinaturas. Em uma de suas edições que, conforme percebo, era comemorativa aos 33 anos de emancipação político-administrativa de Santa Helena, existe uma matéria em que são apresentados alguns daqueles que ocuparam, por mais de uma vez, o cargo de prefeito municipal. São tratados, no artigo, como possuidores de uma posição de destaque para “a história” do município, a qual os impediria de cair no esquecimento nesse local. In: “A HISTÓRIA não deixa esquecer”. *O Presente*, Marechal Cândido Rondon/PR, 26 maio de 2000, p. 41. Santa Helena Especial.

municipal], mudaram, fizeram prefeitura nova, o fórum. Foi feito o fórum novo, ali, na Avenida Brasil. Né. A “Praça das Criança”. Que era uma praça, assim, que tava bem apagadona, já, né, daí [pausa] foram, priorizando, modernizaram, ponharam, fizeram o... pista de skate. Pracinha pras criança brincá. Né. E... a Base Náutica, de Santa Helena Velha [Localidade pertencente ao Município de Santa Helena]. Que foi... foi uma coisa bem engenhada, tamém, né. Os asfalto, ali, que tava feio. É, fábrica de costura. É...a [pausa] o Parque Industrial, ali, que aquela vez n..., tava bem... daí foi se criando o Parque Industrial, foi dando incentivo da prefeitura. Essas coisa. A... fábrica de refrigerante. (...) Hoje a Vila Rica, que eu tava te falando, hoje tá uma... nã, não tá mais Vila dos Sapo, né? Que hoje tá tudo asfaltada. Aqueles favela que tinha lá, aquela, aquela, aquelas casinha véia, aquelas casinha humilde que tinha. Aquilo lá foi retirado de lá. Passado esses pessoal em otra casa. Que nem tinha a casinha lá do Rincão das Égua, que chamavam, na berada da praia, ali, né. Ele [refere-se provavelmente ao prefeito municipal Silom Schmidt] pegô, aquelas casinha e fez, dismanchô, fez tudo casa nova, ponhô aqueles pessoal humilde lá dentro. E aqueles lote que tava lá [pausa] eles... estruturaram tudo. Daí entrô moradores, fizeram tudo, casa boa, em cima. Hoje, hoje Vila Rica tá... dá pra chamá de Vila Rica. Porque não tá mais aquela coisa que era antes, né. Aí teve uma mão de capricho, ali.²⁵⁹

Orias, em sua narrativa, utiliza-se de termos pejorativos, empregados localmente para denominar determinadas áreas da sede municipal, como “Vila dos Sapos”. Além de apresentar alguns preconceitos locais – dos quais ele mesmo procura defender-se, como no momento em que é enfático em afirmar que não morava no bairro Vila Rica, mas sim no Alto Alegre, ali próximo – tal recurso parece ter o objetivo de dar o tom da grandiosidade das obras realizadas no município. Nesse sentido, elas não se constituiriam em simples projetos, mas seriam “redentoras” de pessoas e lugares do município.

A maior parte das obras citadas por Orias, embora não sejam todas, foram empreendidas pela então administração municipal, que tinha à sua frente Silom Schmidt, prefeito municipal pelo Partido Progressista. Divulgá-las era parte dos esforços do grupo que se encontrava no poder público municipal. Quando realizei a entrevista com Orias, em julho de 2004, iniciava-se a campanha eleitoral municipal, quando tais projetos colocavam-se em cena novamente, de maneira incisiva.

Orias possuía um vínculo muito forte com a administração municipal. Durante parte da segunda gestão de Schmidt (2001-2004), trabalhou para o setor de infra-estrutura, uma das áreas vitais para aquele projeto de município. Portanto, ao citar as obras, o entrevistado também está colocando-se à frente daquilo que compreende como “desenvolvimento”. Ele afirma-se, assim, também como construtor do “progresso” local, reconhecendo-se naquele ideal projetado sobre Santa Helena e nas memórias que por meio dele foram produzidas,

²⁵⁹ Orias. Citado anteriormente. p. 6-7. Grifos e acréscimos meus.

inclusive, destacando a atuação de certos sujeitos enquanto outros são relegados ao silêncio.

Nesse sentido, suas recordações inserem-se na disputa pelas muitas memórias ao lado daquelas versões da esfera pública. Orias, assim, apresenta-se socialmente a partir da reafirmação dos projetos da então administração municipal, traduzindo-os a partir de sua inserção no lugar. Por meio dessa ação, ele também parece reivindicar o direito de ter acesso à riqueza local. O faz, todavia, por meio do trabalho que já desenvolve junto ao poder público, sendo esse um processo em curso e não apenas uma expectativa para o futuro.

É importante notar, nesse sentido, que, em meio às memórias e maneiras de viver produzidas por esses trabalhadores, em Santa Helena, existe todo um processo de reivindicação de direitos. Nesse campo de luta social e política, parece-me que a riqueza existente no município é colocada enquanto objeto central da disputa.

No primeiro capítulo, apresentei algumas memórias produzidas sobre Santa Helena. Em vários materiais, principalmente jornalísticos, foi possível perceber como as elites locais produziam seus projetos e pensavam formas de como aplicar a riqueza que município possui, advinda principalmente dos *royalties* de Itaipu. Enquanto os grupos que estavam à frente da administração municipal apresentavam projetos mais ligados ao turismo e agricultura, com ênfase nas obras de infra-estrutura, os demais que lhe faziam oposição apresentavam como alternativa o incentivo à indústria moveleira e metalúrgica local. A própria divisão entre “pioneiros” e “de fora”, estabelecida em certos momentos, parece fazer parte dessa disputa. Assumem, assim, o caráter de tentar definir quem seria apto ou não, para usufruir tais benefícios.

Quanto aos trabalhadores, tais projetos procuram incorporá-los, conforme aponteí,²⁶⁰ sinalizando para interesses que seriam “comuns” entre eles e o empresariado. Essa convergência de interesses parece materializar-se da idéia de “desenvolvimento”, que estaria a serviço do benefício de todos, independentemente de seu lugar social.

Percebo, no entanto, que em seu dia-a-dia, esses trabalhadores de Santa Helena não se alinham de maneira meramente passiva, aos planos das elites. Mesmo associando-se a elas, principalmente por meio de acordos estabelecidos no período eleitoral e no plano político-institucional, noto que esses sujeitos apresentam expectativas próprias. A partir delas, reivindicam, ao seu modo, não apenas parte da riqueza do município, mas disputam

²⁶⁰ A esse respeito ver o “Capítulo I”, do presente trabalho, pp. 87-90 e 102.

o próprio núcleo de decisão, atualmente concentrado em torno da prefeitura municipal, que recebe e define a aplicação dos recursos provenientes dos *royalties*.

Essas reivindicações, é necessário frisar, não necessariamente resultam em projetos que se contraponham de maneira direta àquilo que as elites locais estão planejando. O enfrentamento, cabe frisar, não é a prática geralmente utilizada pelos trabalhadores do município. É importante notar, entretanto, que, apesar das elites controlarem os rumos da política, no âmbito institucional, a sociedade local caminha por direções diferenciadas dos interesses do poder público e dos grupos que se utilizam de seu aparato governamental para afirmar seu poder.

Esse caráter de *sujeito*, dos trabalhadores locais, manifesta-se por meio de propostas e expectativas por eles elaboradas. Na matéria sobre os pescadores de Santa Helena, apontada no primeiro capítulo, fica patente a luta por direitos, empreendida por essa categoria de trabalhadores:

Propostas dos pescadores:

A Associação Real de Pescadores de Santa Helena, constituída por mais de 100 associados, vem apontando as seguintes mudanças para desenvolver a atividade pesqueira e reduzir os impactos ambientais no Lago de Itaipu:

1) Recadastramento urgente dos pescadores profissionais: “Temos muitos casos de pessoas que possuem a habilitação profissional, que permite o uso de redes, que não vivem da pesca. Geralmente esses indivíduos utilizam equipamentos não permitidos por lei, como malhas finas, poluem o lago e tiram o sustento de quem depende da pesca”, denuncia Arnoldo Pletsch [presidente da entidade].

2) Aumento do período de piracema em um mês, iniciando em 15 de outubro:

Arnoldo argumenta que o calor nessa época é excessivo e acaba por provocar perdas de até 40% na pesca, pois os peixes morrem na rede e estragam antes de serem recolhidos.

3) Seguro desemprego: remuneração a todos os pescadores que não tenham outras atividades, durante o período da piracema, de pelo menos 2 salários mínimos.

4) Criação de vilas de pescadores: criação de vilas onde os pescadores possuam uma pequena área de terra, nas proximidades do lago, de onde possam retirar parte de sua subsistência com hotifrutigranjeiros e apicultura, diminuindo assim a dependência exclusiva da pesca.

5) Fiscalização: Aumentar o tamanho mínimo das malhas das redes; distanciar no mínimo a 100 metros das margens a colocação das malhas; e que os próprios pescadores profissionais tenham poder de fiscalizar todo o lago.

6) Pesca amadora esportiva: liberação da pesca esportiva e amadora durante a temporada de verão, devido a característica turística da região, desde que os pescadores observem regulamentações quanto ao equipamento, quantidade de pesca e não comercialize o pescado.²⁶¹

Pode-se notar, então, que por meio da “Associação Real dos Pescadores”, uma das entidades que representavam²⁶² essa categoria profissional em Santa Helena, formulava-se

²⁶¹ “CONTRA A MARÉ: pescadores profissionais de Santa Helena lutam contra adversidades e propõem mudanças”. In: *Revista Região*, Marechal Cândido Rondon/PR, ano 1, n.º 05, pp. 22-3, abril de 2000. Reportagem. p. 23. Informações apresentadas em box. Grifado no original. Acréscimo meu.

²⁶² Atualmente a entidade compõe a Colônia de Pescadores “Z-20” de Santa Helena.

reivindicações junto aos poderes públicos. Isso pode estar ocorrendo não apenas em virtude da proximidade desse tipo de atividade com certos órgãos governamentais. Existe, ainda, associada à luta por melhores condições de trabalho, também a demanda por assistência, que acaba entrando no campo das disputas por direitos.

Os pescadores profissionais, no entanto, dentro desse processo mais amplo, também parecem estar gestando projetos de como participar da riqueza local.²⁶³ Naquela matéria, a entidade destacava a insuficiência de ações públicas, como as frentes de trabalho promovidas pela prefeitura municipal, que empregava o trabalho de pescadores. Demandavam, portanto, por ações maiores e nutriam expectativas de que elas fossem realizadas pelos poderes públicos, percebendo na administração municipal a possibilidade de concretizar alguns daqueles projetos.

Outras formas de disputar a riqueza local, também são elaboradas pelos trabalhadores, mesmo quando elas não possuem uma grande visibilidade no espaço público ou não contem com organização institucional. Tais reivindicações, porém, não são realizadas de qualquer maneira. Essas pessoas apóiam-se, muitas vezes, em trajetórias e memórias afirmadas a partir do trabalho, do sofrimento e das dificuldades que foram enfrentando em suas vidas, que por vezes conseguiram desestabilizá-los, independentemente dos esforços empreendidos para sua superação.

A assistência, nesse sentido, quando reivindicada, costuma ser amparada pela ênfase no “trabalho”, tanto aquele que já foi efetuado ao longo da vida como o que se está realizando. As pessoas, geralmente, compreendem o assistencialismo como algo a mais para prover sua sobrevivência. O consideram como um meio rápido, para melhorar suas vidas, em detrimento das dificuldades em conseguir isso a partir da obtenção de melhores condições de trabalho. Em certos casos, “ser assistido” parece ser algo reivindicado como uma compensação pelos serviços prestados à sociedade, por meio do trabalho e dos esforços pessoais despendidos no lugar.

Cabe frisar, todavia, que mesmo quando a ênfase da narrativa é depositada sobre o trabalho, geralmente o que está sendo tratado por tais sujeitos, em suas consciências, é o acesso à riqueza local. Nesse sentido, é muito comum a referência ao desejo de obter para si ou para pessoas próximas, empregos junto à prefeitura municipal. Possuindo um *status*

²⁶³ Acompanhando a “Associação Real dos Pescadores” em experiência profissional desenvolvida anteriormente por mim, lembro-me de reivindicações realizadas junto à administração municipal, tais como a distribuição de cestas básicas para os pescadores profissionais, em certos períodos, como durante a piracema, bem como a apresentação do projeto de construção de “Vilas de Pescadores”.

social muito grande, trata-se de cargos bem-remunerados, em termos locais, ao mesmo tempo que nem sempre o nível de escolaridade ou experiência profissional anterior são critérios excludentes. Quando comparados com as demais possibilidades de trabalho do lugar, apresentam-se como oportunidades muito cativantes.

A partir do “exemplo” de pessoas que conseguiram melhorar de vida assim, esses sujeitos vão constituindo a noção de que, ter acesso a tais bens, também é algo possível para si. Esse movimento, em sua aparente desorganização, é altamente organizado e resulta de um aprendizado político, elaborado por esses trabalhadores em sua trajetória de vida e na experiência compartilhada de viver no lugar. A riqueza de Santa Helena, por sua vez, é considerada como algo que “não tem dono”. Sendo assim, pode ser de qualquer um, passando as pessoas a disputá-la, formulando reivindicações e noções de direito que dão sustentação aos seus argumentos, dentro desse campo de luta.

Essa disputa, contudo, não é necessariamente empreendida pelos trabalhadores por meio do acesso a cargos públicos. Ela pode ser buscada de diversas maneiras, como por meio de outras formas de trabalho ou pelo desenvolvimento de atividades comerciais e industriais. Nesse sentido, as frustrações que Marli atribui à sua saúde abalada e a um quadro de crise geral do país, podem estar relacionadas com o processo de falência que se anunciava para sua floricultura, conforme aponta em seu depoimento:

Aí foi que a gente teve a idéia de tentá por uma lojinha pra mim cuidá e tal. Só que hoje é difícil pra você... se mantê, assim, pra você mantê um comércio, né. A[h!], é muito, muito imposto que você paga, é muita... a burocracia é muito grande, né. Então, é... pra mim trabalhá, tipo assim, a floricultura, somente com arranjo, com vasinho, coisa leve, isso aí não vai dá pra [pausa] não dá pra mantê, né, a gente não consegue [pausa] sobrevivê de uma coisa assim. E pra [pausa] e pra trabalhá, que nem eu coloquei, produtos de jardim, coisas assim que são mais pesada tá me prejudicando. Então o que que acontece: eu vô tê que pará de, de, de, de trabalhá com isso ali e... e não posso mais, eu não posso, simplesmente não posso mais trabalhá em... serviço pesado, né.²⁶⁴

Segundo ela, a burocracia e os próprios problemas de saúde estavam a impossibilitando de continuar na atividade comercial. O comércio, no entanto, poderia ter sido a via pela qual Marli buscou o acesso aos recursos existentes em Santa Helena. Associada à expectativa de “trabalhar para si”, de ter o “próprio negócio”, poderia essa ser uma forma dela reivindicar, à sua maneira, parte da riqueza local. A impossibilidade de

²⁶⁴ Marli. Citada anteriormente. p. 2. Acréscimos meus. Parte inicial da entrevista, não houve pergunta em específico.

levar a empresa adiante pode ter sido a frustração não apenas de uma possível fonte de renda, mas também desse projeto constituído por ela.

É possível notar que alguns trabalhadores viam-se no “desenvolvimento” municipal, possuindo, por meio de seu trabalho, expectativas de melhorar de vida em Santa Helena. Enquanto isso, outros apresentavam uma espécie de desencanto para com o lugar. Em parte, noto que isso era ocasionado pela impossibilidade dessas pessoas conseguirem participar desse “progresso”, da maneira como desejavam.

Cabe observar que tais posicionamentos eram realizados independentemente das simpatias que esses trabalhadores eventualmente nutriam pela “situação” ou “oposição” a então administração municipal. Como se pode notar, ao longo do presente trabalho, na maior parte dos casos, não existe uma negação do “progresso” local. Ele é geralmente aceito, mas coloca-se em questão projetos diferenciados de como implementá-lo, utilizando-se da riqueza do lugar. A partir de tais perspectivas, as pessoas, geralmente, inserem-se nessa disputa.

Esses sujeitos, posso notar, também constituem posicionamentos políticos próprios. A aparente submissão às diferentes tendências político-eleitorais hegemônicas em Santa Helena, entretanto, parecem obscurecer o uso que esses trabalhadores também procuram fazer das elites locais. Sendo assim, afirmar suas reivindicações embasando-as em memórias e projetos formulados pelos grupos dominantes, também pode ser uma forma de torná-las mais difíceis de ser rejeitadas por tais setores. É preciso notar, assim, que não somente o enfrentamento, mas também a aproximação com as classes dominantes compõe a experiência desses trabalhadores no município. Sua atuação pode dar-se dentro de certos espaços dominados por outros estratos sociais, sem isso significar a anulação desses trabalhadores como *sujeito e classe*.

A luta para participar da riqueza local, no entanto, não se resume ao período posterior à década de 1990, quando começaram os pagamentos de *royalties* ao município. Ernesto Vazzatta, nesse sentido, quando decidiu rumar para o Oeste do Paraná, na década de 1960, também estava querendo participar da riqueza representada pelas terras planas e férteis da região, favoráveis à agricultura. Mudar-se para o município na década de 1970, como no caso dos pais de Paulo e Priscila, representou a conquista da propriedade da terra, tendo dessa maneira acesso à riqueza proporcionada pela agricultura local.

É possível perceber, no entanto, que houve transformações no decorrer desse processo. As demandas produzidas ao longo da década de 1960 e 1970, parecem ter sido mais de outra ordem. Nesse sentido, torna-se importante notar todo o empenho de Ernesto

Albuquerque, na disputa pelas terras em que trabalhava como arrendatário, ainda na década de 1970:

Que aqui é essa, essa área aqui foi... foi invadida, por um [sobrenome omitido pelo autor] que e... essa gleba aqui era do [nome do proprietário omitido pelo autor]. Então, [nome do proprietário omitido pelo autor] [pausa] era até muita a gleba, muito grande, então ele [o proprietário] foi vendendo, foi vendendo, foi vendendo [pausa] ficou setenta e oito alqueires aqui. Aí ele arrumou um intermediário que era o [primeiro sobrenome citado, omitido pelo autor], para ele acabar de vender o resto. E o [mesmo sobrenome anterior, omitido pelo autor] [pausa] foi vendendo alguns pera, a la, beirada por lá a Linha União [pausa] por aqui, algum lugar aqui pros [nome de família 1 omitido pelo autor], por ali. E ele foi vendendo, né. Aí, ficou, reservou, setenta e oito alqueires aqui pra ele, não tinha documento pra garanti nada, não tinha nada, nada, nada. Aí a tudo uns colônia aí: o [nome omitido pelo autor], o... [nome omitido pelo autor], o... o [nome omitido pelo autor] [pausa] uns quanto aí, né. [os agricultores proprietários vizinhos disseram:] “Larga disso aí” e nós pagando uma renda, cara, rapaz: trinta por cento. E aí eles diz: “larga de ser bobo, rapaz, essa terra aí o [primeiro nome citado, omitido pelo autor] [pausa] grilou ela, e você [pausa] e você vai [pausa] você, pára de pagar renda pra eles e [pausa] e você bota na justiça. Que essa aqui é terra grilada, que ele grilou do, do [nome do proprietário omitido pelo autor].” Aí nós fomos lá em Rondon, lá no tal de pastor Fuca [Werner Fuchs], não sei se tu ouviu falar (...). Aí fomos lá e conversamos com ele tinha o escritório lá. Demos todos os dados pra ele, bateu no papel tudo, tudo, diz: “Pode voltar para traz, vamos trabalhar tranqüilo, deixa pra nós”. Aí ele, enfrentou tudo e foi. Bateu por Curitiba, foi para Brasília e foi, bateu, bateu, bateu e foi com três anos o... naquele tempo era o Figueiredo, né, que era o presidente, liberou a área aqui pra nós, aí o INCRA [Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária] entrou e cortou [demarcou] pra nós.”²⁶⁵

A luta pela terra é tratada com muita ênfase no depoimento de Ernesto, sendo composto por tais relatos em sua quase integralidade. De maneira pormenorizada, o entrevistado vai narrando a experiência de trabalhar pagando renda para alguém que ele julgava ser o proprietário das terras, mas que se tratava de um grileiro. Na superação dessa situação, apresenta os conselhos de outros proprietários rurais que viviam ali próximos, para que ele deixasse de pagar o arrendamento, requisitando judicialmente as terras para si. Nesse sentido, emerge de seu depoimento a recorrência ao Pastor Wener Fuchs, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Esse religioso esteve, posteriormente, à frente da CPT – Comissão Pastoral da Terra, na luta dos desapropriados de Itaipu. Antes disso, já intermediava lutas de trabalhadores rurais na região, como percebo pela entrevista de Ernesto.

²⁶⁵ Ernesto Albuquerque. p. 3. Acréscimos meus. Fragmento da resposta à pergunta: “E nos primeiros tempos que o senhor veio morar pra cá, assim, vocês é... trabalhavam com o quê, assim?”.

Ao produzir sua narrativa, o entrevistado recorre a certas autoridades, ou pessoas que teriam uma posição social compreendida como mais “referenciada” que a sua, para apresentar a tomada de decisão de reivindicar aquelas terras. Aponta que a idéia inicialmente não era sua, mas de alguns vizinhos, famílias de agricultores proprietários rurais vindos dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, muito lembrados na memória pública local. Os procedimentos legais, por sua vez, são destacados como obra do Pastor Fuchs, sacerdote luterano lembrado por sua atuação junto às negociações com Itaipu e o governo federal na época das desapropriações. Por fim, destaca que a demarcação das terras teria sido autorizada por Figueiredo, então presidente da república sob a ditadura militar. Parece buscar, dessa maneira, construir a legitimidade de suas reivindicações, apoiando-se não apenas em si, mas na aprovação obtida junto a certas autoridades e demais membros da sociedade.

Após tomar a decisão de não mais pagar o arrendamento, Ernesto relata todo um conflito que seguiu-se, envolvendo um enfrentamento com o encarregado do grileiro das terras:

No início o senhor tinha que pagar renda, então, na, da terra.

É, eles queriam que nós [refere-se a ele e aos demais arrendatários que ali viviam] pagasse. Nós pagamos uns par de ano, né. Aí depois que, me deram esse conselho, esses, colono por aí, né, foi que nós paramos [pausa] de pagar renda pra ele. Aí o... [nome do encarregado do grileiro de terras omitido pelo autor] o que era o encarregado, que era... o encarregado do [sobrenome do grileiro omitido pelo autor] [pausa] os outros [trabalhadores rurais arrendatários] todos foram deixando o inço [ervas-daninhas] tomar conta da lavoura e foi se acabando, uma mancha aqui, outra lá, outra lá, outra lá, outra lá. E... e eu tinha me, meus filhos, eu e a mulher e os filhos, nós saía seis horas da manhã, ia chegar sete da noite. Toda dia da semana. Então, a lavoura vivia limpo, dava, dava um, um rendo [renda] dum óleo [de hortelã] que era uma maravilha, né. Então o [nome do encarregado do grileiro de terras omitido pelo autor] deixava de tirar a renda dos outros aqui, porque não tinha quase, não dava rendo nenhum. Porque o inço já tinha tomado conta. Aí só vinha cobrar a renda de mim. Só vinha cobrar a renda de mim. Aí quando foi uma hora [pausa] ele chegou lá em casa. Diz: “pois é, seu Ernesto, eu vim pegar minha renda”, eu digo: “É o seguinte, [nome do encarregado do grileiro de terras omitido pelo autor]: se você começar de lá do canto de lá [pausa] cobrar a renda de todos eles [pausa] até aqui [pausa] eu pago a minha também, mas se tu não, não cobrar dos outros que v, faz dois anos que você não, não pega a renda deles [pausa] e só está tirando de mim, eu também não vou pagar”. [pausa] Aí ele foi, e falou, disse: “Então vou caçar meus direitos”, digo: “então vai”. Se eu perder eu per, perco na justiça.²⁶⁶

Nessa situação, Ernesto toma como argumento a forma como era efetuada a cobrança do arrendamento, compreendida como injusta. Procura, dessa forma, demonstrar que

²⁶⁶ Idem. pp. 4. Acréscimos meus.

esforçava-se para tomar conta das terras, trabalhando muito. O trabalho, por sua vez, acaba por ser também um argumento para que ele construa sua noção de direito às terras:

Aí ele foi... quando foi outro o dia quando pes, “espero que não o [nome do encarregado do grileiro de terras omitido pelo autor] que chegou com o juiz”. Trouxe o juiz lá em casa. Aí eu contei o causo todo certinho pro juiz, né, que ele só cobrava renda de mim, só tirava de mim e eu com a casa cheia de filho e os outros aí tudo, a lavoura se acabando no meio do mato. [tosse] O juiz escutou, escutou eu contei tudo certinho e eu falei para o [nome do encarregado do grileiro de terras omitido pelo autor], digo “olha, se cobrar do a ponta de lá, até sair aqui, eu, estou de acordo a pagar renda, mas, se ele só tirando de mim o dos outros está, não cobra renda, então eu não vou pagar seu jus [juiz]”. Ele olhou para o [nome do encarregado do grileiro de terras omitido pelo autor], assim, disse: “olha, olha, [nome do encarregado do grileiro de terras omitido pelo autor], você está muito errado. O velhinho aqui está certo. Ele está em cima do pedido dele. Porquê, você para ser um homem honesto você tinha [que] tirar a renda de todos eles”. [pausa] “A nesse ponto aí você não adianta discutir com ele, não, ele paga se ele quer. Se quer ele paga, se não quer, você não pode obrigar e não tem lei nenhuma que possa obrigar ele a pagar.” “Porque você só está tirando de uma pessoa sozinho. Tirando o pão de cada dia da boca dos filhos.” [pausa] É. E eu era assim, direto, Natálio [fala para o meu pai], durante o tempo que eu tocava a lavoura era assim: seis horas da manhã e[u] saía chegar às sete da noite. Até o [nome do encarregado do grileiro de terras omitido pelo autor] chegava lá e falava, hu, às vezes chegava ali por seis e meia, por aí: “Mas seu Ernesto, o senhor se mata de trabalhar na roça.” Eu digo: “Justamente, eu trabalho porque eu não quero ver minha lavoura inçada [pausa] e não me dá lucro nem pra mim, nem pra você”. Aí. Terminamos assim e... depois o INCRA... a..., nós entramos na a, ação na justiça ... e a justiça ganhou pra nós, o INCRA cortou [demarcou] [pausa] cada qual o seu pedaço. Estamos tocando até hoje, né. Aí eu separei da mulher, (...) fui na justiça lá pra... pra ver se eu, acho [ou ôxe], pegava uma metade dos meus direitos, n, não consegui. Então estou vivendo na terra dos outros. Estou ganhando meu salariozinho porquê sou aposentado. Se não eu estava no fundo do poço.”²⁶⁷

Nessa situação, o entrevistado apresenta-se confrontando um suposto “juiz”. Ele tenta convencer essa autoridade de que não deveria pagar a renda. Não utiliza como argumento o fato da terra ser grilada, apresentando-se como “batalhador”, como quem trabalha arduamente, reclamando que os critérios de cobrança eram injustos e que ele não teria condições de pagá-los, em virtude de sua condição de pobreza, sob pena de deixar seus filhos passar fome.

Para além dessa situação ser real ou imaginada, Ernesto apresenta uma série de elementos que compõem a forma como ele vai constituindo a legitimidade de sua reivindicação. Nesse sentido, posso perceber que ele próprio precisou rever uma série de valores para perceber-se enquanto portador do direito àquela área de terras.

²⁶⁷ Idem. pp. 4-5. Acréscimos meus. Continuidade da resposta à pergunta reproduzida na citação anterior.

Cabe ressaltar, também, algumas questões que se relacionam com essa imagem de “homem trabalhador” que ele procura construir. Ernesto, nesse sentido, contrapõe sua acuidade para com as tarefas que desempenhava na propriedade rural com o suposto descuido dos demais trabalhadores arrendatários, que teriam deixado as lavouras serem tomadas por ervas-daninhas. Em passagem de seu depoimento, apresentada no capítulo anterior, ele destacou que essas pessoas também eram “do norte”, ou seja, migrantes vindos das regiões Nordeste e Sudeste do Brasil. Afirmava, de maneira até preconceituosa, que elas teriam mais “preguiça” do que “coragem”, tendo, em sua maioria, vendido as terras em períodos posteriores.

Percebo, todavia, que a memória que ele produz sobre esses trabalhadores não-sulinos acaba por se tornar um instrumento empregado em sua luta pela terra. Ernesto reafirma, assim, certos preconceitos existentes nessa sociedade e projetados sobre tais trabalhadores, procurando, no entanto, diferenciar-se deles para, assim, a partir do trabalho, afirmar seu direito à terra.

Apresenta-se como vitorioso ao final desse processo, apontando para a legitimidade de suas reivindicações com a aprovação obtida junto ao suposto juiz e ao presidente do país. A legalização de suas terras, entretanto, não ocorreu de imediato. Segundo afirma, o processo de separação de sua esposa acabou por dificultá-lo, sendo a área rural regularizada de maneira plena somente em período posterior, quando um de seus filhos já a administrava.

Pode-se notar, então, que nesse período as expectativas de melhorar de vida estavam embasadas em outros elementos, como na conquista de uma área de terras. Encontravam-se, nesse sentido mais ligadas ao trabalho, na conquista de melhores condições para realizar os serviços.

Houve durante as décadas de 1990 e 2000, uma ampliação da esfera do poder público, principalmente municipal, como catalisador das expectativas dos trabalhadores. Se nas décadas anteriores ele se apresentava apenas na solução de certas questões legais, nessa década ele aparece em um primeiro plano, como meio para o acesso aos recursos desejados.

Mesmo no final da década de 1980, quando o poder público parecia fazer-se mais presente nos projetos de alguns trabalhadores, a relação estabelecida é diferente daquela que se processou em décadas posteriores. Isso é perceptível ao prestar atenção nos meios empregados pela mãe de Juarez para viabilizar a mudança da família para Santa Helena. Apesar de suas expectativas de deixar o Leste do Paraguai e voltar a morar no Oeste do

Paraná passarem pela conquista de uma casa em um conjunto habitacional, obra produzida pelo poder público de então, a ação da esfera institucional aparece, na narrativa do entrevistado, não como um facilitador na resolução de seus problemas, mas, de maneira contrária, como um fator de complicação.

É preciso notar nesse processo, que o “trabalho” em tal sociedade passou para um segundo plano. As reivindicações, produzidas a partir da década de 1990, parecem colocar em questão mais o acesso à riqueza local, a esse “desenvolvimento” abstrato, tão apregoado pelas elites locais, mas vivido pelas pessoas enquanto possibilidade concreta de melhorar suas vidas e de obter sucesso financeiro.

Como ponto comum, em todo esse período que vai das décadas de 1960 a 2000, pode-se notar o maior uso do que seriam meios individuais para a reivindicação de direitos. Entre eles posso apontar a prática de procurar melhores condições de trabalho a partir da mudança de emprego ou mesmo a ocupação individual ou em família de áreas de terras, durante a década de 1970.

Essa relação mais individual, em contrapartida à ação de classe, é reafirmada mesmo quando alguns movimentos em grupo foram empreendidos. Pode-se notar nas memórias de Ernesto Albuquerque que os vários trabalhadores arrendatários daquela área grilada reivindicaram a posse da terra na justiça. Em sua narrativa, no entanto, ele ressalta apenas sua ação individual, silenciando sobre a relação que estabelecia com os demais trabalhadores arrendatários.

Em sua maioria, as sucessivas formas de organização dos trabalhadores de Santa Helena passam ao largo do modelo de “movimento social organizado”. Tal modelo toma como base os movimentos populares, muito atuantes no Brasil durante as décadas de 1970 e 1980, que contavam com o apoio de partidos políticos, sindicatos, igrejas e demais entidades comprometidas com as causas populares.

Localmente, entretanto, foi possível observar a atuação do “Movimento Paz e Terra”, organizado com o auxílio da CPT (Comissão Pastoral da Terra), entidade de cunho ecumênico, das CEB's (Comunidades Eclesiais de Base) da Igreja Católica e demais sindicatos e entidades representativas de trabalhadores rurais. Tinha como objetivo a defesa dos direitos dos agricultores que estavam sendo desapropriados pra a construção da usina hidrelétrica de Itaipu, no final da década de 1970 e início de 1980.²⁶⁸ Apesar dos

²⁶⁸ Fochezzatto, referindo-se aos agricultores desapropriados, aponta que suas reclamações eram correntes e relacionavam-se tanto a valores pagos pelas propriedades quanto a procedimentos adotados nesse processo. Com base na documentação e bibliografia levantadas em sua pesquisa, a autora destaca que os

esforços empreendidos pelo movimento e de algumas vitórias alcançadas,²⁶⁹ nem sempre existe uma identificação, por parte dos desapropriados de Itaipu, com os atos que foram promovidos por meio dessa forma de organização. Tal fator parece compor o depoimento de Olga, que, naquela ocasião, teve os terrenos onde ficavam sua casa e seu bar desapropriados:

Nós também, então nós, teve que pará com tudo e no, refuguei [rejeitei] três vez a... a indenização, que era muito pouca, aquela vez eles valorizaram o preço que tava aquela vez, mas como tudo ia embora, não tinha mais valor os lote aqui. Mas o... refuguei três vez, fui de volta pra Foz [do Iguaçu, sede da Itaipu Binacional] e na terceira vez eles, me falaram “Olha, se você não aceitá, nós o bota o dinheiro no... no, no juiz lá em... Foz do Iguaçu, você não ganho[ará] juro, vocês vão perdê, se vié água nós não temo compromisso, é... por responsabilidade de vocês, e vocês que sabe, se vocês não aceitá é pior pra vocês”, e no fim nós se obriguemo aceitá. Ganhemo três mil e duzentos de dois lote, e nós trabalhamos aqueles ano, eu com aqueles troco que eu ganhava no bar, dava pra nós, vivê pra comê e o que ele[s] ganhavam [refere-se ao marido e aos filhos] nós construímo, daí de material [alvenaria]. De seis [metros] por doze tudo de material, com porta de vidro, tudo, bem bonito, que se fosse hoje que eu sabia que, que não vinha a água eu não tinha aceitado de jeito nenhum nós podia tá hoje muito bem, lá. E assim nós, tive que aceitá e não se [aproximado: “falô”] que não vai, depois os meus filho, o mais velho já tinha casado. Pobre, também, não tinha onde se, onde í. Não deu pra, pra nós se colocá mais com esse dinheiro, até hoje eu tenho só essa casinha e o lote, e os filho tão sofrendo até hoje porque... eles trabalhava, até o... dia que eles casarem, o dinheiro levava dentro de casa pra nós podê comê e vivê. (...) E daí... ainda quando que... que nós tava lá em baixo [no Bairro Baixada Amarela, onde tinha o estabelecimento comercial], antes de, de, de, saí, lá de sê indenizado eles [desapropriados e integrantes do “Movimento Paz e Terra”] fizeram uma greve, veio umas dez mil pessoa, num sábado e domingo, veio a turma de fora [de outros municípios], eles fizeram lá, bem onde que nós tinha o bar, eu tenho muita fotografia ali guardado. Que... eles fizeram a greve.²⁷⁰

Nesse momento de seu depoimento, a entrevistada destaca as dificuldades vividas em Santa Helena, em virtude da desapropriação de seu imóvel para a construção de Itaipu. Traz, assim, uma outra memória desse processo, que geralmente costuma enfatizar apenas a desapropriação de agricultores. Em sua narrativa, ele constitui-se em mais um processo que teria desestabilizado sua vida financeira em um momento de relativa prosperidade. Conforme aponta, as dificuldades por que passou foram tamanhas que depois desse evento,

valores pagos pela empresa tomavam como base consultas realizadas em bancos, sindicatos de trabalhadores rurais e cartórios, sendo que esses últimos estabeleciam “valores fiscais”, portanto, abaixo dos valores de mercado, que as propriedades possuíam. In: FOCHEZZATTO. op. cit. p. 22-23.

²⁶⁹ A esse respeito, Fochezatto destaca a conquista, em 1980, de reajustes nos valores das áreas desapropriadas, embora afirme que não eram satisfatórios, em parte por não acompanhar a desvalorização da moeda. Aponta, ainda, que muitas vezes as promessas feitas em nome de Itaipu Binacional não eram cumpridas. In: Idem. p. 28, 78 e 82.

²⁷⁰ Olga. Citada anteriormente. p. 4. Acréscimos meus. Parte inicial da entrevista, não houve pergunta em específico.

ela e o marido chegaram a trabalhar como “bóias-frias”, ou seja, diaristas rurais, para poder sobreviver.

Como é possível perceber, em seu relato, Olga destaca sua atuação individual na busca por melhores valores para sua propriedade. Relata, assim, as viagens que realizou até o escritório central da Itaipu Binacional em Foz do Iguaçu e propostas alternativas que granjeou: *“(...) daí veio a indenização aquela daí terminô a nossa, nossa esperança toda, daí nós não conseguimos mais se colocá como nós tava lá em baixo. Até eu pedi se eles queriam, eu trocava e, que me colocasse aqui na avenida dois lote e uma casa, como eu tava lá, qualque jeito, mas não aceitaram, diz que, tinha que pegá em dinheiro. Mas só que não... deu mais pra nós se colocá com esse dinheiro.”*²⁷¹

Quanto ao movimento, ela o trata com um certo distanciamento, afirmando que “eles fizeram uma greve”. Apesar de considerá-lo importante, a ponto de citá-lo e manter fotografias tiradas naquele dia, ela parece não se reconhecer nele e nem dele querer tomar parte, mesmo que apenas em suas memórias. Isso pode apontar para a não-aceitação, por parte de Olga, dessa forma de organização como meio efetivo de luta por direitos.

Tal caráter parece estar presente, também, no momento em que Olga realizou a escolha de fotografias para ceder à minha pesquisa. Ela me mostrou, após a entrevista, as imagens que guardava consigo. Muitos aspectos de sua vida, não abordados no depoimento, foram sendo apresentados, como por exemplo no momento em que mostrou-me uma fotografia da década de 1980, com os cabelos compridos. Explicou-me que se tratava de uma promessa que havia feito, caso sua vida financeira melhorasse. Portanto, por meio dessa imagem, sua religiosidade era demonstrada.

As fotografias que me mostrou foram muitas. Perguntei à Olga se ela poderia escolher algumas que julgasse importantes para ela, que fossem significativas de sua vida. Ao final, as imagens que eu trouxe para reproduzir, depois desse encontro com ela, foram as seguintes:

²⁷¹ Olga. Citada anteriormente. p. 12. Fragmento da resposta à pergunta: “Dona Olga, a senhora podia falar um pouquinho mais sobre a vinda aqui pra Santa Helena, como é que foi é... que vocês decidiram vir, o porque que vocês vieram pra Santa Helena”.



A primeira fotografia (acima, à esquerda) é datada de 25/12/1977 e retrata uma reunião de família ocorrida em Itá (SC), fotografada por um profissional local não identificado. Colorida. Tamanho original: aproximadamente 9 x 13 cm (incluída a margem branca). A segunda (abaixo à esquerda) foi tirada em 26/01/1947, quando do casamento de Olga, em Itá (SC). Também fotografada por um profissional local não identificado. P&B. Tamanho original: aproximadamente 8,5 x 12,5 cm (incluída a margem branca). A terceira (acima à direita) e a

quarta (abaixo, à direita) foram tiradas, segundo Olga, entre 1978 e 1979, por alguém desconhecido. P&B (as duas). Tamanho original de ambas: aproximadamente 9 x 13,5 cm (incluídas as margens brancas).

Olga escolheu, então, a fotografia de seu casamento e uma outra em que ela, seus pais e irmãos estavam reunidos em Itá, Estado de Santa Catarina. A primeira, fotografada em vertical, coloca os noivos no plano central, tendo um fundo de estúdio no plano posterior. Foi produzida para simbolizar esse momento de sua vida. A outra, percebe-se que foi fotografada na casa onde foi realizada a festa. Tirada na horizontal, procura enquadrar a família que estava posando. O ambiente é descontraído, representando esse momento festivo, de encontro familiar.

Por meio dessa escolha, portanto, a entrevistada enfatizou a vida em família. No decorrer do processo de observação dessas fotografias, entretanto, a entrevistada também me entregou para olhar muitas outras fotografias e, entre elas, as duas imagens de protestos ocorridos em Santa Helena, organizados pelo “Movimento Paz e Terra”. Segundo ela, tal mobilização teria ocorrido entre os anos de 1978 e 1979.²⁷²

É possível observar que pessoas participantes desse evento tiveram a intenção de registrá-lo em fotografia, as quais se constituem, portanto, em memórias desse protesto. Essas imagens enfatizam, como fica visível, a participação popular no movimento. Sendo assim, uma delas enquadra um conjunto de pessoas reunidas, dando o sentido de “multidão”. Nela são retratados, em sua maioria, homens portando chapéu, procurando enfatizar a intensa participação dos agricultores desapropriados. A outra destaca as inscrições em um veículo, demonstrando o apoio popular recebido pela Pastoral da Terra, por parte de uma comunidade rural (Porto Verde) que seria inundada. Possuem o objetivo, como é possível perceber, de demonstrar e instituir uma memória dos laços que foram estabelecidos, por meio do movimento, entre pastoral e desapropriados.

O fato de Olga ter guardado por tanto tempo essas fotografias, de tê-las citado em seu depoimento e ainda apresentado para mim, aponta para o fato de que esse evento teve em algum momento de sua vida significados para ela. No momento em que realizava a pesquisa, no entanto, tal mobilização aparecia em seu relato mais como um marco de memória local, do qual havia sido testemunha, ressaltando, inclusive, que teria ocorrido próximo ao lugar onde morava e trabalhava com seu bar. Não eram tanto as lutas

²⁷² De acordo com Fochezzatto, várias mobilizações foram empreendidas pelo “Movimento Paz e Terra”, entre os anos de 1978-1981. Entre elas, destaca a realização, em Santa Helena, de duas assembléias, uma em 16 de outubro de 1978 e outra em 07 de abril de 1979 e de dois acampamentos, um em julho 1980 e outro em março de 1981. In: FOCHEZZATTO. op. cit. pp. 6-8 e 24-39.

empreendidas pelo movimento que estavam em questão, ao que parece (embora também o fossem), mas uma identificação que Olga faz de sua trajetória pessoal com certos marcos de memória local. Essa maneira de lembrar pode ser, também, uma das dimensões de “derrota”, do movimento, forma como Olga interpreta o processo de desapropriação e as tentativas de negociar-se com Itaipu.

Alguns desses fatores estiveram presentes não apenas em seu relato, mas também no ato dela entregar tais fotos para eu olhar, tal qual fez com tantas outras. Olga parecia também acreditar que, por ser historiador, elas poderiam interessar-me, entendendo que elas possuíam valor histórico. Ao final, a escolha por levá-las para reprodução acabou partindo de mim. Isso foi motivado não apenas por seu significado para a memória local, mas também pelo fato delas terem sido mencionadas pela entrevistada, durante seu depoimento. Pode-se afirmar, então, que as imagens escolhidas por ela para simbolizar sua vida foram as que apresentavam a família e o casamento, enquanto que as demais foram entregues para eu visualizar, mas que acabei por levar e também reproduzir, não possuindo, para a entrevistada, a mesma importância que as outras duas.

Uma das grandes propostas desse movimento, que acabou por não se concretizar, era o assentamento dos desapropriados rurais em áreas do próprio Estado do Paraná, sendo que o processo deveria ser assistido pelo INCRA.²⁷³ Olga parecia querer adaptá-la para o seu caso, no momento em que relata a negociação com os agentes de Itaipu, ao propor permutar seus dois lotes urbanos com benfeitorias na sede municipal de Santa Helena por outros em condições semelhantes, localizados na Avenida Brasil, em área favorável para que ela prosseguisse com suas atividades comerciais.

As experiências negativas de muitos desapropriados foram marcantes nesse processo.²⁷⁴ Muitos deles tiveram malogrado as tentativas de reconstruir suas vidas em outros lugares, voltando para o Oeste do Paraná em décadas posteriores. Outros tantos resolveram permanecer na região, em um ambiente em que as terras haviam inflacionado, ao mesmo tempo em que os centros urbanos locais entravam em crise.

Embora existam pessoas que saíram satisfeitas desse processo de desapropriação, o descontentamento com as formas como se procedeu a construção de Itaipu é marcante na sociedade local. Somados a outros fatores, tais frustrações, juntamente com a

²⁷³ Idem. pp. 25, 27, 48, 57-8 e 76.

²⁷⁴ Fochezzatto observa, por meio das entrevistas que realizou, o descontentamento da maioria dos desapropriados para com esse processo. Frisa, todavia, que existiram pessoas que conseguiram obter bons valores para suas propriedades. Portanto, não homogeneiza a experiência desses sujeitos. In: Idem. p. 79.

impossibilidade do “Movimento Paz e Terra” conseguir resolver todos os problemas então surgidos, podem estar colaborando até mesmo para a rejeição de tal modelo de organização, entre os trabalhadores locais, que podem estar compreendendo-o como inviável.²⁷⁵

As práticas adotadas mais recentemente por muitos trabalhadores de Santa Helena, embora estejam mais restritas à busca por melhorias nas condições de vida, em um plano individual ou de pessoas próximas, como parentes e amigos e, portanto, não tendo um sentido de classe como principal elemento norteador de suas ações, *é uma experiência de classe*. Foi algo construído ao longo das trajetórias de vida dessas pessoas, de seu fazer-se como classe e do aprendizado político obtido em Santa Helena.

Reitero, assim, que esse movimento, em sua aparente desorganização, foi algo construído pelos trabalhadores. Resulta das formas de atuar social aprendidas por eles, em busca da satisfação de suas demandas. Portanto, são práticas nas quais eles vêm-se, e por meio das quais buscam realizar suas expectativas. Suas memórias tornam-se, então, instrumentos políticos, no sentido de referenciar suas reivindicações, principalmente, a partir de elementos da memória pública. Desse modo, elas se inserem em uma dinâmica tensa, uma arena de disputas que visa o acesso àquilo que esses sujeitos compreendem que o lugar tem a lhes oferecer e também ser de direito seu. Na década de 1990, isso se materializou na riqueza advinda com os *royalties*, cujo núcleo de decisão encontra-se no poder público municipal, que, por sua vez, também acaba sendo objeto de disputa.

Existem limites, entretanto, impostos pelos trabalhadores aos projetos elaborados em torno do governo municipal, bem como às memórias produzidas na esfera pública. Nesse sentido, posso apontar para as diferentes dimensões adquiridas pelas versões do passado que tratam da relação entre o município e a construção de Itaípu. Apesar desse não ter sido um tema muito privilegiado por mim, de maneira que assumisse uma posição central em minhas preocupações de pesquisa, essa foi uma questão que, de certa forma, fez-se presente nas narrativas orais.

Pude notar a existência de muitas memórias também desse processo. As recordações, em alguns casos, de tal evento apontavam uma certa indiferença para com ele, nutrida por certos trabalhadores entrevistados, mesmo por alguns que foram diretamente atingidos

²⁷⁵ É preciso frisar que esse quadro não pode ser generalizado para toda a região, haja vista a atuação de certos movimentos, principalmente ligados à luta pela terra. Embora não tenham uma permanência maior em Santa Helena, como local de desenvolvimento de suas atividades, pessoas do município integraram-se neles. Essa forma de organização, entretanto, não é adotada pela maioria dos trabalhadores do município, nas lutas que empreendem localmente, parecendo ser uma possibilidade pouco sondada por eles.

pelas desapropriações realizadas para a formação do reservatório da usina. Tal fator parecia denotar que essas pessoas reconstruíram suas vidas, no período posterior, de maneira que suas lembranças foram produzidas dentro de outros marcos. Itaipu, em suas vivências, não parecia corresponder à ênfase que lhe é concedida pelas memórias produzidas na esfera pública.

No entanto, quando a construção da hidroelétrica era mencionada com maior ênfase, mesmo por pessoas que não chegaram a sofrer o processo de desapropriação, como Hilário, as recordações costumavam evocá-la como um marco negativo, de decadência local. Em nenhum momento, como ficou muito claro, tal processo foi lembrado como um marco de “desenvolvimento”, significado do qual a própria obra é cercada e que, em Santa Helena, algumas versões dessa memória da esfera pública, apontadas no primeiro capítulo,²⁷⁶ traduzem buscando instituir a noção de que a formação do lago teria sido um ato inaugural da implementação do turismo no município.

Tal fator pode estar relacionado com o pouco eco que noto ter o projeto de desenvolvimento do turismo, junto a diferentes segmentos da sociedade local. Mesmo, em alguns momentos, sendo considerada uma área importante a ser desenvolvida, as expectativas populares, e até de certos setores do empresariado local, não pareciam corresponder à grande centralidade que o governo municipal chegou a conferir para tal projeto. Talvez esse tenha sido um dos motivos pelos quais a nova administração municipal, em 2005, parecia estar repensando o turismo, em detrimento de um maior atenção conferida a outros setores da economia local.

Nesse momento de reorientação das políticas públicas do município, o próprio *Correio do Lago*, no editorial de sua edição de número 6,²⁷⁷ chegava a apontar a necessidade de refletir-se sobre o uso dos *royalties* recebidos pela prefeitura municipal, que, segundo o jornal, chegavam, naquele mês, à marca de 200 milhões de dólares, recebidos desde o início da década de 90. Quanto ao turismo, esse meio de comunicação recomendava: “*A oportunidade de crescimento aos comerciantes e industriais da região, aplicação racional no turismo, sem viajar em ilusórias intenções, querendo trazer turista da Europa, esquecendo do vizinho, a agro-industrialização que se achega lentamente tudo isso pode ser o caminho da nossa sobrevivência*”.²⁷⁸

²⁷⁶ A esse respeito ver no “Capítulo I”, pp. 91-3.

²⁷⁷ “200 PAUS”. In: *Correio do Lago*, Santa Helena/PR, ano 1, n.º 06, p. 02, agosto de 2005.

²⁷⁸ Idem. Ibidem.

A matéria parece estar criticando algumas propostas do governo municipal anterior, que conferia uma ênfase muito grande ao turismo. Isso aponta para o pouco engajamento a tal projeto, tanto do periódico e como do setor comercial ao qual vincula-se, defendendo investimentos também em outros setores, como indústria e comércio, e projetos, como o da agroindustrialização. Além disso, procura instituir a idéia de que as propostas que apresentam são essenciais à sobrevivência do município, buscando, ainda, angariar o apoio dos leitores, que pertencem a diversos segmentos sociais, a essa reorientação na implementação do “desenvolvimento municipal”.

Esse pouco envolvimento com o projeto de desenvolvimento do turismo em Santa Helena também ficou patente no trabalho com as fontes orais. Pude perceber, entre os trabalhadores entrevistados, que o turismo não costumava gerar grandes expectativas, também para eles. Como “desenvolvimento municipal”, eram considerados, geralmente, os recursos recebidos pela prefeitura municipal e as obras, em especial as de infra-estrutura, por ela realizadas.

Certos pontos turísticos, como o “balneário”, eram apresentados pelas pessoas mais como espaços para a realização de práticas recreacionais e diversão do que como projetos voltados ao “desenvolvimento” local ou sobre os quais depositassem expectativas de melhorar de vida. O turismo, assim, na maior parte dos casos, acaba sendo ressignificado pelas pessoas como *lazer*, não ocorrendo uma simples incorporação de tal projeto em termos iguais ou próximos àqueles formulados pelo poder público.

A vida das pessoas, entretanto, não se resume à luta para ter acesso a essa riqueza local. Em sua vida social, de acordo com o que expus até o presente momento, tais sujeitos produzem expectativas, elaboram projetos e deparam-se com frustrações. Algumas dessas demandas por elas produzidas situam-se além, ou mesmo, não podem ser resolvidos a partir de recursos financeiros.

Quanto a isso, cabe ressaltar o depoimento de Ernesto Vazzatta. O acesso à riqueza do município lhe foi possível com a venda de sua chácara para a prefeitura municipal, o que possibilitou sua mudança para a sede do município. Apesar disso, suas frustrações acabam apontando para outras direções. Referem-se a seu estado de saúde abalado e à vida que leva no novo local em que passou a morar, em virtude da impossibilidade dele conseguir reconstruir hábitos e práticas na sede municipal e poder viver de uma maneira mais satisfatória, apesar de sua doença.

Essa questão de expectativas construídas para além da reivindicação da riqueza local, foi apresentada de maneira bastante complexa por Maria,²⁷⁹ 40 anos, dona-de-casa. Nascida no Estado de São Paulo, aos dois anos de idade mudou-se com a família para o Norte do Paraná, vindo posteriormente morar em Ibiracema, distrito do Município de Três Barras do Paraná, no Oeste do estado. Na década de 1990 transitou por Ibiracema e Santa Helena, indo viver em Curitiba, mas retornando posteriormente. Sobre os lugares por onde passou, Maria narra em um tom até de certa forma melancólico:

(...) Aí ele... [o pai] deixô essas criação, nós na época, eu antes dele morrê, eu fui, eu casei, tava já casada com... [pensa um pouco] seis anos parece, seis... seis, sete ano acho que eu tava casada, né. E daí depois eu mudei aqui para Santa Helena, na época que ele morreu, eu mudei aqui pra Santa Helena, fiquei aqui um ano, e vol, um ano e dois mês e voltei lá pra Ibiracema de volta, onde nós moramos, né. Onde foi, acabei de me criá foi no Ibiracema. Aí morei lá... mais... dois anos mais [pausa] quatro ano eu morei lá, aí vim embora pra Santa Helena onde eu tô até hoje. Fui pra Curitiba, dois ano eu morei lá, daí de Curitiba viemo pra cá. Hum. Daí... Curitiba era bem legal, mas só meu marido não quis ficá lá, né. Ele foi assaltado um dia lá e ele não quis mais ficá lá. Ele só recebeu os direito [rescisão de contrato de trabalho] dele lá e daí já viemo embora pra cá, e aqui nós tamo até hoje, tem [pausa] nove ano que nós tamo em Santa Helena. Fez o dia dezesseis de maio.

Nove anos.

*Nove anos já. E aqui pra mim, até agora, eu não tinha vontade, eu não gostava de Santa Helena. Mas daí ele não... não quis mais saí daqui. Daí meus parente, né, tem minhas irmã que moram em Cascavel, mora em Toledo, mora em... Guaraniaçu. Daí... [parece “engolir” palavras: “ele não”] quis voltá pra lá. Fico aqui mesmo, até o fim da minha vida. Meus filhos, né, junto comigo.*²⁸⁰

Maria preferia, conforme aponta, morar em Curitiba. Voltar a viver no Oeste do Paraná, mais especificamente em Santa Helena, foi um desejo de seu marido, que possui familiares nesse lugar (os pais, atualmente falecidos, e irmãos). Maria é enfática em afirmar que não gostava de viver no Município de Santa Helena, onde já havia morado durante um ano, antes de voltar para Ibiracema, local de onde partiu para Curitiba.

A entrevistada destaca, em sua narrativa, uma série de dificuldades que vive em Santa Helena. Afirma que possui problemas de saúde que a dificultam de trabalhar, enquanto que seu marido está constantemente desempregado. Vive no Conjunto Santa Rita de Cássia, local estigmatizado no município, de acordo com o que expus anteriormente. Fator esse, que se faz presente em seu depoimento. Não nega, todavia, os elementos que

²⁷⁹ Maria (nome fictício dado o conteúdo de seu depoimento). 40 anos. Dona-de-casa. Mudou-se para Santa Helena duas vezes, sendo que a última foi em 1995. Entrevista gravada em 13/07/2004, na casa de Glades, sua amiga, no Conjunto Santa Rita de Cássia, onde moram, no Município de Santa Helena.

²⁸⁰ Idem. pp. 1-2. Acréscimos meus. Parte inicial da entrevista, não houve pergunta em específico.

seriam a origem do preconceito sobre o local. Ao contrário, os reafirma, destacando, porém, um distanciamento que manteria para com os demais vizinhos, com exceção de Glades, que seria sua única amiga ali. Uma de suas grandes expectativas, então, seria a conquista da casa própria, em um conjunto habitacional que estava em fase de construção. Essa seria uma forma dela querer participar da riqueza do lugar, já que se trata de uma obra da prefeitura municipal.

Apesar disso, Maria nutria outros desejos. O principal deles era deixar Santa Helena, e ir morar em outros municípios da região, nos quais viviam seus irmãos. Esses, todavia, seriam locais *possíveis* para mudar-se, mas não *ideais*, já que essa característica reserva à Curitiba, para onde seu marido não quer mais voltar.

Segundo a entrevistada, em Curitiba ela e seu marido viviam relativamente bem com os filhos, tendo conseguido empregar-se. Essa decisão, de não mais morar na capital do estado, teria partido dele, tendo como fato decisivo um assalto do qual fora vítima:

[inaudível] vocês foram, então, pra Curitiba? Depois.

Depois que a minha mãe morreu, sim. Eu voltei lá, daí, morei lá perto até ela lá, [inaudível] dentro de Ibiracema eu m, morei. Aí... ela morreu daí passado um mês, nós fomo embora pra Curitiba. Dia que tava completando um mês que ela morreu, tava chegando em Curitiba. Nós viajemo à noite daqui, no outro dia, chegemo lá [inaudível] que tava fazendo um mês. Tinha morrido e..., fiquei lá dois ano, e dois mês.

Ah, tá. Vocês faziam que tipo de atividades lá em... você trabalhava com o quê...

Lá o meu marido trabalhava na... aí, eu não me lembro o nome da f..., da firma que ele trabalhava lá. Aí, se eu acho que é [omitido pelo autor]. Três, acho que é [omitido pelo autor] onde que ele trabalhava. Fiquemo lá... dois anos, também dois mês daí... daí ele quis vim embora aqui pra Santa Helena. Daí na época o pai dele morreu, daí depois a mãe dele muito doente. Daí ele não quis ficá lá também, né. Ainda que ele foi assaltado, daí não quis ficá. Ele já não tinha vontade de í pra lá, ele foi por teima [teimosia] minha, que eu teimava com ele de í pra lá, daí ele foi, né, mas não que ele gostava de lá. Eu falei: “eu sempre gostei de Curitiba, mas ele não qué í pra lá mais”. Daí assaltaram ele de dia lá, no sol quente, né, assaltaram ele. Pra ele não... não perdê a vida ele, deu a carteira de documento, o dinheiro que ele foi tirá lá na Caixa [Econômica Federal] que ele, o seguro-desemprego que ele foi tirá ele teve que, dá tudo pros ladrão, que se não os ladrão falô pra ele: “ou o dinheiro ou a vida”. E quando ele foi tirá a carteira pra tirá o dinheiro, eles pegaram e... e bicaram o revólver nele, aí [aproximado: “falô”]: “deixa tudo com nós”. Ele perdeu os documento, ele fez tudo aqui, quando ele mudô aqui.

Uhum. Teve um assalto, lá, [aproximado: “no caso”].

*Sim, um assalto ele teve.*²⁸¹

²⁸¹ Idem. pp. 11-12. Acréscimos meus.

O assalto aparece, aqui, como o marco da decisão do casal retornar ao Oeste do Paraná. Como se pode perceber, tal evento os chocou, a partir da sensação de insegurança proporcionada, principalmente, ao marido de Maria. Apesar disso, é possível notar que ele já apresentava resistência em mudar-se para a capital paranaense, ainda quando vivia em Ibiracema. Esse apreço por Curitiba, portanto, era algo mais restrito a ela.

Seu descontentamento para com Santa Helena, local que contrapõe a Curitiba, pode estar relacionado com os problemas que encontrou nesse município. Nas duas vezes em que se mudou para ali, teve que morar com a sogra, com quem não se dava muito bem. Na última vez, deixou a casa dela, passando a viver uma série de problemas relacionados à moradia. Além disso, afirma que a situação profissional de seu marido é complicada, atuando geralmente em trabalhos temporários e conseqüentemente tendo a família que passar por dificuldades financeiras. Há que se notar, também, que Santa Helena é local onde vivem os parentes dele e uma das expectativas da entrevistada é de morar próximo aos seus.

A casa própria, nesse sentido, é um sonho possível, dentro das oportunidades limitadas que ela encontra em sua vida. Suas expectativas maiores são, porém, de deixar Santa Helena, para tentar a vida em outros lugares. A riqueza local não consegue, assim, dar conta de todas as demandas produzidas por Maria, e possivelmente de tantos outros trabalhadores, mesmo sendo ela uma pessoa que passa por tantas dificuldades. O lugar aparece em sua narrativa por meio da rejeição, embora isso não a impossibilite de ali levar sua vida adiante.

É preciso notar, assim, que reivindicar a riqueza do local aparece como uma possibilidade para os trabalhadores. São questões tratadas em suas consciências e que fazem parte de sua vida social. Mais do que isso, compõem sua experiência de classe, em Santa Helena e no Oeste do Paraná.

Apesar de muitas pessoas projetarem suas expectativas sobre o local, ele não dá conta de “aprisionar” as trajetórias desses sujeitos. Nesse sentido, fica visível, como no depoimento de Maria, o desejo ou a atitude de mudar-se para outros lugares.

Em busca de sua sobrevivência e da realização de seus sonhos, esses sujeitos vão constituindo um mapa que é próprio de seu viver. Percebo, no entanto, que muitos deles constituem uma relação com o Oeste do Paraná, sendo então que Santa Helena, a região e o próprio Paraná, em muitos casos, acabam por confundir-se.

Como foi possível notar, ao longo do presente capítulo, e do trabalho em geral, muitos sujeitos transitam por entre os municípios da região. Mudar-se, dentro do Oeste do

Paraná, aparece em seus relatos como mera transferência, não como uma ruptura, ou “migração”. Esse movimento parece ter se tornado mais intenso nas décadas de 1980 e 1990, embora a busca por centros maiores, como Curitiba e outras regiões do país continuem sendo uma constante entre os trabalhadores da região.

Essas pessoas, em suas trajetórias, vão reconstituindo seus modos de vida, produzindo sonhos e expectativas. Em Santa Helena, pude notar, foram criando maneiras de viver e trabalhar, por meio das quais tecem uma relação complexa com o campo e a cidade. Nesse sentido, elementos rurais e urbanos vão sendo associados em sua cultura, ao mesmo tempo em que uma fronteira entre ambos vai sendo construída. Além de contraditório, tal movimento é dinâmico, não sendo produzido por todos da mesma maneira.

Nessa vida que vai sendo reinventada constantemente, os sujeitos vão realizando um aprendizado político. Ele é utilizado continuamente, ao elaborar demandas e reivindicar direitos. Os elementos constituintes dessa sociedade, portanto, estão em disputa. Ficou patente, assim, o uso que as pessoas do lugar fazem de suas memórias, como instrumento político.

Mais do que constatar a pluralidade de trajetórias e maneiras de viver constituídas pelos trabalhadores de Santa Helena, foi-me possível notar como eles utilizam suas lembranças para afirmar seu *direito ao lugar*. Nesse processo, eles constantemente afirmam os elementos dessa memória pública local. No entanto, o fazem a partir de referências que possuam sentido em suas vidas, “subvertendo” as intencionalidades dessas versões do passado que passam a dar sustentação aos planos traçados pelos próprios trabalhadores.

Tais planos, em muitos momentos, podem convergir com aqueles traçados pelas elites locais. Em seu movimento, os trabalhadores podem “ver-se” em tais projetos ou, mais comumente, perceber neles “frestas” a partir das quais procuram alcançar a realização de desejos que lhes são próprios. Podem, assim, usá-los de acordo com seus interesses, a partir das limitações presentes em sua realidade. Em outros momentos, no entanto, suas expectativas podem estar mais distantes, como no desejo de deixar o lugar.

Se as expectativas das pessoas nem sempre se limitam ao local, enquanto que campo e cidade não estão nitidamente definidos e ao mesmo tempo em que a região e o município confundem-se, cabe uma pergunta: o que é Santa Helena, então? Prefiro pensar que tanto Santa Helena, quanto o Oeste do Paraná, de uma maneira geral, conformam *um lugar*. Constituem-se, assim, em terreno comum de muitas experiências compartilhadas, a partir

do qual produzem-se expectativas e constroem-se projetos. É, portanto, sonho, luta e o reinventar de muitas vidas.